

<b>FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2</b>	
<b>Nome da Pasta</b>	ECONOMIA_DAS_RELIGIÕES_RE69.21
<b>Autor/Instituição</b>	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
<b>Número de Documentos</b>	1
<b>Quantidade e tipo de documentação</b>	1 caderno que contém a digitalização de uma apostila sobre religião. Total de páginas: 77.
<b>Dia/ Mês/Ano</b>	2007
<b>Formato</b>	Ofício
<b>Resumo</b>	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde este caderno contempla artigos, recortes e páginas de veiculados de jornais, revistas e sistemas da imprensa brasileira e alemã sobre religiosidade no Brasil. Este conjunto documental também contempla uma compilação de artigos intitulada “Economia das Religiões”, coordenação de Marcelo Côrtes Neri, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, (FGV)/IBRE, CPS, 2007.
<b>Palavras-Chave</b>	Religiões; Economia; Religiosidade; Estado; Sociedade.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



<p><b>Notas explicativas</b></p>	<p>Em nota, na compilação de artigos de “Economia das Religiões” há o seguinte trecho: “Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões nele emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getúlio Vargas”.</p> <p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>Lista das páginas em língua estrangeira: 51, 69 e 70.</p>
----------------------------------	--

Economia das Religiões

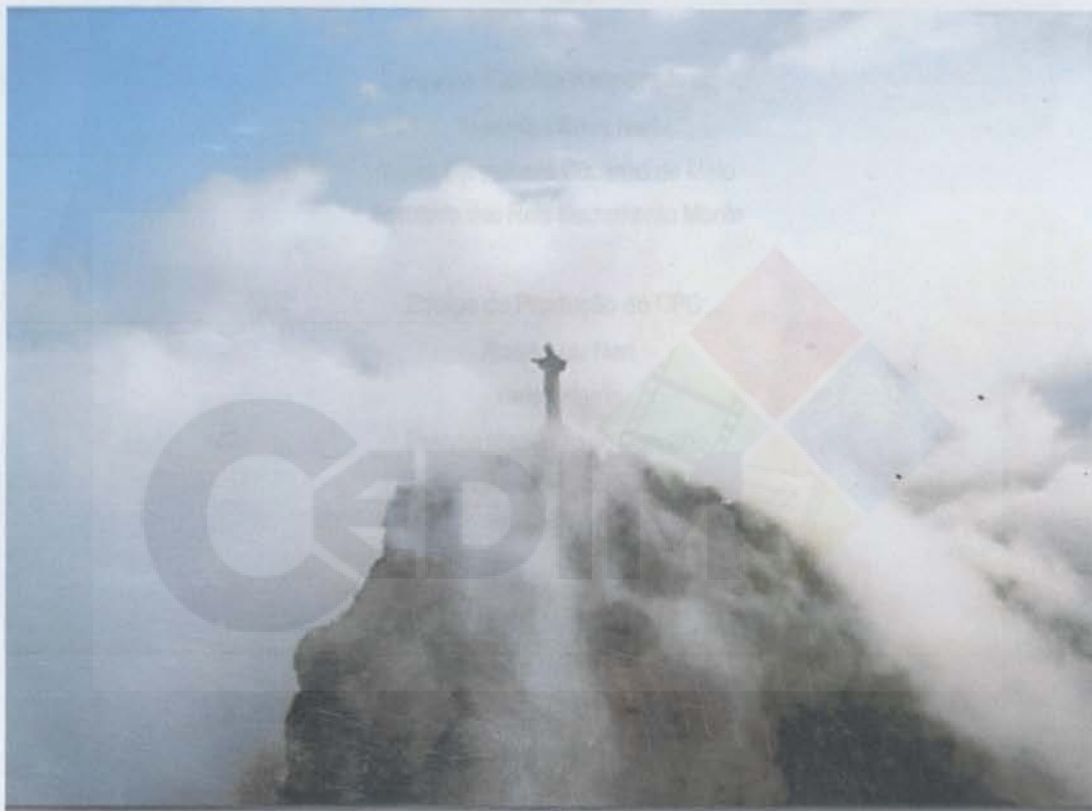
# Economia das Religiões

Coordenadora:

Cláudia Faria

Coordenador:

Cláudia Faria



2007



[www.fgv.br/cps/pesquisas/religioes](http://www.fgv.br/cps/pesquisas/religioes)

1

Institut für Brasilienkunde

RE 69.21

Bibliothek

02 05 16

## Economia das Religiões

### Sumário Executivo

#### Coordenação:

Marcelo Neri  
mcneri@fgv.br

#### Equipe Técnica Responsável:

Marcelo Côrtes Neri  
Luisa Carvalhaes Coutinho de Melo  
Samanta dos Reis Sacramento Monte

#### Equipe de Produção do CPS:

André Luiz Neri  
Helen Harris  
Paloma Madanelo de Carvalho  
Carolina Marques Bastos

#### Apoio:

Ana Lúcia Salomão Calçada  
Ana Beatriz Urbano Andari  
Gabriel Buchmann

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getúlio Vargas.

**Economia das Religiões / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007.**

[51] p.

1. Religiões 2. Economia 3. Mudanças Recentes 4. Revolução Feminina 5. Ciclo de Vida 6. Crise Metropolitana 7. Presença do Estado 8. Violência I. Neri, M.C.; Carvalhaes, L.; Monte, S.R.S. II. Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia. Centro de Políticas Sociais.

©CPS/IBRE/FGV 2007

## Economia das Religiões

### Sumário Executivo

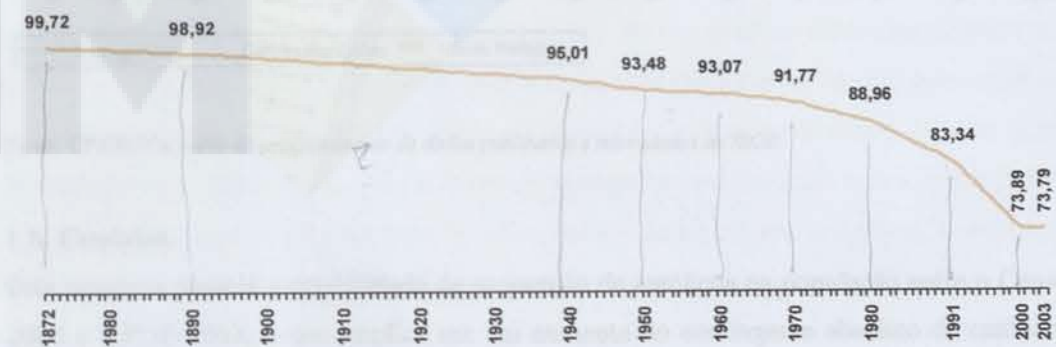
#### 1. Introdução

##### 1.a. Motivação

A análise da evolução do conjunto de variáveis sócio-econômicas dos últimos Censos Demográficos, aí incluindo casamentos, fertilidade, ocupação, renda, acesso a bens, entre muitas outras, revelam que poucas mudaram tanto durante a década de 90 quanto as que se referem à composição religiosa da população brasileira. A taxa de participação dos católicos no país, que já vinha caindo desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, passa a cair a taxas aceleradas nos anos 90 - atingindo mais de 1 ponto percentual por ano - reduzindo-se de 83,3% em 1991 para 73,89% em 2000. O trabalho atual demonstra, a partir do processamento de microdados de alta qualidade estatística produzidos pelo IBGE, que pela primeira vez em mais de um século a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se surpreendentemente estável no primeiro quarto de década, com 73,79% em 2003, conforme o gráfico abaixo ilustra<sup>1</sup>.

Anteil der  
Katholiken

Brasil: Participação de Católicos na População - 1872 a 2003



2010

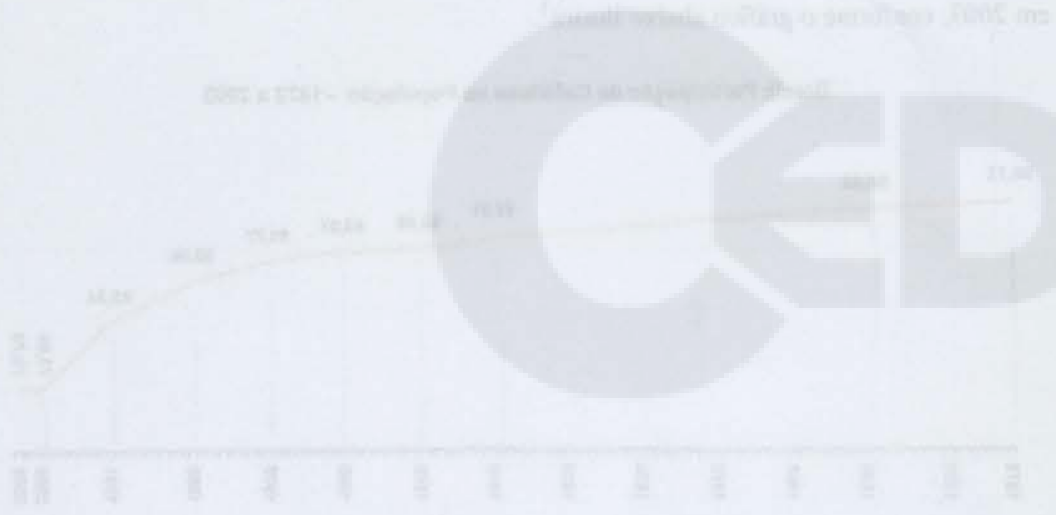
Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

<sup>1</sup> As nossas estimativas a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2003) do IBGE indica que proporção de católicos de 73,79% se mantém estável em relação a proporção de 73,89% estimada para 2000. Como a amostra da POF é extraída direto do Censo e é representativa do país inteiro incluindo as áreas rurais da região norte por exemplo, como a POF possui o mesmo tipo de pergunta e especificação do questionário censitário e compreende mais de 200 mil observações individuais, temos plena confiança na qualidade da comparação dos dados aqui apresentados.

Economia das Religiões  
Sumário Executivo

1. Introdução  
1.1. Metodologia

A análise da evolução da religião no Brasil é um tema complexo e multifacetado. Este relatório apresenta uma visão geral das tendências observadas nos últimos anos, com base em dados estatísticos e pesquisas de opinião pública. O objetivo é fornecer informações úteis para a compreensão do cenário religioso brasileiro e suas implicações econômicas e sociais.



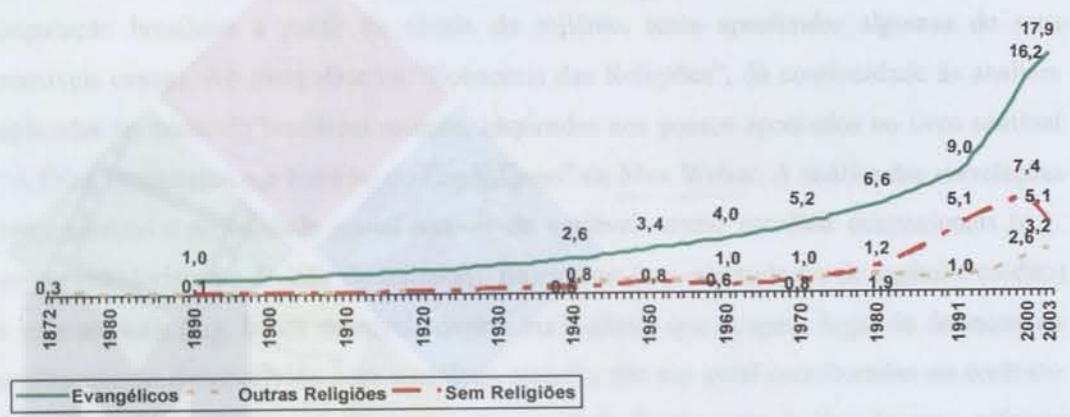
Os evangélicos, aí incluindo-se tanto os ramos tradicionais quanto pentecostais, seguem a sua trajetória de crescimento, passando de 16,2% para 17,9% nos primeiros anos desta década, mas agora angariando seu público entre os sem religião, cuja participação cai de 7,4% para 5,1%. Ou seja, a religiosidade está em alta no Brasil na alvorada do novo milênio. Os evangélicos tradicionais, embora em menor número que os pentecostais desde 1980, seguem crescendo a taxas mais aceleradas que os últimos, sendo esta outra novidade a ser ressaltada.

2000 - 2003

?

?

Brasil: Participação na População - 1872 a 2003

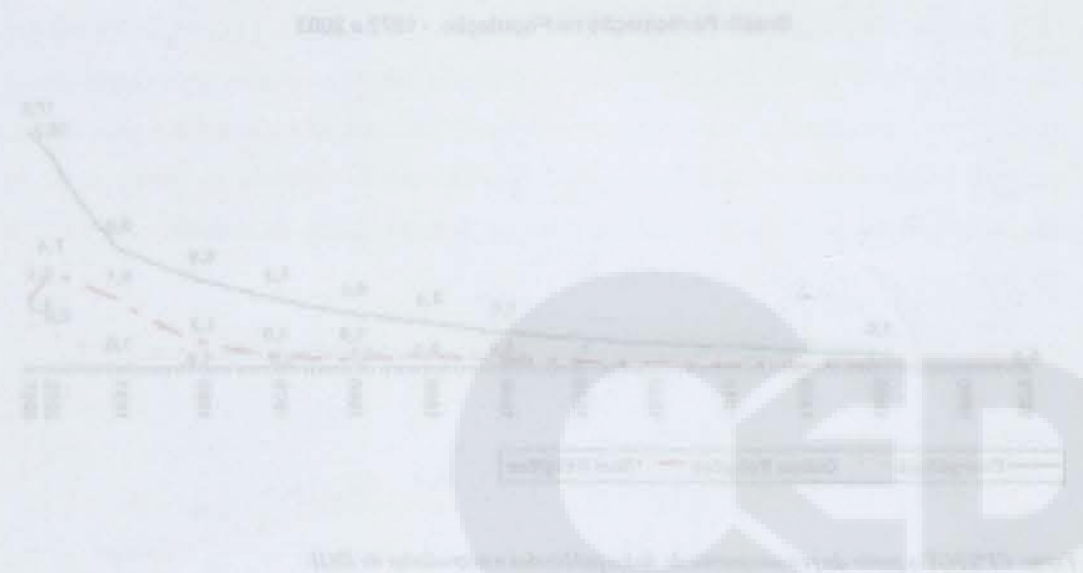


Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

1.b. Cenários

Esta pesquisa pleiteia a estabilidade da proporção de católicos na população entre o Censo 2000 e a POF 2003, o que implica em um aumento do contingente absoluto de católicos acompanhando o crescimento populacional de 125,53 milhões em 2000 para 129,76 milhões de pessoas em 2003. Usando a população de hoje de 188,7 milhões e a proporção de 2003 teríamos hoje cerca de 139,24 milhões de católicos no Brasil, o que seria um cenário irrealista.

Os evangélicos, e sobretudo os pentecostais, são os responsáveis por grande parte do crescimento da população religiosa no Brasil. Em 2000, a população evangélica brasileira era de 26,15 milhões, sendo 18,67 milhões pentecostais e 7,48 milhões tradicionais. Em 2003, a população evangélica brasileira era de 33,74 milhões, sendo 23,57 milhões pentecostais e 10,17 milhões tradicionais.



Esta pesquisa revela a contribuição da população evangélica para o crescimento da população religiosa no Brasil. Em 2000, a população evangélica brasileira era de 26,15 milhões, sendo 18,67 milhões pentecostais e 7,48 milhões tradicionais. Em 2003, a população evangélica brasileira era de 33,74 milhões, sendo 23,57 milhões pentecostais e 10,17 milhões tradicionais.

Se fizéssemos o mesmo cálculo para os Evangélicos, usando a população de hoje de 188,7 milhões e sua participação em 2003 teríamos hoje 33,74 milhões de evangélicos no país, sendo 23,57 milhões de pentecostais e 10,17 milhões de tradicionais. Notem que em 2000 tínhamos 26,15 milhões (18,67 milhões pentecostais e 7,48 milhões tradicionais).

### 1.c. Economia das Religiões

Pesquisa anterior do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (CPS/IBRE/FGV) intitulada “Retratos de Religião no Brasil”, lançada em abril de 2005, mapeou a evolução da composição das crenças religiosas até o Censo 2000, confirmando movimentos apontados por outros autores. A presente pesquisa, além de revelar em primeira mão a surpreendente inflexão das tendências da composição dos credos da população brasileira a partir da virada do milênio, tenta aprofundar algumas de suas possíveis causas. Ao mergulhar na “Economia das Religiões”, dá continuidade às análises aplicadas ao contexto brasileiro recente, inspiradas nos pontos apontados no livro seminal “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber. A análise das correlações entre crenças e mobilidade social através de variáveis como escolhas ocupacionais (e.g. empreendedorismo e divisão do trabalho), financeiras (e.g. acumulação de capital e crédito) e educacionais (e.g. busca de níveis ensino mais altos), que ocupam lugar de destaque na argumentação desenvolvida pelo sociólogo alemão, são em geral corroboradas no contexto brasileiro. Uma diferença importante entre a referência europeia da ligação entre reforma protestante, revolução industrial e desenvolvimento capitalista de Weber e aquelas aqui estudadas é o aumento relativo do número de evangélicos pentecostais e dos sem religião. Procuramos estudar a relação entre o crescimento destes ramos religiosos e aspectos econômicos através do que denominamos de ética pentecostal. O paralelo é que, enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, segundo a abordagem a ser testada as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria uma marca dos ramos religiosos emergentes hoje no Brasil - e na América Latina. O contexto de estagnação econômica das chamadas décadas perdidas de 80 e 90 do século passado teria propiciado, tanto por elementos de demanda como de oferta, a busca de novas modalidades de inserção produtiva



para lidar com as dificuldades materiais percebidas e de ocupação em meio a crescentes taxas de desemprego e de precarização do trabalho.

A abordagem consiste em relacionar a demanda por novas opções religiosas - aumento dos pentecostais e dos sem religião - a choques econômicos e sociais adversos, como as chamadas crises metropolitanas e de desemprego, violência, favelização, informalização, entre outras. Neste caso identificamos com clareza a emergência de grupos pentecostais e dos sem religião entre os grupos perdedores da crise econômica e, em particular, no que tange ao aspecto metropolitano da mesma. Os dados demonstram claramente que a velha pobreza brasileira (e.g. áreas rurais do nordeste mais assistida por programas sociais) continua católica, enquanto a nova pobreza (e.g. periferia das grandes cidades mais desassistida) estaria migrando para as novas igrejas pentecostais e para os chamados segmentos sem religião<sup>2</sup>.

A pesquisa aprofunda a análise da relação entre religião e economia identificando também aspectos de oferta de religião associados às transformações recentes. Observamos, por exemplo, a substituição do Estado por algumas denominações religiosas na sua função clássica de prover serviços públicos e arrecadarem impostos. A pesquisa inclui dados objetivos acerca de elementos subjetivos como percepções de itens como violência e satisfação de necessidades básicas e a qualidade de acesso a serviços e políticas públicas oferecidas. Entramos, além disso, na microeconomia da oferta de fundos para as diferentes denominações religiosas, medindo diretamente, a partir de pesquisas de orçamentos familiares, o dízimo e as doações por denominação religiosa, bem como a evolução do número de pessoas exercendo ofícios de natureza religiosa e a estrutura de incentivos dados a eles por cada tipo de instituição religiosa.

Por fim, incluindo elementos híbridos influenciados tanto por razões de oferta como de demanda da economia das religiões, a pesquisa oferece rankings detalhados das mudanças das crenças de mais de 50 diferentes denominações religiosas abertos por gênero e

<sup>2</sup> Pesquisas de campo recentes, como o CERIS 2004 e a análise de Fernandes 2005, revelam alta mobilidade religiosa para dentro e para fora destes grupos.

imigração, conferindo assim especial destaque às mudanças religiosas associadas à chamada revolução feminina e à globalização. A primeira apontaria para um distanciamento do catolicismo de corte patriarcal, enquanto a segunda apontaria para o seu fortalecimento dado o caráter transnacional da Igreja Católica.

#### 1.d. Banco de dados e Plano da Pesquisa

O sítio lançado com a pesquisa disponibilizará na internet o mais completo banco de dados do país sobre o tema religião. A filosofia da pesquisa é dupla: por um lado, testamos empiricamente as teses apresentadas acima, mas por outro permitimos que cada pessoa olhe para o conjunto de dados de realidade disponibilizados desde uma perspectiva própria. A frase que gostamos de lembrar nesses casos é a do geógrafo brasileiro Milton Santos: “o Homem não vê o universo desde o universo, mas vê o universo desde um lugar” e não era apenas a geografia que o célebre pensador parecia se referir. Cada um pode traçar e seguir o seu próprio roteiro. Ou buscar generalizações de pontos abordados em nossa pesquisa. O usuário poderá de maneira interativa estudar os fenômenos supracitados (e outros mais ao seu gosto) para o seu estado e cidade abertos por atributos sócio-demográficos (como idade, educação, classe social entre outros), bem como resgatar dados correspondentes das décadas passadas. A versão eletrônica desse texto permite aprofundar aspectos de maior interesse no texto através de *links* com componentes do sítio da pesquisa **S** com elementos que serão identificados por respectivas iniciais, a saber: textos **T**, vídeos **V** e bancos de dados com panoramas **PA** (tabulações) e simuladores **Si** interativos e amigáveis baseados em modelos econométricos. Estes bancos de dados possibilitam trabalhar algumas dimensões de aspectos objetivos e subjetivos das relações entre religião e economia no contexto brasileiro.

O plano do presente trabalho é o seguinte: na seção 2 fazemos uma breve introdução a aspectos de oferta e de demanda da economia das religiões. Nas duas seções seguintes colocamos as mudanças recentes relacionados à evolução das escolhas religiosas no Brasil em uma perspectiva de prazo mais longo. Na seção 3 medimos a evolução dos grandes grupos religiosos por faixas etárias desde 1940. Na seção 4 avaliamos as relações entre a chamada revolução feminina dos últimos 35 anos e as transformações religiosas em curso.

Abkürzungen

Na seção 5, abordamos a relação entre tipos de território abrindo diferentes tamanhos de cidade das áreas urbanas, graus de isolamento geográfico das áreas rurais e tipos de moradia. Nas seções 6 a 9 tratamos de diversos aspectos da chamada crise metropolitana com a conversão religiosa, tais como: a evolução recente da religiosidade por tamanho de cidade (seção 6), violência e prisão (seção 7), elementos de aglomeração urbana (seção 8), ausência de Estado (seção 9). Na seção 10 avaliamos a fundo a qualidade dos dados de composição religiosa utilizados na análise do período mais recente. Finalmente, na seção 11 voltamos a aspectos diversos da chamada economia da religião, alguns dos quais serão detalhados na próxima etapa da presente pesquisa.

*Angelol + Nardifage*

## 2. A Oferta e Demanda de Religião

A pesquisa complementa a análise da relação entre religião e economia. Nas etapas posteriores testaremos a hipótese weberiana da ligação central entre religiosidade e ascensão econômica, bem como atitudes em relação à acumulação de poupança privada, mecanismos de crédito, e elementos subjetivos, como por exemplo percepções de satisfação de necessidades alimentares básicas e financeiras.

Na presente etapa da pesquisa entramos nos meandros da oferta de fundos para as diferentes denominações religiosas, medindo diretamente o dízimo e doações religiosas a partir de pesquisas orçamentos familiares bem como a evolução do número de pessoas exercendo ofícios de natureza religiosa e os incentivos dados por cada tipo de instituição religiosa.

### 2.a. Demanda Religiosa e Oferta de Dízimo

A oferta de fundos para as diferentes denominações religiosas se refere a inferência direta do dízimo e de doações a partir de pesquisas de orçamentos familiares. Os números gerais são que os pentecostais são responsáveis por 44% de todas as doações feitas a igrejas apesar de representarem apenas 12,5% da população; os evangélicos tradicionais doam 22,7% do total contra sua participação de 5,7% da população. Já os católicos representam apenas 30,9% do total das doações contra 73,8% da população. Note que isto acontece

apesar da renda familiar média dos católicos serem 30% maiores que a dos evangélicos pentecostais.



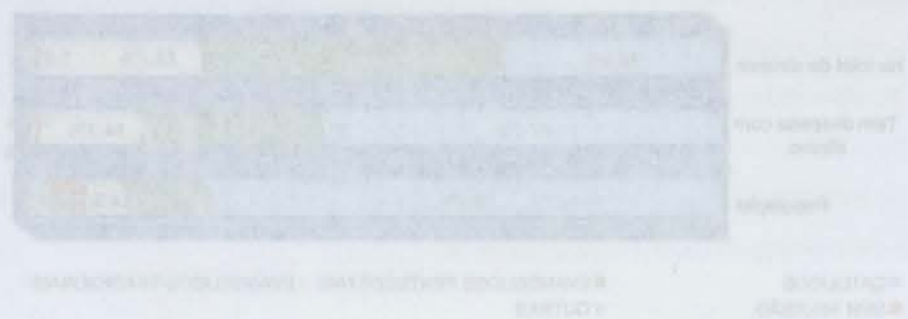
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

## 2.b. Oferta de Padres e de Pastores

A relação população católica / evangélica era de aproximadamente 4,7 para 1 em 2000. Já o número de pastores, que em 1991 era apenas 1,1 maior que o padres, passou a ser 3,7 vezes maior em 2000. Ou seja, existiam 17,9 vezes mais pastores evangélicos por fiel do que de padres por católicos.

Nas áreas metropolitanas a relação é ainda mais favorável aos evangélicos. Os católicos estão mais concentrados na área rural (19,7% deles), do que os evangélicos (11,4% deles), enquanto nas periferias metropolitanas existe maior concentração relativa de evangélicos (25,5% deles) do que de católicos (16,7% deles). Ou seja, os evangélicos estão mais presentes nas periferias onde não só a população cresce mais rápido como existem ganhos de escala na prática religiosa – um pastor num templo atinge muito mais pessoas do que um padre numa paróquia de cidadezinha.

No ano de 2004 houve um claro boom na geração de emprego formal nas atividades religiosas em geral com a geração de 27 mil empregos diretos e cerca de 4 mil postos de trabalho líquidos, isto é, acima dos desligamentos observados. No ano de 2005 - em apenas três meses (até março)- este boom de empregos religiosos foi de 2900 (ou 11616 empregos



líquidos anualizados) de admitidos acima dos demitidos, quase três vezes mais do que no mesmo período do ano passado.



Fonte: RAIS/MTE

\* até março de 2005 (anualizado)

#### Classes de Renda

A classe E se apresenta como a menos religiosa de todas (6,33% não possuem religião). A taxa de ateísmo cai à medida que a renda aumenta até a classe B2 onde atinge 4,15% da população subindo daí para frente até atingir valores acima de 5% para os segmentos da chamada classe A. Nesta faixa os ateus são chamados de agnósticos. O catolicismo também se faz mais presente nos níveis extremos do espectro de renda (78,14% e 77,57% nas classes E e A1, respectivamente), as seitas evangélicas pentecostais atingem os níveis intermediárias inferiores da distribuição de renda (14,94% e 13,83%, nas classes D e C), mas estão bem mais presentes na classe E, com 10,89%, do que nos segmentos das classes B e A, onde em nenhum deles a taxa de 7%. Os evangélicos tradicionais estão mais concentrados na faixa A2 (8,72%), e tendem a diminuir à medida que andamos desde esta classe em direção aos níveis mais baixos de renda, atingindo 3,24% da classe E. Finalmente, a taxa de adesão a outras religiões cai quase que monotonicamente de 7,47% na classe A1 para 1,09 na E. Estes dados tomados a valor de face indicam que pertencer a uma religião alternativa corresponde a consumir um serviço de luxo. [Pa](#)

#### Panorama das Religiões

Classes	Classes					
	População (contagem)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
A1 - Acima de 45 Salários Mínimos/Mês	2716276	5,02	77,57	3,48	3,19	7,47
A2 - Entre 25 e 45 Salários Mínimos/Mês	6029016	5,32	72,18	6,42	8,72	6,09
B1 - Entre 15 e 25 Salários Mínimos/Mês	10840044	4,98	74,61	6,9	5,87	6,77
B2 - Entre 10 e 15 Salários Mínimos/Mês	14684582	4,15	73,91	11,01	6,67	3,42
C - Entre 4 e 10 Salários Mínimos/Mês	55191994	4,61	71,36	13,83	6,85	2,86
D - Entre 2 e 4 Salários Mínimos/Mês	48419107	5,23	73,26	14,94	4,52	1,73
E - Até 2 salários Mínimos/Mês;	35568436	6,33	78,14	10,89	3,24	1,09

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

... e a queda da taxa de crescimento da população...



Fonte: IBGE, Censo de 2000 (estimativa)

... a classe B se apresenta com a menor taxa de crescimento...

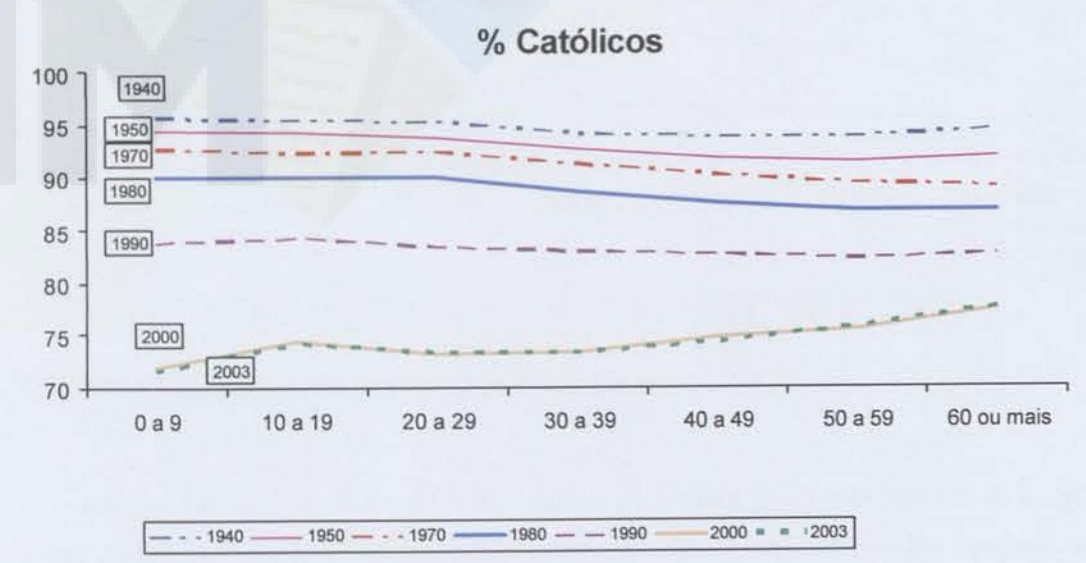
Classe	1950	1960	1970	1980	1990	2000
A	1,8%	1,5%	1,2%	1,0%	0,9%	0,8%
B	1,5%	1,2%	0,9%	0,7%	0,6%	0,5%
C	1,2%	0,9%	0,6%	0,4%	0,3%	0,2%
D	0,9%	0,6%	0,3%	0,2%	0,1%	0,0%
E	0,6%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
F	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

### 3. Evolução Religiosa por Grupos Etários

A composição religiosa pode ser afetada de maneira decisiva pela idade dos indivíduos. Uma interpretação possível seria que, à medida que caminhamos da idade adulta em direção ao final do ciclo de vida a predisposição religiosa tenderia a aumentar pelo ganho de relevo de questões existenciais, como para onde vamos e de onde viemos. Neste sentido o aumento da religiosidade e a interrupção do catolicismo seria consistente com o envelhecimento populacional ora em curso.

A interrupção da queda católica entre 2000 e 2003 também é visível nas séries para todos os grupos etários - as curvas dos dois anos de tão sobrepostas parecem idênticas. Houve pequeno aumento para aqueles com mais de 50 anos (por exemplo, a taxa sobe de 77,33% para 77,53% para aquele acima de 60 anos). E uma redução também pequena para todas as faixas mais jovens (por exemplo, a taxa cai de 74,10% para 74,13% para a faixa de 10 a 19 anos de idade). Isto é, em todas as faixas etárias observamos uma virtual igualdade estatística.

Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2000



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

2. Evolução Religiosa por Grupos Etários

A composição religiosa por grupos etários tem sofrido mudanças desde os anos 40. Uma investigação recente sobre o modo de pensar das pessoas de idade avançada em relação ao final da vida e a possibilidade religiosa revela a mudança pelo grupo de idade de questões relacionadas com a morte e de modo a pensar. Há um aumento da religiosidade e a investigação do crescimento da comunidade com o desenvolvimento populacional em um país.

A investigação de dados estatísticos para 2000 e 2005 revela a evolução das religiões no Brasil. Os dados mostram que há uma mudança na composição religiosa por grupos etários. Os dados mostram que há uma mudança na composição religiosa por grupos etários. Os dados mostram que há uma mudança na composição religiosa por grupos etários.



Fonte: IBGE, Censo de 2000 e 2010. Dados em porcentagem da população total.

Verificamos grandes mudanças nos dois outros grandes grupos religiosos. Para todas as faixas etárias, os dados sugerem a substituição daqueles que respondem não professar nenhuma religião por grupos evangélicos, *lato sensu*.

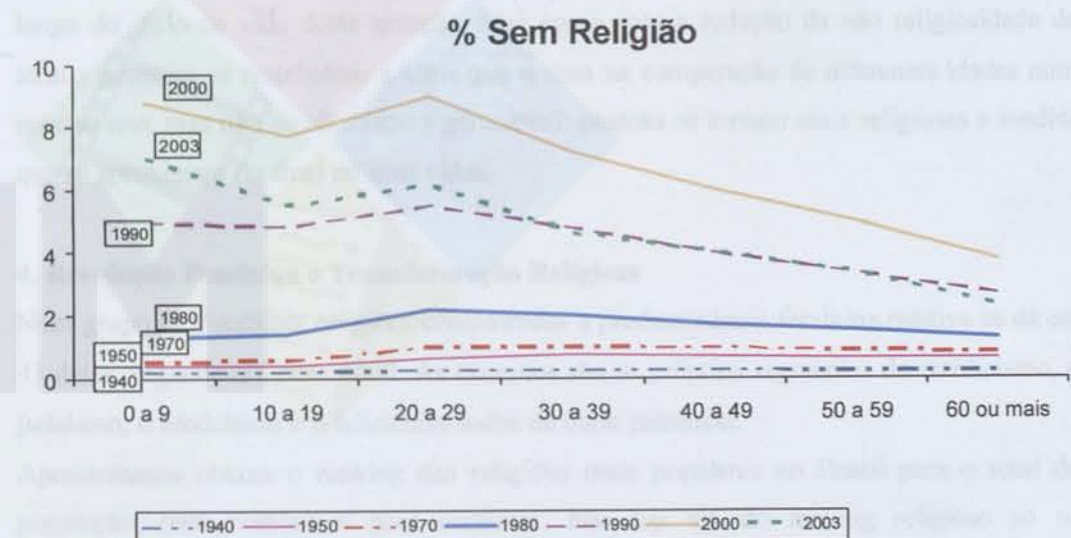
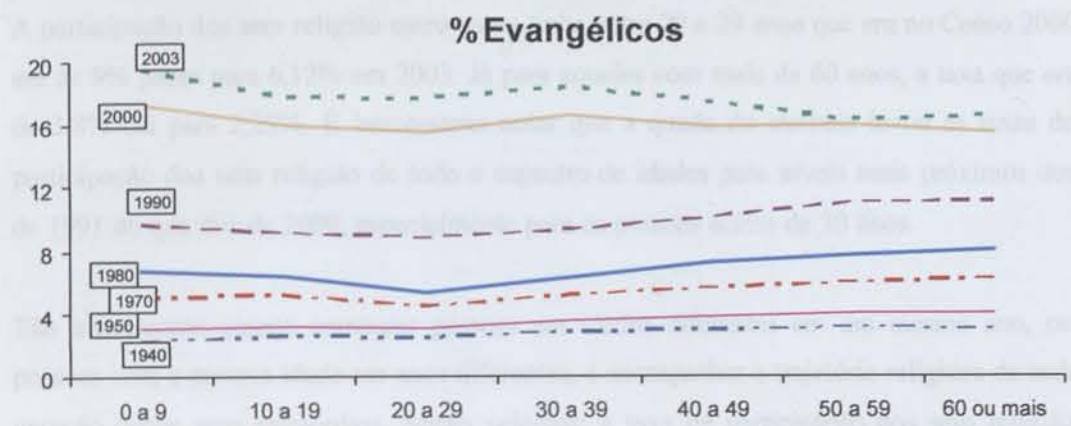
A comparação do perfil etário das religiões desde os anos 40 revela que a queda relativa do catolicismo e o crescimento dos grupos evangélicos e sem religião afeta todas as faixas etárias a cada par de anos censitários consecutivos. Mais do que uma lenta transformação religiosa processada de maneira progressiva nas últimas 5 ou 6 décadas, boa parte das mudanças ocorridas neste intervalo se deu nas últimas duas décadas, especialmente na última, como a maior distância entre as curvas mais recentes dos gráficos abaixo indicam.



Fonte: IBGE, Censo de 2000 e 2010. Dados em porcentagem da população total.



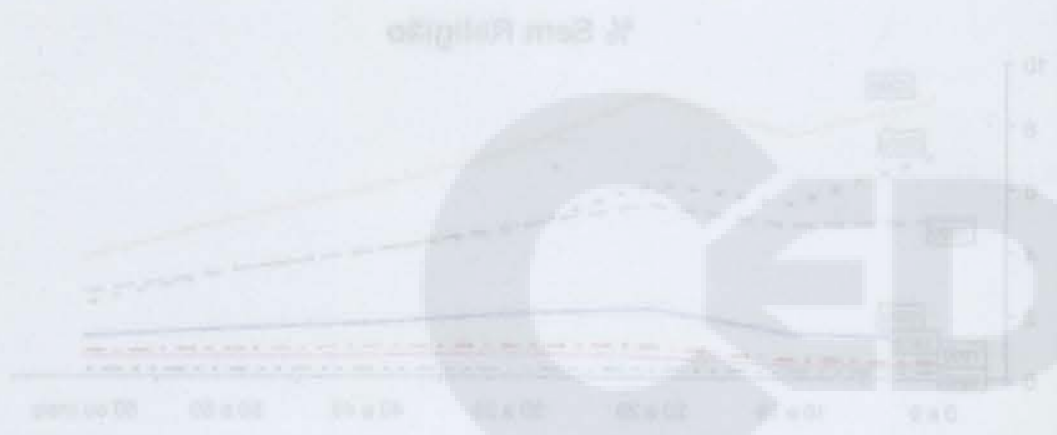
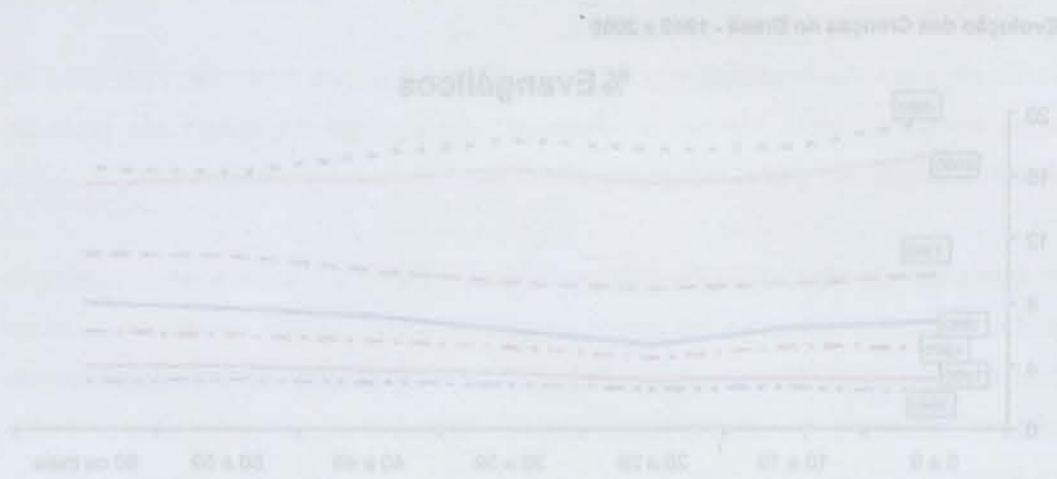
### Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2000



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

No caso dos evangélicos, o crescimento relativo de adeptos se dá também em todas as faixas etárias, embora de maneira mais pronunciada entre os mais jovens. Por exemplo, a taxa de evangélicos entre aqueles entre 20 e 29 anos de idade sobe de 15.57% para 17.66% entre 2000 e 2003, atingindo aproximadamente duas vezes o nível de 1991 (8.87%).





A participação dos sem religião entre quem tinha entre 20 a 29 anos que era no Censo 2000 era de 9% passa para 6,12% em 2003. Já para aqueles com mais de 60 anos, a taxa que era de 3,8% cai para 2,29%. É interessante notar que a queda do ateísmo levou as taxas de participação dos sem religião de todo o espectro de idades para níveis mais próximos dos de 1991 do que dos de 2000, especialmente para as pessoas acima de 30 anos.

Tão interessante quanto comparar pessoas em idades diferentes em um mesmo ano, ou pessoas com a mesma idade em anos diferentes, é acompanhar a trajetória religiosa de cada geração desde seus primórdios. Senão vejamos: a taxa de participação dos sem religião entre os cinquentões de 2000 era então 4,95%, contra 1,99% em 1980, quando a geração tinha entre 30 a 39 anos, e 0,37% em 1950, quando a mesma tinha entre 0 e 9 anos de idade. Ou seja, a taxa da não religião estava em geral aumentando, e não diminuindo ao longo do ciclo de vida desta geração. Mas agora com a redução da não religiosidade da última pesquisa se restabelece a idéia que é clara na comparação de diferentes idades num mesmo ano, mas não na abordagem geracional: pessoas se tornam mais religiosas a medida que se aproximam do final de suas vidas.

#### 4. Revolução Feminina e Transformação Religiosa

Num grupo de cinquenta religiões consideradas a predominância feminina relativa se dá em 43 delas, segundo o Censo 2000. As exceções são os próprios segmentos do catolicismo, o judaísmo, o hinduísmo e o islamismo todas de corte patriarcal.

Apresentamos abaixo o ranking das religiões mais populares no Brasil para o total da população, para homens e para mulheres. Nas top ten do ranking religioso só no catolicismo os homens são mais presentes que as mulheres. R

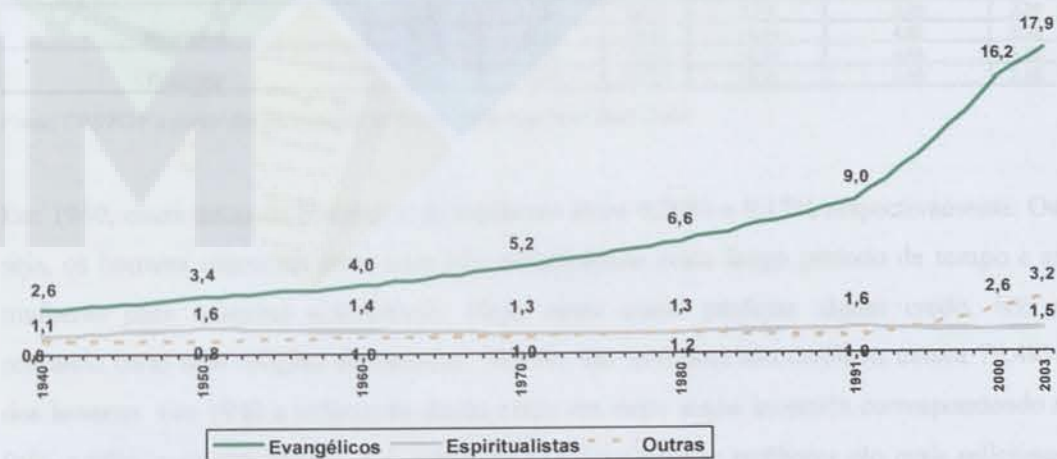
## Ranking das Religiões

### Mais

	TOTAL		HOMENS		MULHERES	
	%	%	POSIÇÃO NO RANKING	POSIÇÃO NO RANKING	%	POSIÇÃO NO RANKING
<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>						
1 Católica Apostólica Romana	73,6430	74,3260	1		72,9820	1
2 Igreja Evangélica Assembléia de Deus	4,8099	4,4922	2		5,1172	2
3 Igreja Evangélica Batista	1,8166	1,5848	4		2,0408	3
4 Igreja Congregacional Cristã do Brasil	1,8071	1,8210	3		1,7936	4
5 Igreja Universal do Reino de Deus	1,5024	1,2187	7		1,7769	5
6 Igrejas Luteranas	1,4534	1,4189	5		1,4868	7
7 Espírita, Kardecista	1,4407	1,2562	6		1,6192	6
8 Outras Igrejas Evangélicas	1,0421	0,9750	8		1,1070	8
9 Igreja Evangélica Quadrangular	0,8587	0,7485	9		0,9654	9
10 Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia	0,7299	0,6925	10		0,7661	10

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2003 / IBGE

Brasil: Participação na População - 1940 a 2003

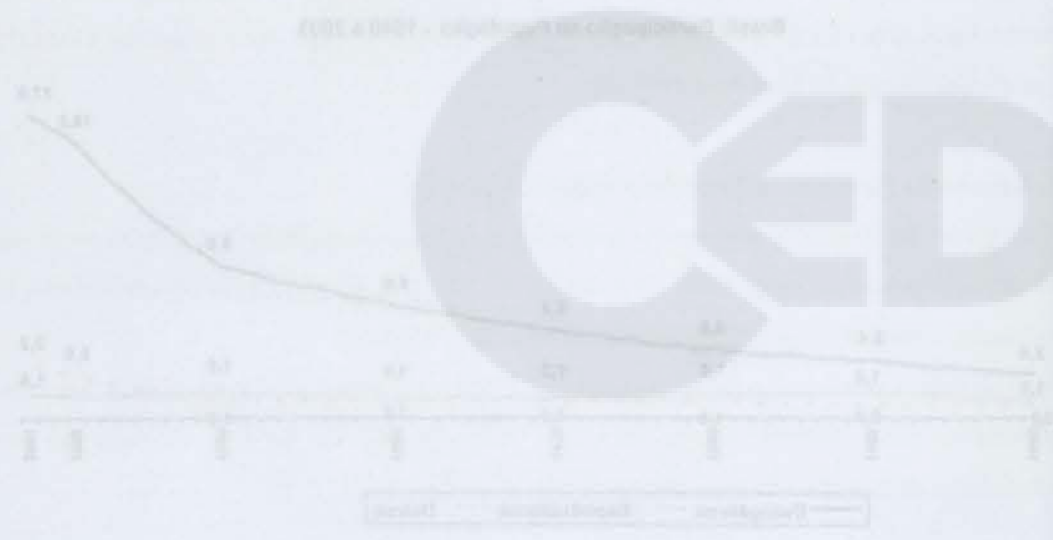


Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

A intuição de que as mulheres são (ou eram) mais católicas que os homens é corroborada pelos dados. Como dissemos anteriormente, a análise da evolução do acervo de variáveis sócio-econômicas e demográficas brasileiras revela que poucas mudaram tanto quanto a escolha religiosa. Talvez a maior rival da transformação religiosa supracitada, em

Ranking das Religiões

Religião	Homens (%)	Mulheres (%)
Católica	79,49	76,16
Evangélica	11,44	13,51
Outras	2,35	2,98
Sem religião	6,32	3,98



magnitude, sejam as mudanças ocorridas na vida das mulheres, tais como na participação da mulher no mercado de trabalho, nos bancos escolares e nas casas. Como estas mudanças foram acompanhadas nas igrejas e nos hábitos religiosos domésticos? Começamos a nossa análise de transformação religiosa pelo tema da revolução feminina dos últimos 35 anos que encerra componentes de costumes e crenças e de inserção econômica para uma divisão simples da sociedade em duas partes. Isto permite fornecer ao leitor uma visão panorâmica do tipo de abordagem perseguida ao longo do resto do texto para outros temas.

Existe uma associação entre mudança de religião e a chamada revolução feminina, em particular a ascensão econômica feminina. As mulheres são hoje, como sempre foram desde que o mundo é mundo e o Brasil é Brasil, mais religiosas que os homens: 3,98% delas não possuem crença, contra 6,32% deles. A comparação com os dados de 3 anos antes revelam que nos últimos três anos os homens se tornaram mais religiosos, se equiparando mais as mulheres. **PA**

Panorama das Religiões

Sexo	Percentual (%)	Religião				
		Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Masculino	2000	9,02	74,37	9,74	3,95	2,38
	2003	6,32	74,47	11,44	4,93	2,35
Feminino	2000	5,74	73,44	12,22	4,86	3,08
	2003	3,98	73,13	13,51	5,83	2,98

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000 e da POF 2002-2003.

Em 1940, essas taxas de homens e de mulheres eram 0,25% e 0,17% respectivamente. Ou seja, os homens migraram mais para não religiosidade neste longo período de tempo e as mulheres para religiões alternativas. Hoje, entre quem professa algum credo, isto é retirando os/as sem religião da amostra, 76,16% das mulheres são católicas contra 79,49% dos homens. Em 1940 a ordenação destas taxas era entre sexos invertida correspondendo a 96% e 95%, respectivamente. Em suma, hoje (e em 1940) as mulheres são mais religiosas que os homens, mas os homens são mais católicos que as mulheres, invertendo a relação observada 60 anos antes.

Por que as mulheres optam hoje mais intensamente que os homens por crenças alternativas ao catolicismo dominante? Tal como em "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", poderíamos observar afinidades eletivas entre as inovações nas escolhas e estruturas

religiosas, de um lado, e as mudanças sociais e econômicas das mulheres de outro. A tese weberiana original é de que a ética - culpa - católica inibiria a acumulação de capital e a divisão do trabalho, motores do desenvolvimento capitalista. Similarmente, a ética católica estaria sendo trocada por outras mais em linha com a emancipação feminina em curso. A taxa de adesão a religiões alternativas ao catolicismo é: (i) a de evangélicos pentecostais é de 13,51% (contra 11,44% dos homens); (ii) a de evangélicos tradicionais é de 5,83% (contra 4,93% dos homens) e (iii) a de demais religiões é de 2,98% (contra 2,35% dos homens) <sup>3</sup>.

Questões centrais para as mulheres de hoje, como contra-concepção, divórcio e aborto são tabus para a Igreja Católica, que tampouco incentivou sua conquista profissional. A independência feminina conquistada nas últimas décadas foi acompanhada por uma revolução de costumes. Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina que masculina, passada da mãe às filhas e aos filhos.

#### Fecundidade e Religião

A POF 2003 permite captar de forma separada as gestantes e as lactantes, possibilitando analisar a relação entre fecundidade e religião. Abordando a fecundidade católica vemos que entre as 1,5 milhões de gestantes brasileiras captadas pela POF 2003 a parcela de católicas é de 75,07% e na de lactantes a parcela é de 76,37% o que seria consistente com a maior fertilidade das católicas. A religiosidade das gestantes é maior que a de homens e a de mulheres em geral atingindo 96,88% delas. Há que se notar a maior aderência das gestantes às denominações pentecostais, com 16,45% (contra 13,51% do total de mulheres), mas menor aderência às demais denominações religiosas: 3,76% às igrejas protestantes tradicionais (contra 5,83% do total de mulheres) e 0,85% a outras religiões (contra 2,98% do total de mulheres) <sup>4</sup>. **Pa**

Panorama das Religiões						
Condição de Fecundidade						
Percentual (%)	População (contagem)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Masculino	86471392	6,32	74,47	11,44	4,93	2,35
Feminino (Não Gestante e não Lactante)	85850580	3,97	73,02	13,5	5,89	3,05
Feminino (Gestante)	1487532	3,12	75,07	16,45	3,76	0,85
Feminino (Lactante)	2036459	5,06	76,37	11,93	4,8	1,51

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE.

<sup>3</sup> As igrejas pentecostais não valorizam uma atuação moderna da mulher mas de qualquer forma dialogam com a questão, de forma diferente da religião católica.

<sup>4</sup> No anexo e no banco de dados apresentamos tabelas abertas por status conjugal e posição na família.

## 5. Religião nas Cidades e nos Campos

### 5.a. Tamanhos das Cidades

Analisamos nesta subseção a influência do tamanho de cidade nas escolhas religiosas. A tabela abaixo, gerada a partir do último Censo Demográfico, revela que os tons do degradê religioso mudam a medida que caminhamos em direção às cidades de maior porte. consideramos as áreas rurais, cidades pequenas (até 20 mil habitantes), médias (de 20 mil a 100 mil habitantes), grandes (acima de 100 mil, mas não metropolitanas), capitais metropolitanas e periferia metropolitana. A presença católica cai monotonicamente nestas categorias, indo de 84,26% nas áreas rurais a 65,19% nas periferias. Em contrapartida, os chamados sem religião aumentam também monotonicamente de 4,71% para 10,14% entre estes extremos. Evolução similar ocorre para os pentecostais, cuja participação aumenta, neste caso monotonicamente, mas não de maneira estrita, de 7,17% nas áreas rurais para 15,08% na periferia metropolitana. [Pa](#)

#### Panorama das Religiões

Tamanho de cidade	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Periferia - Região Metropolitana	10,14	65,19	15,08	5,64	3,14
Capital - Região Metropolitana	9,91	67,96	11,68	4,67	4,4
Urbano Grande	6,91	71,99	11,73	5,12	3,67
Urbano Médio	5,77	77,44	10,07	4,19	2,25
Urbano Pequeno	4,93	81,04	9,08	3,43	1,39
Rural	4,71	84,26	7,17	2,97	0,82

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000 / IBGE

### 5.b. Graus de Ruralidade

Quando quebramos o grau de ruralidade das áreas rurais, isto é, o grau de isolamento geográfico das mesmas, notamos que as áreas rurais fora de aglomerados, ou seja, as mais isoladas, são mais católicas (84,26%), menos atéias (4,56%) e pentecostais (7,14%) que todas as demais categorias, sejam rurais ou urbanas. Esta evidência é consistente com a idéia de que a religiosidade e o catolicismo vicejam no campo.

## Panorama das Religiões

### Situação do domicílio

Taxa (%)	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
área urbanizada	7,89	71,76	11,72	4,73	3,18
área não urbanizada	7,27	72,88	12,63	4,56	2,23
área urbanizada isolada	9,03	68,79	15,65	4	2,16
área rural de extensão urbana	10,66	65,05	17,28	3,92	2,44
aglomerado rural (povoado)	6,45	81,05	8,93	2,58	0,91
aglomerado rural (núcleo)	7,19	74,92	13,72	2,51	1,52
aglomerado rural (outros)	10,33	73,2	9,76	3,47	2,94
área rural exclusive aglomerado rural	4,56	84,26	7,14	3,11	0,83

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo 2000 / IBGE

### 5.c. Favelas

Aproveitando a tabela de tipo de moradia do Censo 2000 supracitada, vemos uma clara sobre-representação dos chamados aglomerados subnormais, correspondentes às áreas de piores condições de moradia, como favelas, cortiços, mocambos, etc, onde a presença de pentecostais e dos sem religião é notável: 16,93% e 13,14%, respectivamente.

### 5.d. Migração

A migração no Brasil contribui para o inchaço da periferia metropolitana e está de forma consistente com os resultados discutidos nesta parte identificada com pentecostais e os sem religião. O Box abaixo detalha a relação entre opção religiosa e tempo desde a imigração de países ou estados e municípios. Na próxima etapa da pesquisa detalharemos a origem dos migrantes e analisaremos o processo de globalização e a atuação transnacional de algumas instituições religiosas.

#### Tempo de Migração

Os imigrantes são menos religiosos que os nativos, e os migrantes há menos tempo no estado ou município são mais religiosos que aqueles que migraram há mais tempo. Dos que residem há menos de 1 ano no município, 8,32% não tem religião contra 6,8% dos que estão há mais de 10 anos, e 7,37% dos nativos. Os nativos são mais adeptos do catolicismo, (74,58%) e esta taxa cai monotonicamente a medida que nos aproximamos gradativamente a menores períodos de permanência no país, estado ou no município. A taxa de participação dos evangélicos pentecostais entre os migrantes é 13,8% para diferentes períodos desde a imigração, contra 10,49% dos nativos. Efeito similar é observado entre os evangélicos de grupos tradicionais (de 4,18% dos nativos a 5,04 àqueles que migraram a menos de 1 ano para o município).

	UF	Pais	Outras
Menos de 1 ano	8,32	68,71	13,82
De 1 a 5 anos	8,09	69,75	13,72
De 6 a 10 anos	7,91	70,37	13,88
Mais de 10 anos	6,8	70,48	13,73
Não migrou	7,37	74,58	10,49

Taxa (%)	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Menos de 1 ano	8,32	68,71	13,82	5,35	3,28
De 1 a 5 anos	8,09	69,75	13,72	4,95	2,94
De 6 a 10 anos	7,91	70,37	13,88	4,53	2,81
Mais de 10 anos	6,8	70,48	13,73	4,85	3,14
Não migrou	7,37	74,58	10,49	4,34	2,68

Taxa (%)	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Menos de 1 ano	8,17	69,17	14,09	5,04	3
De 1 a 5 anos	7,78	70,35	13,54	4,85	2,93
De 6 a 10 anos	7,43	71,51	13,2	4,55	2,8
Mais de 10 anos	6,05	72,97	12,16	4,86	3,15
Não migrou	7,67	75,1	9,94	4,18	2,57

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000/IBGE

## 6. A Crise Metropolitana

Analisamos a influência nas escolhas religiosas do tamanho de cidade, aí entendida na POF como a divisão entre capitais, periferia, áreas urbanas não metropolitanas e áreas rurais<sup>5</sup>. Este recorte de análise pode ser visto como um primeiro passo para o estudo da relação entre condições materiais e religiosidade, dada a crise econômica vivida nas grandes cidades brasileiras e em particular nas periferias metropolitanas. A maior presença católica se dá nas áreas com menor densidade demográfica, leia-se cidades não metropolitanas, com 76,33%, e nas áreas rurais, com 83,47%. Esta distribuição coincide com a da maior adesão à religião em geral: a proporção dos sem religião é de 4,05% nas cidades não metropolitanas e 2,83% nas áreas rurais. A penetração de seitas pentecostais, do protestantismo tradicional e das demais religiões é menor nestas áreas mais isoladas e com menor concentração de pessoas, características essas que dificultam a formação de infraestrutura de redes religiosas.

Os municípios das capitais apresentam uma não religiosidade similar ao das periferias metropolitanas: 7,67% e 7,68%, mas uma composição religiosa bastante distinta. Católicos

<sup>5</sup> Na segunda etapa da pesquisa vamos apresentar estatísticas abertas por localidades específicas.

Panorama das Religiões				
Área (Com Área Urbana Fragmentada)				
Percentual (%)		Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal
Periferia - Região Metropolitana	2000	10,14	65,19	15,08
	2003	7,68	62,93	17,45
Capital - Região Metropolitana	2000	9,91	67,96	11,68
	2003	7,67	67,47	12,81
Área Urbana não Metropolitana	2000	5,97	76,40	10,41
	2003	4,05	76,33	12,25
Rural	2000	4,71	84,26	7,17
	2003	2,83	83,67	8,77

são 67,47% e 62,93% respectivamente. A menor adesão ao catolicismo se deve a maior presença dos evangélicos pentecostais e tradicionais, com respectivamente 17,45% e 7,57% ocupada nas periferias contra 12,81% e 6,73% nas capitais. Outras religiões alternativas são mais presentes nas capitais. O aumento da presença de evangélicos pentecostais e dos sem religião na periferia das grandes metrópoles brasileiras são os principais pontos a serem notados no período recente. **Pa**

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003 e Censo 2000/IBGE

Procuramos ao longo das próximas seções apresentar evidências sobre a relação entre tendências referentes às novas opções religiosas - dentre as quais merecem destaque o aumento dos pentecostais e redução dos sem religião - e aspectos da chamada crise metropolitana - violência, precariedade de acesso aos serviços públicos, favelização, desemprego e informalidade, entre outras.

### 7. Crenças, Crime e Castigo.

#### Percepção de Violência

A forte presença de grupos pentecostais (15,1%) e sem religião (6,88%) em áreas marcadas pela percepção de problemas de violência vis-à-vis áreas de moradia sem percepção de problemas de violência local onde estas taxas são respectivamente 11,39% e 4,45%, é notável. Realizamos experimentos controlados por características individuais e notamos que entre os principais ramos religiosos o ranking de chances de ter problema comparado a não ter é 1 para os sem religião, 0,97 para os pentecostais e 0,74 para os católicos. Ou seja, as chances de pentecostais apresentarem mais percepção de violência é 3% menor que a dos



sem religião, mas 12% maior que a dos católicos. Todas estas diferenças são estatisticamente significantes. **PA**

#### Panorama das Religiões

#### Problemas com Violência na Área

Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
<b>Não Respondido</b>	11,01	60,13	16,75	7,67	4,37
<b>Sim</b>	6,88	67,85	15,1	5,88	3,39
<b>Não</b>	<b>4,45</b>	76,21	11,39	5,19	2,37

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003.

#### Modelo Logit Multinomial e o Simulador Amigável de Problemas de Violência

#### Problemas com Violência na Área que Mora (Categoria Omitida Não)

População: 15 anos ou mais

	Sim		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Afro-brasileira	1,3101 **	1,3400 **	0,2003	0,1200 **
Católica	0,5938 **	0,7600 **	0,3322	0,3600 **
Espiritualista	0,8678 **	0,8200 **	0,9415	1,1800 **
Ev,Pentecostal	0,8622 **	0,9900 **	0,4764	0,4100 **
Ev,de Missão	0,7072 **	0,7900 **	0,2035	0,1800 **
Orientais	1,4612 **	1,4600 **	0,0003	0,0700 **
Outras	1,0407	1,1500 **	0,3808	0,3400 **
Outras Ev,	2,1491 **	- **	11,8236 **	3,0000
sem religião (categoria omitida)	1	1		

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/2003 IBGE

# Controlado por: gênero/maternidade, idade, educação, cor, posição na família, tamanho de cidade e unidade da federação

\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 95%

\*\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 90%

A pergunta relevante em questão é “Existem problemas de violência na sua área?”, que admite resposta Sim ou Não. O que o modelo nos informa é a comparação entre as razões entre a quantidade de respostas Sim e Não para cada religião e esta razão para os sem religião. (categorias Omitidas). Observamos, pela primeira coluna da tabela, que, entre as principais religiões, os católicos apresentam 41% menos chance que os sem religião de vivenciarem problemas de violência, enquanto os pentecostais apresentam 16% menos chance do que os sem religião. No ranking de experiências de violência por religião observamos que os que enfrentam mais os problemas de violência são os sem religião, seguido dos pentecostais e depois, mais distante, os católicos. Quando mantemos constantes as condições de gênero/maternidade, idade, educação, cor, posição na família, tamanho de cidade e unidade da federação das pessoas, observamos na segunda coluna da tabela acima que os diferenciais diminuem muito, mas os rankings se mantêm, ficando os pentecostais a 1% das chances dos sem religião de vivenciar violência e os católicos a 24% dos sem religião. Estes dados controlados são consistentes com a idéia que os sem religião e os pentecostais estão mais concentrados em áreas mais violentas, e isso não deve de diferenças nas as categorias sócio-demográficas supra-citadas usadas no experimento. Uma conjectura é que o aumento dos dois grupos religiosos nos últimos 15 anos pode ser uma

consequência da crise metropolitana do mesmo período quando a violência se apresenta talvez como a parte mais visível da mesma. O sítio deste projeto apresenta um dispositivo amigável baseado em modelos estatísticos similares ao utilizado na segunda coluna da tabela (mas com menos controles) supra-analisada que permite a cada um simular as probabilidades de pessoas com certas combinações de características sócio demográficas e religiões diferentes vivenciarem determinados problemas metropolitanos. Si. Por exemplo, quando comparamos a situação de um homem branco de 20 a 29 anos que ocupa a posição de filho na família e mora na grande São Paulo, sem religião, a chance dele apontar problemas de violência em sua área é de 20,74%, enquanto para um evangélico pentecostal com as demais características iguais essa chance é de 20,26%, e para um católico com os mesmos atributos a probabilidade de uma resposta sim seria de 16,3%. Este exercício demonstra que o grau de exposição aos problemas derivados da crise metropolitana é superior no caso dos sem religião e dos pentecostais. Devemos ressaltar, entretanto, que este exercício não permite captar nenhuma relação de causalidade explícita entre esses eventos, somente a correlação entre eles. O leitor está convidado a realizar exercícios de interesse com as variáveis em questão, a partir do sítio.

consequência da crise metropolitana do mesmo período quando a violência se apresenta talvez como a parte mais visível da mesma. O sítio deste projeto apresenta um dispositivo amigável baseado em modelos estatísticos similares ao utilizado na segunda coluna da tabela (mas com menos controles) supra-analisada que permite a cada um simular as probabilidades de pessoas com certas combinações de características sócio demográficas e religiões diferentes vivenciarem determinados problemas metropolitanos. Si. Por exemplo, quando comparamos a situação de um homem branco de 20 a 29 anos que ocupa a posição de filho na família e mora na grande São Paulo, sem religião, a chance dele apontar problemas de violência em sua área é de 20,74%, enquanto para um evangélico pentecostal com as demais características iguais essa chance é de 20,26%, e para um católico com os mesmos atributos a probabilidade de uma resposta sim seria de 16,3%. Este exercício demonstra que o grau de exposição aos problemas derivados da crise metropolitana é superior no caso dos sem religião e dos pentecostais. Devemos ressaltar, entretanto, que este exercício não permite captar nenhuma relação de causalidade explícita entre esses eventos, somente a correlação entre eles. O leitor está convidado a realizar exercícios de interesse com as variáveis em questão, a partir do sítio.

**Prisões**

Outra proxy de violência tratada em outras pesquisas do CPS é a proporção de pessoas de diferentes credos vivendo em presídios, captada a partir do Censo 2000. Nos presídios brasileiros a presença dos sem religião é 16,19% mais do dobro daquela de 7,35% encontrada para o conjunto da população brasileira. A presença de crenças religiosas alternativas é também substantiva nos presídios 18,3% contra 2,35% de sua participação no conjunto da população. Um dos problemas desta estatística gerada a partir do Censo é que não captamos o processo de convergência religiosa dentro das prisões.<sup>6</sup> A presença de católicos é bem reduzida nas prisões (51,93%), se comparada a sua presença na população (73,89%), enquanto a dos pentecostais (10,28%) é praticamente a mesma (11%). Neri (2006) aponta para diferenças na composição religiosa da população carcerária entre estados. No Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, a população evangélica é bastante super-representada, enquanto em São Paulo predomina mais o Catolicismo e outras crenças alternativas.

**8. Periferias Caóticas e Pouco Católicas**

A POF 2003 apresenta a possibilidade de se captar avaliações subjetivas e qualitativas de condições de moradia e de acesso a serviços públicos por parte dos moradores. Começando

<sup>6</sup> Nos EUA existe um processo de migração de afro-americanos ao Islamismo na prisão bastante estudado na literatura que trata de crimes, castigos e crenças.



### Modelo Logit Multinomial de Problemas com Vizinhos Barulhentos<sup>7</sup>

#### Vizinhos barulhentos

População: 15 anos ou mais

	Sim		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Afro-brasileira	0,9453	0,9500	0,1773	0,1000
Católica	0,8379 **	0,9800	0,3742 **	0,5900 **
Espiritualista	1,4718 **	1,2900 **	1,1083	1,3300
Ev. Pentecostal	0,9863	1,1000 **	0,5000 **	0,6600 *
Ev. de Missão	1,1279 **	1,2500 **	0,2355 **	0,2700 **
Orientais	0,5541 **	0,4900 **	0,0001	0,0000
Outras	1,0573	1,0500 **	0,4113	0,5600
Outras Ev.	0,7787	0,8200	7,8477 **	9,3000 **
sem religião (categoria omitida)	1	1		

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/2003 IBGE

# Controlado por: gênero/maternidade, idade, educação, cor, posição na família, tamanho de cidade e unidade da federação

\* Estatisticamente significativo ao nível de confiança de 95%

\*\* Estatisticamente significativo ao nível de confiança de 90%

Ao replicarmos a análise da Box anterior relativo à violência, observamos que a probabilidade de pentecostais em condições iguais apresentarem vizinhos barulhentos é 10% maior que dos sem religião, que não é estatisticamente diferente da dos católicos. [Si](#)

#### 8.b. Condições Privadas de Moradia:

##### Pessoas morando em casas com telhados com goteiras:

taxas de católicos (73.8%), pentecostais (12.98%) e sem religião (6.31%)

##### Pessoas morando em casas com problemas de umidade:

taxas de católicos (71.68%), pentecostais (13.82%) e sem religião (6.47%)

##### Pessoas morando em casas com Madeiras Deterioradas:

taxas de católicos (74.81%), pentecostais (12.87%) e sem religião (6.02%)

##### Pessoas morando em casas com condições de moradia auto-avaliadas como ruins:

taxas de católicos (69.17%), pentecostais (15.89%) e sem religião (8.67%)

##### Pessoas com percepção de casa que moram escuras:

taxas de católicos (71.85%), pentecostais (14.59%) e sem religião (6.02%)

<sup>7</sup> Este Box é dedicado a Nathan Blanche.

Modelo Logit Multinomial de Condições de Moradia

População: 15 anos ou mais

Religião	Sim		Satisfatórias		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Alto-brasileira	1.2509	1.1695 **	1.3378 *	1.3858 **	0.2535	0.2791 **
Católica	2.0967 **	2.0087 **	1.6832 **	1.7825 **	1.0430	1.0963 **
Espiritualista	10.0891 **	2.7677 **	6.6635 **	2.5155 **	7.7848 **	2.7361 **
Ev. Pentecostal	1.2565 **	1.2758 **	1.1365 **	1.2055 **	0.3995 **	0.4239 **
Ev. de Missão	2.7549 **	2.2273 **	2.0772 **	1.8964 **	0.5560	0.5439 **
Orientais	3.2357 **	1.7035 **	2.9215 **	1.9318 **	0.0009	0.1636 **
Outras	1.5873 **	1.3989 **	1.2216 **	1.1563 **	0.1839 *	0.3059 **
Outras Ev.	1.5166	-	0.9216	-	11.3011 **	0.0000

Efeito semelhante de religião em deseconomias urbanas se dá nas variáveis relativas à percepção de qualidade de moradia, a começar pela avaliação geral dessas condições. Outras variáveis de precariedade percebida nos aspectos privados das moradias, tais como proporção de pessoas morando em casas com telhados com goteiras, em casas com problemas de umidade ou em casas escuras apontam para a mesma direção: super-representação de pentecostais e ateus e sub-representação de católicos e protestantes. A única exceção é a presença de madeiras deterioradas, que atinge mais a católicos e menos a evangélicos pentecostais, o que nos parece estar relacionado mais a pobreza rural, que como vimos é mais católica do que pentecostal. **PA**

### Modelo Logit Multinomial de Condições de Moradia

Quando controlamos pelas suas características, ou seja, comparamos pessoas iguais em tudo, exceto a religião, observamos que as maiores chances de encontramos boas condições estão entre os espiritualistas (2,77 vezes maior que os sem religião) e as menores entre as religiões afro-brasileiras e evangélicos pentecostais (apenas 17% e 28% maiores que os sem religião). No exercício não controlado essas distâncias eram ainda maiores, com chances 10 vezes maior para os espiritualista em relação aos sem-religião. **S**

#### Condições de Moradia

População: 15 anos ou mais

Religião	Sim		Satisfatórias		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Alto-brasileira	1.2509	1.1695 **	1.3378 *	1.3858 **	0.2535	0.2791 **
Católica	2.0967 **	2.0087 **	1.6832 **	1.7825 **	1.0430	1.0963 **
Espiritualista	10.0891 **	2.7677 **	6.6635 **	2.5155 **	7.7848 **	2.7361 **
Ev. Pentecostal	1.2565 **	1.2758 **	1.1365 **	1.2055 **	0.3995 **	0.4239 **
Ev. de Missão	2.7549 **	2.2273 **	2.0772 **	1.8964 **	0.5560	0.5439 **
Orientais	3.2357 **	1.7035 **	2.9215 **	1.9318 **	0.0009	0.1636 **
Outras	1.5873 **	1.3989 **	1.2216 **	1.1563 **	0.1839 *	0.3059 **
Outras Ev.	1.5166	-	0.9216	-	11.3011 **	0.0000

Fonte: CPSFGV a partir dos microdados do IBGE.

# Controlado por: gênero/maternidade, idade, educação, religião, cor, posição na família, tamanho de cidade, unidade da federação

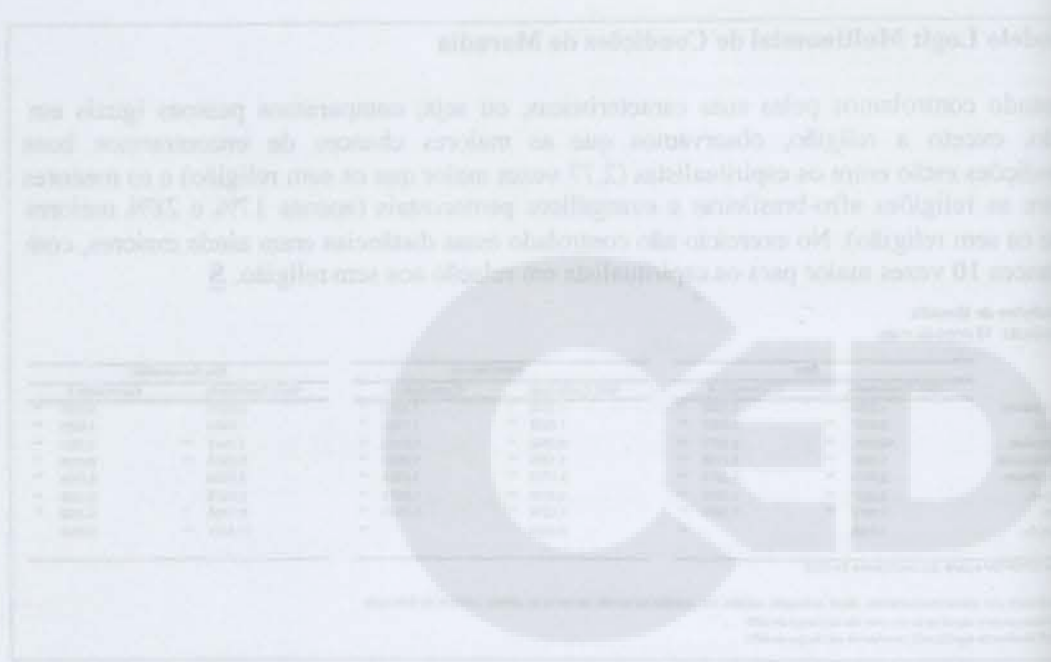
\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 95%

\*\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 90%

### 9. Estado Ausente, Igrejas Emergentes

Uma parte relevante das condições e das percepções de qualidade de vida se dá na relação das pessoas de diferentes crenças com serviços públicos prestados diretamente pelo Estado, ou daqueles privatizados. Neste aspecto cabe notar que os católicos estão sobre-representados entre os que não tem acesso a esses serviços, enquanto os evangélicos estão associados a uma percepção de acesso de baixa qualidade. A percepção de falta de acesso à energia elétrica em casa ou à iluminação pública na rua, à drenagem e escoamento de

... em relação à qualidade de vida de quem vive em áreas rurais, a percepção de acesso a serviços públicos é diferente da percepção de acesso a serviços privados. Isso ocorre porque, no caso dos serviços públicos, a percepção de acesso é influenciada por fatores como a infraestrutura, a qualidade dos serviços e a disponibilidade de recursos. Já no caso dos serviços privados, a percepção de acesso é influenciada por fatores como o custo dos serviços e a qualidade dos produtos.



... a percepção de acesso a serviços públicos é influenciada por fatores como a infraestrutura, a qualidade dos serviços e a disponibilidade de recursos. Já no caso dos serviços privados, a percepção de acesso é influenciada por fatores como o custo dos serviços e a qualidade dos produtos.

esgoto, à coleta de lixo e a serviço de água associada à resposta dos católicos parece estar associado ao viés rural do catolicismo, enquanto as avaliações das condições de acesso destes mesmos serviços como ruins, e não como bons ou satisfatórios, parece estar mais ligada, no caso dos pentecostais e aos sem religião, à pobreza dos grandes centros urbanos. Uma possibilidade que não pode ser rejeitada a priori sobre a avaliação da qualidade de acesso é a de pessoas de diferentes crenças terem diferentes percepções sobre os mesmos fatos objetivos encontrados. Isto se aplicaria mais a qualidade percebida e menos a objetivamente ter ou não ter acesso **PA**. Esta questão será analisada em experimentos controlados onde se compara a resposta de pessoas com condições observáveis – como sexo, idade, geografia e em alguns casos educação e renda, especialmente aqueles relacionados a questões sócio-econômicas mais palpáveis que serão analisados na próxima seção.

**Acesso e qualidade percebida de serviços públicos:**

**Percepção de acesso à energia elétrica em casa:**

**Percepção de acesso de qualidade ruim:**

taxas de católicos (74.36%), pentecostais (11.61%) e sem religião (5.48%)

**Sem acesso:**

taxas de católicos (81.89%), pentecostais (11.38%) e sem religião (3.63%)

**Iluminação pública na rua:**

**Percepção de acesso de qualidade ruim:**

taxas de católicos (71.45%), pentecostais (12.63%) e sem religião (6.27%)

**Sem acesso:**

taxas de católicos (82.19%), pentecostais (9.66%) e sem religião (3.33%)

**Drenagem e escoamento na rua:**

**Percepção de acesso de qualidade ruim:**

taxas de católicos (%), pentecostais (%) e sem religião (%)

**Sem acesso:**

taxas de católicos (%), pentecostais (%) e sem religião (%)

**Coleta de Lixo:**

**Percepção de acesso de qualidade ruim:**

taxas de católicos (71.08%), pentecostais (14.08%) e sem religião (6.41%)

**Sem acesso:**

taxas de católicos (83.03%), pentecostais (3.57%) e sem religião (9.05%)

**Serviço de Água:**

**Drenagem e escoamento na rua:**

**Percepção de acesso de qualidade ruim:**

taxas de católicos (71.69%), pentecostais (13.46%) e sem religião (6.57%)

**Sem acesso:**

taxas de católicos (80.24%), pentecostais (10.43%) e sem religião (4.46%)

**Presença de Moradores**

A POF 2003 permite distinguir se a pessoa estava presente na casa à época da entrevista e desta forma diferenciar respondentes diretos e indiretos do questionário aplicado. Notamos que a taxa de sem religião e de católicos aumenta algo como 1,5 pontos de porcentagem para os ausentes, enquanto as religiões evangélicas sofrem uma redução mais pronunciada na mesma comparação, em particular os pentecostais. Tais constatações sugerem algum viés de resposta ou diferença real de perfil dos ausentes. [Pa](#)

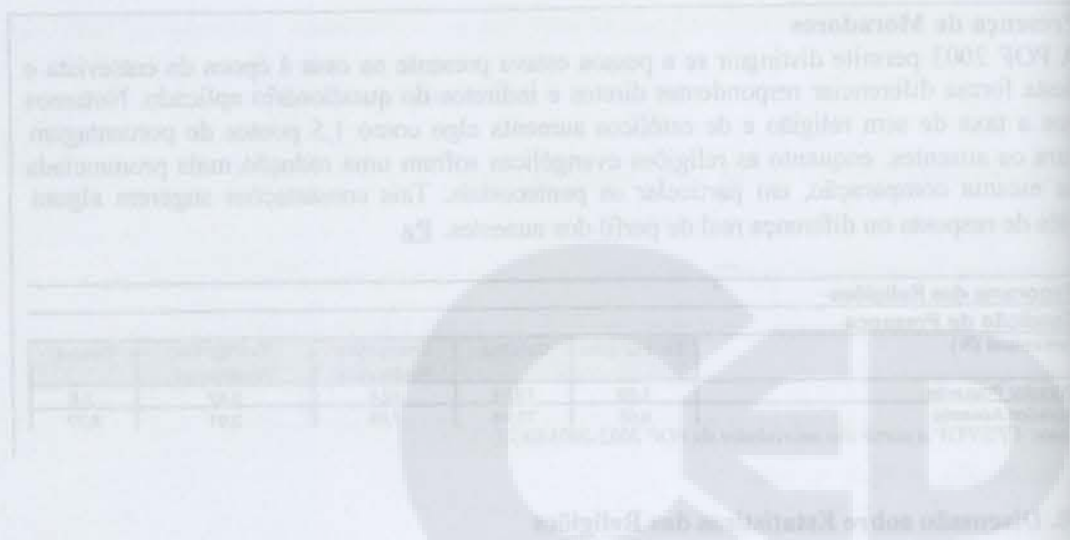
**Panorama das Religiões**

Condição de Presença	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Morador Presente	5,09	73,75	12,6	5,42	2,6
Morador Ausente	6,65	75,46	7,89	3,91	5,77

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE.

**10. Discussão sobre Estatísticas das Religiões**

Pesquisa anterior do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (CPS/IBRE/FGV) intitulada “Retratos de Religião no Brasil” e lançada em abril de 2005, mapeou a evolução da composição das crenças religiosas, confirmando movimentos apontados por outros autores baseados nas evidências extraídas do Censo 2000 vis-à-vis os demais Censos anteriores, quais sejam: a aceleração do declínio católico e o correspondente crescimento dos sem religião e dos evangélicos pentecostais e neo-pentecostais, em particular. No gráfico 1, observamos, a partir de toda série disponível, que a queda acumulada do catolicismo no século XX chegou a 26 pontos de porcentagem (p.p), sendo quase 10 p.p desta queda (cerca de 40% do total) na última década (1991 a 2000) do século passado.



Verificamos nesta nova pesquisa, então um aumento da religiosidade, em geral, e a reação católica, em particular, como sendo as principais novidades a serem realçadas. Os grupos pentecostais e neo-pentecostais continuam a sua trajetória ascendente. A surpresa gerada pelos novos dados da presente nossa pesquisa é maior quando se leva em conta a Pesquisa de Campo Mobilidade Religiosa de 2004 realizada pelo CERIS, que apontavam não só para continuidade como uma aceleração da queda católica que atingiria 67% da população em 2004 contra a nossa estimativa de 73.79%. A Pesquisa do Ceris, entretanto, cobre apenas a população com 18 anos ou mais de idade. Este viés etário da amostra faz todo o sentido quando se quer estudar mobilidade, uma vez que as pessoas adultas têm escolhas prévias autônomas em relação aos pais. Entretanto, a pesquisa não pode ser comparada com as estatísticas gerais de religiosidade divulgadas a partir dos Censos. O problema é que a taxa de católicos para uma população mais velha tende a ser maior de 74.4% segundo a POF, aumentando a discrepância das estatísticas encontradas. Não encontramos o plano amostral da pesquisa, mas sabemos que foi baseada em 2870 entrevistas em 23 capitais brasileiras e 27 outros municípios de tamanhos diversos. As nossas estimativas a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2003) do IBGE indicam que proporção de católicos de 73.79 % se mantém estável em relação à proporção de 73.89% estimada para 2000. Como a amostra da POF é extraída direto do Censo e é representativa do país inteiro incluindo as áreas rurais da região norte, por exemplo, e a POF possui o mesmo tipo de pergunta e especificação do questionário censitário e compreende mais de 200 mil observações, temos confiança nos dados aqui apresentados. A nossa conjectura é que talvez a amostra da Pesquisa de Mobilidade super-represente as capitais onde a proporção de católicos é maior. Quando calculamos a taxa de participação de católicos para as capitais metropolitanas de acordo com a POF 2003, o nível é bastante similar ao da pesquisa da Ceris, com 67,47%, com apenas 0,27% de diferença - contra por exemplo 73,64% das demais áreas urbanas e 83,67% nas áreas rurais, conforme a POF e a tabela abaixo ilustram.

Esta pesquisa pleiteia a estabilidade da proporção de católicos na população entre o Censo 2000 e a POF 2003, o que implicaria num aumento do contingente absoluto de católicos



acompanhando o crescimento populacional de 125,53 milhões em 2000 para 129,76 milhões de pessoas em 2003. Na década de 1990 a população católica caiu em termos percentuais, mais se ampliou em termos absolutos, a partir do nível de 122,37 milhões.

## 11. Religião e Economia

### 11.a. Um pouco de Max Weber

Max Weber e seu seminal "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" que recém-celebrou um século da sua primeira edição de 1905, constituem a referência seminal da literatura da ligação entre religião e economia. Weber procura explicar o maior desenvolvimento capitalista nos países de confissão protestante nos séculos XIX e a maior proporção de protestantes entre empresários e a mão-de-obra mais qualificada. A tese de Weber era que o estilo de vida católico jogava para outra vida a conquista da felicidade. A culpa católica inibiria a acumulação de capital e lógica da divisão do trabalho, motores fundamentais do desenvolvimento capitalista. A predisposição ao trabalho mundano e ao estudo também não seriam vantagens comparativas da ética católica. Recorrendo a um ditado da época: "entre bem comer ou bem dormir, há que escolher", segundo Weber "o protestante quer comer bem enquanto o católico quer dormir sossegado". Weber ressalta a importância da reforma protestante no desenvolvimento capitalista, não como um esquema causal, mas como um sistema de adoção de afinidades eletivas entre as inovações nas estruturas religiosas e econômicas.

Será a tese Weberiana aderente ao contexto brasileiro? Em primeiro lugar, a parcela de empregadores está sub-representada nas religiões emergentes: 5,9% dos sem religião e 11,3% dos evangélicos contra 7,4% e 16,2% da participação destas religiões na população. Em segundo lugar, tomemos o exemplo citado por ele de maior adesão em Baden durante 1895 ao ensino superior pelas novas crenças protestantes de então. No caso brasileiro contemporâneo as crenças emergentes possuem uma menor presença na população com pelo menos nível superior incompleto (população total): 6,5% nos sem religião e 10,3% nos evangélicos. Cabe lembrar o papel da educação como o principal determinante observável dos diferenciais de renda brasileiros. Finalmente, comparamos o rendimento de pessoas de

diferentes religiões mas iguais atributos socioeconômicos<sup>8</sup>. Este exercício revela que a renda familiar per capita de evangélicos e sem religião são 6,9% e 6%, respectivamente, inferiores aos dos católicos. Similarmente os diferenciais da renda do trabalho principal são 2,6% e 1% menores, também contradizendo a mera transposição da hipótese weberiana ao contexto tupiniquim atual.

#### Mudanças e Nível de Escolaridade

A religiosidade é menor para aqueles com menos de 1 ano de estudo (6,43% não têm religião). Também foram os grupos menos educados que apresentaram os maiores aumentos de religiosidade no período 2000 a 2003, principalmente os que têm de 1 a 3 anos de estudo, com queda de 2,64 p.p na proporção dos que se declaram sem-religião, estabelecendo uma distribuição das taxas de acesso à religião mais uniforme entre níveis de educação.

A evolução do catolicismo seguiu direções opostas entre os grupos, com queda na adesão dos mais educados e aumento na cauda inferior da distribuição educacional. Já a proporção de evangélicos cresceu em todos os grupos, sendo mais pronunciada para aqueles a 1 a 3 anos completos de estudo nas seitas pentecostais (2,11 p.p.) e para os que têm de 8 a 11 anos de estudo nas tradicionais (1,21 pp.). A escolha de outras religiões apresentou variação negativa, a exceção do grupo com mais de 12 anos de estudo com aumento de 1,05 p.p.. **PA**

#### Panorama das Religiões

Anos de Estudo Percentual (%)		Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Sem instrução ou menos de 1 ano	2000	8,81	73,81	11,6	3,47	1,98
	2003	6,43	74,04	13,41	4,26	1,55
1 a 3	2000	6,81	75,61	11,84	3,64	1,76
	2003	4,17	75,7	13,95	4,5	1,29
4 a 7	2000	7,23	73,74	11,86	4,42	2,23
	2003	4,67	74,08	13,24	5,39	2,22
8 a 11	2000	6,56	72,68	10,24	5,74	3,87
	2003	4,89	72,2	11,71	6,95	3,54
12 ou mais	2000	6,54	73,96	4,39	5,88	7,45
	2003	5,98	73,11	4,72	6,1	8,5

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000/IBGE e da POF 2002-2003/IBGE.

<sup>8</sup> Ai incluímos sexo, cor, unidade da federação, seis tamanhos de cidade e polinômios para idade e educação.

Panorama das Religiões					
Escolaridade					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Sem instrução	6,8	75,01	12,64	3,93	1,33
Creche	7,38	73,96	12,3	4,34	1,89
Pré-Escolar	6,43	71,01	14,94	5,5	1,99
Classe de Alfabetização de Crianças	7,03	75,1	12,25	4,72	0,8
Alfabetização de Adultos	1,55	81,18	12,4	3,54	1,33
Ensino Fundamental ou Primeiro Grau Regular Seriado	4,58	74,23	13,63	5,16	1,94
Ensino Fundamental ou Primeiro Grau Regular não Seriado	3,29	74,9	14,41	3,85	2,51
Supletivo (Ensino Fundamental ou Primeiro Grau)	6,67	65,32	18,1	5,65	4,15
Ensino Médio ou Segundo Grau Regular Seriado	4,65	72,79	11,42	6,99	3,48
Ensino Médio ou Segundo Grau Regular não Seriado	3,55	74,48	11,06	7,24	3,66
Supletivo (Ensino Médio ou Segundo Grau)	4,89	68,52	16,15	4,59	5,21
Tecnologia	4,94	69,07	8,83	9,78	4,24
Pré-Vestibular	9,11	69,02	6,47	9,2	6,12
Superior - Graduação Completo	5,6	74,08	4,31	4,59	9,28
Superior - Graduação Incompleto	5,58	71,77	6,1	8,23	7,48
Especialização Superior	5,31	73,64	3,6	5,81	8,99
Mestrado ou Doutorado	14,76	65,98	3,4	7,27	8,04
Ignorado	6,33	70,57	10,57	4,85	6,89

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE.

A **ética pentecostal** seria uma variante da tese weberiana supracitada. A ideia é que, enquanto o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum da culpa de acumulação de capital privada, as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa propiciou a adoção de novas práticas, tais como estratégias de comunicação através da compra de emissoras de televisão e rádio, a adesão de sistemas de franquia, uma maior ligação entre a política e a igreja, entre outras. O interessante seria testar quão difundido seria esta mentalidade materialista no praticante mediano, ou até que ponto a mesma estaria restrita nas elites clericais evangélicas. Seria a percepção da possibilidade de crescimento profissional e material através das práticas religiosas extensíveis a base das estruturas pentecostais?

O protestantismo, hoje tradicional, vicejou em lugares que se tornariam o centro dinâmico do capitalismo de então. As novas crenças emergentes no Brasil estariam prosperando numa fase de desencra quanto à possibilidade individual de ascensão social e profissional. Complementarmente, as novas igrejas pentecostais estariam numa época de escasso crescimento econômico, ocupando o lugar do estado na cobrança de impostos (dízimo e outras contribuições) e na oferta de serviços e redes de proteção social. Discutir política social sem levar em conta a atuação de entidades religiosas é deixar de fora um elemento

Religião	Homens	Mulheres	Total
Evangelicos pentecostais	10,2%	10,2%	10,2%
Evangelicos não pentecostais	1,2%	1,2%	1,2%
Protestantes	1,2%	1,2%	1,2%
Catolicos	4,8%	4,8%	4,8%
Outras	1,2%	1,2%	1,2%
Total	18,6%	18,6%	18,6%

fundamental. O crescimento de informalidade que marcou a sociedade brasileira durante as chamadas décadas perdidas encontraria eco nas novas estruturas criadas pelos movimentos pentecostais. O caráter embrionário de algumas destas religiões ofereceria os graus de liberdade necessários para a adaptação da doutrina a novos aspectos da realidade que se apresenta.

Outra variante das afinidades eletivas entre religião e inserção profissional no lado positivo seria a questão de gênero, que desempenha papel central na mudança de religiosidade recém-observada. As mulheres são hoje mais religiosas que os homens, com apenas 5,7% delas não possuindo crença, contra 9% dos homens. Em 1970, essas taxas eram 0,56% e 0,96%, respectivamente. Ou seja, as mulheres tiveram um crescimento absoluto menor, mas apesar disso as mulheres são hoje menos católicas que os homens. Num grupo de cinquenta religiões consideradas a predominância feminina se dá em 43 delas, sendo as exceções o islamismo, o judaísmo, o hinduísmo e os três principais segmentos da religião católica. Uma interpretação para as mudanças religiosas femininas é que as alterações no estilo de vida feminino ocorridas nos últimos 30 anos no Brasil não encontraram eco na doutrina católica, menos afeita a mudanças. Questões centrais para as mulheres como contracepção, divórcio e aborto são ainda tabus para a Igreja Católica, que tampouco incentiva a independência profissional das mulheres.

#### 11.b. Demanda

##### i. Renda Familiar

A seguir apresentamos um quadro da renda familiar por diferentes religiões. Os adeptos a religiões menos representativas na população brasileira são os que possuem os maiores níveis de renda. Orientais são os líderes com R\$ 5447 mensais, seguidos de espiritualistas (4220) e adeptos de religiões afro-brasileiras (R\$ 3205). Católicos, com R\$ 2023, só possuem níveis superiores aos evangélicos pentecostais (R\$ 1496). [PA](#)

Brasil: Renda Familiar por Religiões

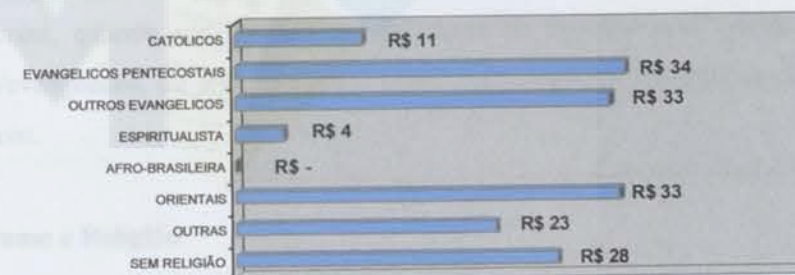


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do IBGE 2003

## ii. Doações (Dízimo)

No que se refere às doações médias feitas à igreja, observamos que os evangélicos pentecostais lideram, com R\$ 34 mensais (cerca de 2,34% de sua renda familiar). Em seguida os judeus e evangélicos tradicionais com R\$ 33. Já os católicos com médias de R\$ 11, ou seja, doam apenas 0,71% de seu orçamento familiar.

Brasil: Doações (Dízimo) por Religiões



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do IBGE 2003

Analisando em seguida como os grupos religiosos estão representados entre os doadores, constatamos que os evangélicos são os únicos sobre-representados em relação a sua respectiva participação na população total: 26,6% dos que fazem doações de dízimos são evangélicos pentecostais (12,5% da população total); os evangélicos tradicionais são 14,3%

dos fazem doações (5,4% do total). Por outro lado, os católicos que representam grande maioria da população total (73,8%), estão subrepresentados entre os doadores (57,7%).

Levando em conta a massa total de doação, a diferença entre as participações é ainda maior. Os pentecostais (12,5% da população) são responsáveis por 44% de todas as doações feitas a igrejas, enquanto os evangélicos tradicionais (5,7% da população) doam 22,7% do total e os católicos (73,8% do total) representam apenas 30,9% das doações.

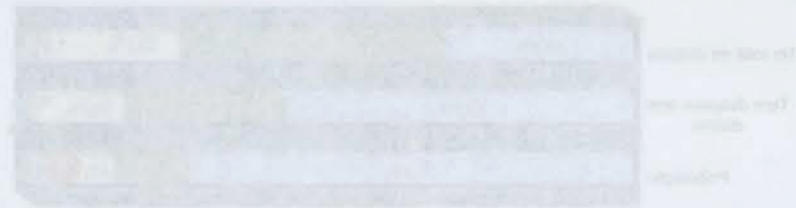


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do IBGE 2003

Em linhas gerais, a relação católicos/evangélicos é de aproximadamente 4,1 para 1 em 2003. Porém, quando restringimos aos doadores de dízimos essa relação cai para 1,4 católicos/evangélicos, ou seja, existem 3 vezes mais doadores evangélicos por fiéis do que de católicos.

### iii. Consumo e Religião

O crescimento da população dos segmentos religiosos na última década aponta para um maior ganho relativo dos evangélicos pentecostais, com 84%, seguidos dos sem religião, com 55%, e dos espíritas que cresceram 20%. Agora quando analisamos a renda apropriada por cada um desses grupos religiosos o ranking do crescimento relativo se inverte, com 156% de ganho dos espíritas, contra 41% dos sem religião e 35% dos pentecostais. A explicação está no fato nas faixas da população onde os pentecostais mais cresceram foram aqueles que sofreram as maiores reduções de renda como nas periferias metropolitanas.



Quadro 1: Estatísticas Complementares

	Crescimento da População	Crescimento da Renda	População	Renda per capita
Total			169,872,856	297.44
Evangélica Pentecostal	84.15%	34.58%	18,684,786	206.42
Sem religião	55.44%	41.43%	12,492,403	270.57
Evangélica de Missão	36.75%	57.17%	6,943,510	358.75
Espirita	20.27%	156.45%	2,288,290	786.14
Orientais	-11.17%	116.36%	490,753	962.18
Católica	-11.34%	-10.68%	125,527,349	298.83
Afro-brasileira	-30.03%	-11.67%	525,012	389.89

Fonte: CPS/FGV através do processamento dos microdados do Censo 1991 e 2000

A seguir temos informações sobre acesso a bens para cada grupo religioso. Espiritualistas e orientais são aqueles que possuem as maiores taxas de acesso. No extremo oposto estão os evangélicos (principalmente os pentecostais).

Religião, Renda e Consumo

Religião	Renda Média Per Capita R\$ Mês	Acesso a Ativos %					
		Tem vídeo cassete	Tem microcomputador	Sem televisão	1 televisão	2 televisores	3 televisores
Afro-Brasileira	389.89	53.53	14.74	3.24	46.45	31.25	18.34
Católica	298.83	33.73	10.15	11.97	54.48	22.28	10.48
Espiritualista	786.14	71.94	37.46	1.22	32.92	36.67	28.54
Evangélica de Missão	358.75	45.17	14.15	7.42	54.58	26.33	11.04
Evangélica Pentecostal	206.42	27.65	5.76	24.46	52.96	16.72	5.11
Outras Evangélicas	250.20	35.86	8.73	16.02	54.39	21.48	7.32
Orientais	962.18	73.98	38.20	1.21	33.51	34.52	30.03
Sem religião	270.57	33.21	8.83	12.55	57.39	20.56	8.10
Outras	275.84	40.60	10.82	10.40	55.51	23.68	8.39

Fonte: CPS/FGV através do processamento dos microdados do Censo

**Anexo I : Estatísticas Complementares**  
Pa Pa

**i. Bivariadas**

**Posição na Família e Situação Conjugal**

Apesar do aumento na religiosidade dos chefes ter sido superior (queda de 2,58 p.p. dos sem religião), os cônjuges possuem taxas mais altas de religiosidade (apenas 2,75% não tem religião em 2003).

Olhando para diferentes religiões, enquanto os católicos estão sobre-representados entre os chefes de domicílio (74,4% em 2003), os evangélicos estão mais presentes entre os cônjuges (20,1%, sendo 13,82% pentecostais e 6,25% tradicionais).

**Panorama das Religiões**

**Posição na Família**

Percentual (%)		Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
<b>Chefe</b>	2000	7,62	74,42	10,14	4,19	2,84
	2003	5,04	74,4	11,56	5,16	3,18
<b>Cônjuge</b>	2000	4,73	73,62	12,8	5,13	3,06
	2003	2,75	73,57	13,82	6,25	2,53
<b>Filho(a)</b>	2000	8,04	73,65	11	4,34	2,53
	2003	5,76	73,28	12,8	5,39	2,33
<b>Outro Parente</b>	2000	9,95	74,62	8,49	3,56	2,62
	2003	7,2	74,63	11,29	4,37	2,02
<b>Agregado</b>	2000	10,63	73,19	8,42	3,63	2,89
	2003	5,63	74,44	10,11	6,16	2,45
<b>Pensionista</b>	2000	10,52	73,37	6,19	4,33	4,2
	2003	15,88	59,74	11,84	9,56	1,29
<b>Empregado(a) doméstico(a)</b>	2000	5,45	80,61	8,17	3,54	1,83
	2003	5,13	79,66	12,96	2,18	0,07

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000/IBGE e da POF 2002-2003/IBGE

**Situação Conjugal**

Como já se podia prever, a religiosidade é mais presente entre os que casam no religioso (3,31% contra 11,25% dos unidos consensualmente). A participação de católicos é maior nos que casam apenas no religioso (89,32%), enquanto os pentecostais estão nos casamentos civis (20,53%).



### Situação Conjugal-Detalhamento

Taxa (%)	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Casamento civil e religioso	2,86	77,92	10,26	5,61	2,77
Só casamento civil	8,57	60,06	20,53	5,65	4,34
Só casamento religioso	3,31	89,32	4,56	1,73	0,83
União consensual	11,25	74,78	8,48	2,74	2,01
Separado(a)	7,43	71,54	12,49	4,4	3,18
Desquitado(a)	7	72,29	10,38	4,43	4,68
Divorciado(a)	7,77	66,26	12,02	5,92	6,46
Viúvo(a)	3,28	75,16	12,01	5,06	3,41
Solteiro(a)	8,17	74,68	9,69	4,18	2,7
Criança ou ignorado	8,8	71,88	12,4	4,22	2,37

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 2000/IBGE

### Problemas de Violência

#### Panorama das Religiões

##### Problemas com Violência na Área

Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	11,01	60,13	16,75	7,67	4,37
Sim	6,88	67,85	15,1	5,88	3,39
Não	4,45	76,21	11,39	5,19	2,37

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

### Problemas de Aglomeração Urbana -

#### Panorama das Religiões

##### Pouco Espaço

Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,71	60,94	16,32	7,71	4,25
Sim	6,07	72,39	14,08	4,8	2,21
Não	4,33	75,11	11,03	5,89	3,03

#### Panorama das Religiões

##### Rua / Vizinhos Barulhentos

Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	11	60,11	16,74	7,66	4,42
Sim	5,46	70,78	13,41	6,55	3,35
Não	5,03	74,78	12,14	5,04	2,45

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

#### Panorama das Religiões

##### Problemas Ambientais

Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	11,19	60,52	16,45	7,63	4,14
Sim	5,61	71,28	13,18	5,37	3,78
Não	5,02	74,48	12,25	5,39	2,39

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

Religião	1997	2002	2003	2004
Sem religião	10,2	10,2	10,2	10,2
Católica	71,54	71,54	71,54	71,54
Evangélica Pentecostal	8,55	8,55	8,55	8,55
Evangélica Tradicional	7,22	7,22	7,22	7,22
Outras	3,68	3,68	3,68	3,68

Religião	1997	2002	2003	2004
Sem religião	9,88	9,88	9,88	9,88
Católica	64,45	64,45	64,45	64,45
Evangélica Pentecostal	14,99	14,99	14,99	14,99
Evangélica Tradicional	6,77	6,77	6,77	6,77
Outras	3,85	3,85	3,85	3,85

Religião	1997	2002	2003	2004
Sem religião	10,53	10,53	10,53	10,53
Católica	60,31	60,31	60,31	60,31
Evangélica Pentecostal	16,03	16,03	16,03	16,03
Evangélica Tradicional	8,42	8,42	8,42	8,42
Outras	4,64	4,64	4,64	4,64

Religião	1997	2002	2003	2004
Sem religião	10,64	10,64	10,64	10,64
Católica	60,09	60,09	60,09	60,09
Evangélica Pentecostal	17,06	17,06	17,06	17,06
Evangélica Tradicional	7,44	7,44	7,44	7,44
Outras	4,71	4,71	4,71	4,71

Religião	1997	2002	2003	2004
Sem religião	10,43	10,43	10,43	10,43
Católica	61,51	61,51	61,51	61,51
Evangélica Pentecostal	16,41	16,41	16,41	16,41
Evangélica Tradicional	7,26	7,26	7,26	7,26
Outras	4,33	4,33	4,33	4,33

Panorama das Religiões					
Condição de Moradia					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	8,94	71,54	8,55	7,22	3,68
Boas	4,03	75,25	11,34	5,86	3,02
Satisfatórias	5,13	73,9	12,5	5,3	2,56
Ruins	8,67	69,18	15,89	4,11	1,72

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

#### Condições Percebidas Privadas de Moradia -

Panorama das Religiões					
Telhado com Goteiras					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	9,88	64,45	14,99	6,77	3,85
Sim	6,31	73,8	12,98	4,78	1,77
Não	4,44	73,89	12,11	5,75	3,18

Panorama das Religiões					
Problemas com Umidade					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,53	60,31	16,03	8,42	4,64
Sim	6,47	71,68	13,82	5,02	2,4
Não	4,49	74,91	11,77	5,56	2,78

Panorama das Religiões					
Madeiras Deterioradas					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,64	60,09	17,06	7,44	4,71
Sim	6,02	74,81	12,87	4,11	1,79
Não	4,7	73,4	12,21	6,01	3,08

Panorama das Religiões					
Casa Escura					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,43	61,51	16,41	7,26	4,33
Sim	6,02	71,85	14,59	4,91	2,13
Não	4,9	74,4	11,86	5,51	2,79

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

**Acesso e qualidade percebida de serviços públicos:**

<b>Panorama das Religiões</b>					
<b>Serviço de Água</b>					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,91	61,46	14,16	9,02	4,38
Bom	4,99	72,79	12,7	5,72	3,21
Ruim	6,57	71,69	13,46	5,57	2
Não Tem	4,46	80,24	10,43	3,82	0,93

<b>Panorama das Religiões</b>					
<b>Coleta de Lixo</b>					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,84	61,66	14,1	8,92	4,4
Bom	5,36	71,88	13,09	5,84	3,19
Ruim	6,41	71,08	14,08	5,81	2,28
Não Tem	3,57	83,03	9,05	3,39	0,78

<b>Panorama das Religiões</b>					
<b>Drenagem e escoamento</b>					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,46	66,38	11,75	7,52	3,55
Bom	4,93	73,12	12,24	5,92	3,21
Ruim	5,51	71,41	13,29	5,62	3,31
Não Tem	5,21	77	12,19	4,24	1,16

<b>Panorama das Religiões</b>					
<b>Energia Elétrica</b>					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	9,41	69,27	10,74	7,07	3,45
Bom	5,2	73,31	12,58	5,57	2,76
Ruim	5,48	74,36	11,61	5,55	2,65
Não Tem	3,63	81,89	11,38	2,13	0,92

<b>Panorama das Religiões</b>					
<b>Iluminação de Rua</b>					
Percentual (%)	Sem religião	Católica	Evangélica Pentecostal	Evangélica Tradicional	Outras
Não Respondido	10,92	62,14	12,96	9,56	4,34
Bom	5,22	72,4	13,15	5,53	3
Ruim	6,27	71,45	12,63	6,2	2,99
Não Tem	3,33	82,19	9,66	3,77	0,97

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2002-2003/IBGE

## ii. Multivariadas

### Coleta de Lixo

População: 15 anos ou mais

	Bom		Ruim		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Alto-brasileira	2,2984 **	1,0070 **	0,9348	0,5360 **	0,4114	0,1390 **
Católica	0,5002 **	0,8530 **	0,3952 **	0,8930 **	0,2258 **	0,3630 **
Espiritualista	7,7104 **	0,9250 **	3,7864 **	0,7010 **	7,4167 **	1,8170 **
Ev.Pentecostal	0,8250 **	0,9830 **	0,7482 **	0,9090 **	0,4118 **	0,4100 **
Ev.de Missão	0,8988 **	0,9480 **	0,8563 **	0,7340 **	0,2458 **	0,2200 **
Orientais	1,6360 **	0,8890 **	0,6370	0,4800 **	0,0004	0,0500 **
Outras	1,2133 *	1,0330 **	0,9244	0,8500 **	0,1904 *	0,2090 **
Outras Ev.	2,0177 **	**	3,1592 **	**	19,6488 **	0,0000

Fonte: CPSFGV a partir dos microdados do IBGE

# Controlado por: gênero/maternidade, idade, educação, religião, cor, posição na família, tamanho de cidade, unidade da federação

\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 95%

\*\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 90%

### Iluminação da Rua

População: 15 anos ou mais

	Bom		Ruim		Não Respondido	
	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #	NÃO Controlado	Controlado #
Alto-brasileira	3,7738 **	1,32 **	2,8181	0,99 **	0,6520	0,16 **
Católica	0,5156 **	0,82 **	0,4331 **	0,74 **	0,2181 **	0,33 **
Espiritualista	4,9545 **	0,93 **	4,2607 **	0,93 **	4,8421 **	1,59 **
Ev.Pentecostal	0,7972 **	0,97 **	0,6672 **	0,86 **	0,3456 **	0,34 **
Ev.de Missão	0,7728 *	0,90 **	0,7134 **	0,85 **	0,2622 **	0,24 **
Orientais	3,7184 **	1,15 **	2,4676 **	0,82 **	0,0010	0,07 **
Outras	1,0004	0,90 **	0,9580	0,91 **	0,1331 **	0,18 **
Outras Ev.	1,2146	1,04	1,3538	1,16	11,3841 **	-

Fonte: CPSFGV a partir dos microdados do IBGE

# Controlado por: gênero/maternidade, idade, educação, religião, cor, posição na família, tamanho de cidade, unidade da federação

\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 95%

\*\* Estatisticamente significante ao nível de confiança de 90%

## Anexo 2: Classificação Religiosa

### Sem religião

#### Católica

Católica Apostólica Romana  
Católica Carismática, Católica Pentecostal  
Católica Armênia; Católica Ucraniana  
Católica Apostólica Brasileira  
Católica Ortodoxa  
Ortodoxa Cristã  
Outras  
Outras Católicas

#### Evangélica de Missão

Igrejas Luteranas  
Outras  
Igreja Evangélica Presbiteriana  
Igreja Presbiteriana Independente  
Igreja Presbiteriana do Brasil  
Igreja Presbiteriana Unida  
Presbiteriana Fundamentalista  
Presbiteriana Renovada  
Outras  
Igreja Evangélica Metodista  
Evangélica Metodista Wesleyana  
Evangélica Metodista Ortodoxa  
Outras  
Igreja Evangélica Batista  
Convenção Batista Brasileira  
Convenção Batista Nacional  
Batista Pentecostal  
Batista Bíblica  
Batista Renovada  
Outras  
Igreja Evangélica Congregacional  
Igreja Congregacional Independente  
Outras  
12 Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia  
Igreja Evangélica Adventista Movimento de Reforma  
Igreja Evangélica Adventista da Promessa  
Outras  
Igreja Evangélica Episcopal Anglicana  
Outras  
Igreja Evangélica Menonita  
Outras  
Exército da Salvação

#### Evangélica Pentecostal

Igreja Evangélica Assembléia de Deus  
Igreja Assembléia de Deus Madureira  
Igreja Assembléia de Deus Todos os Santos  
Outras  
Igreja Congregacional Cristã do Brasil  
Outras  
Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo

Outras  
 Igreja Evangelho Quadrangular  
 Outras  
 Igreja Universal do Reino de Deus  
 Outras  
 Igreja Evangélica Casa da Bênção  
 Outras  
 Igreja Evangélica Casa de Oração  
 Outras  
 Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor  
 Outras  
 Igreja Evangélica Pentecostal Maranata  
 Outras  
 Evangélica Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional  
 Pentecostal Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional  
 Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional  
 Outras  
 Igreja Evangélica Comunidade Cristã  
 Outras  
 Igreja de Origem Pentecostal Nova Vida  
 Outras  
 Igreja Evangélica Comunidade Evangélica  
 Outras  
 Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais  
 Igreja Pentecostal Avivamento Bíblico  
 Outras  
 Igreja Evangélica Cadeia da Prece  
 Outras  
 Igreja do Nazareno  
 Outras  
 Evangélica Não Determinada  
 Evangélica Sem Vínculo Institucional

**Outras Evangélicas**

Declaração Múltipla de Religião Evangélica  
 Outros Evangélicos

**Espiritualista**

Espiritualista  
 Outras  
 Espírita, Kardecista  
 Outras

**Afro-brasileira**

Umbanda  
 Outras  
 Candomblé  
 Outras  
 Religiosidades Afro-Brasileiras  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Afro com Outras Religiosidades  
 Outras

**Orientais**

Judaísmo  
 Outras  
 Hinduísmo

loga  
 Outras  
 Budismo  
 Nitiren  
 Budismo Theravada  
 Zen Budismo  
 Budismo Tibetano  
 Soka Gakkai  
 Outras  
 Igreja Messiânica Mundial  
 Seicho No-le  
 Perfect Liberty  
 Hare Krishna  
 Discipulos Oshoo  
 Tenrykko  
 Mahicari  
 Religiões Orientais  
 Bahai  
 Shintoismo  
 Taoismo  
 Outras  
 Islamismo  
 Outras  
  
**Outras**  
 Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons  
 Outras  
 Testemunha de Jeová  
 Outras  
 Legião da Boa Vontade / Religião de Deus  
 Esotérica  
 Racionalismo Cristão  
 Outras  
 Tradições Indígenas  
 Santo Daime  
 União do Vegetal  
 A Barquinha  
 Neoxamânica  
 Outras  
 Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional  
 Religiosidade Não Determinada / Mal Definida  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica / Outras Religiosidades  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Evangélica / Outras Religiosidades  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/ Espírita  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Umbanda  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Candomblé  
 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Kardecista  
**SEM DECLARAÇÃO**

CLARY, E. & SIMON-LEONARD, H. (eds) 1992, Conflict and Competition: The Latin  
 Latin American Church in a Changing Environment. Boston: Lynn Rienner.

## BIBLIOGRAFIA

- ALDOUS, Joan. 1983. "Problematic elements in the relationship between churches and families." Pp. 67-80 in *Families and Religions: Conflict and Change in Modern Society*, edited by W. D'antonio and J. Aldous. Beverly Hills, CA: Sage.
- ALMEIDA, Ronaldo. *Dinâmica religiosa na metrópole paulistana*. Disponível em: <<http://cholar.google.com.br>>.
- AZZI, C. and R. Ehrenberg (1975). "Household Allocation of Time and Church Attendance," *Journal of Political Economy*, February, 27- 56.
- BARRO, Robert J. & Rachel McCleary, 2003. "Religion and Economic Growth," *NBER Working Papers* 9682, National Bureau of Economic Research
- BARRO, Robert J. & Rachel M. McCleary, 2002. "Religion and Political Economy in an International Panel," *NBER Working Papers* 8931, National Bureau of Economic Research
- BENEDETTI, Luiz Roberto. *Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática* – Cadernos CERIS, nº 2, Rio de Janeiro: CERIS, Paulinas, Loyola, Paulus; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BRUCES, S. 1999. *Choice and Religion: A Critique of Rational Choice Theory*. Oxford/New York: Oxford Univ. Press.
- BRUNEAU, T. 1974. *The Political Transformation in the Catholic Church*. New York.
- CALL, Vaughn and Tim B. Heaton. 1997. "Religious Influence on Marital Stability." *Journal for the Scientific Study of Religion* 36:382-93.
- CHAVES, M. and D. E. Cann (1992). "Regulation, Pluralism, and Religious Market Structure," *Rationality and Society*, 272-290.
- CHAVES, M. and p. S. Gorski (2001). "Religious, Pluralism and Religious Participation," *Annual Review of Sociology*, 261-281.
- CHRISTIANO, KJ. 1987. *Religious Diversity and Social Change: American Cities, 1890-1906*. New York: Cambridge Univ. Press.
- CLARKE, P. B. 1999. *Pop-star Priests and the Catholic Response to the 'explosion' of Evangelical Protestantism in Brazil: The Beginning of the End of the 'walkout'?* In *Journal of Contemporary Religion* Vol. 14, nº. 2, 1999.
- CLEARY, E. & Stewart-Gambino, H. (eds) 1992. *Conflict and Competition: The Latin Latin-American Church in a Changing Environment*. Boulder: Lynne Rienner.



BIBLIOGRAFIA

ALDOUS, John. 1982. "Protestantism's impact on the relationship between marriage and divorce." *Journal of Family Issues* 3: 1-10.

ALMEIDA, Rosângela. 2004. *Religião e família: um estudo sobre a religiosidade e o casamento*. São Paulo: Loyola.

ASKE, C. and R. Schubert. 1977. "Theological education of men and women." *Journal of Theological Education*, Volume 17, No. 2.

BARRIO, Robert J. & Robert M. MacKenzie. 2002. "Religion and Economic Growth." *Journal of Economic Surveys* 16: 1-30.

BARRIO, Robert J. & Robert M. MacKenzie. 2003. "Religion and Economic Growth in the International Panel." *Journal of Economic Surveys* 17: 1-30.

BENNETT, Lisa. 2004. *Protestantism, Conservatism, and the American South*. New York: Oxford University Press.

BRUCE, S. 1998. *God in the World: A History of Religious Change*. New York: Oxford University Press.

BRUCE, S. 2002. *Worldwide Religion: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press.

CHAVIS, M. and D. L. Thelen. 1992. "Protestant Pentecostalism and Religious Revival." *Journal of Church and State* 34: 1-15.

CHAVIS, M. and D. L. Thelen. 1993. "Protestant Pentecostalism and Religious Revival." *Journal of Church and State* 35: 1-15.

CHRISTIANO, J. 1987. *Religion, Liberty and Social Change*. New York: Basic Books.

CARL, H. H. 1988. *Protestantism and the Catholic Church in Latin America*. New York: Oxford University Press.

CLARY, E. & Steven-Gambino, H. (eds). 1992. *Evangelicalism and Competition: The Latin American Church in a Changing Environment*. New York: Basic Books.

COOMBS, Lolagene C. and Zena Zumeta. 1970 "Correlates of Marital Dissolution in a Prospective Fertility Study: A Research Note." *Social Problems* 18:92-102.

DEGRANDIS, R. SCHUBERT, L. 1990. *Vem e segue-me: a liderança na Renovação Carismática Católica*. 2ª Edição, São Paulo: Loyola.

DICKINSON, F. "The Changing Position of Philanthropy in the American Economy". New York: Columbia Univ. Press, 1970.

DURKHEIM, Emile. [1915] 1965. *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: Free Press.

ESPOSITO, J. L. (1998). "Religion and Global Affairs: Political Challenges," *SAIS Review*, summer-fall: 19-24.

FERNANDES, Sílvia R. A. *Crenças, motivações para crer e espiritualidades. Catolicismo e experiência religiosa no Piauí – pesquisa com a população*. Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005 (Coleção CERIS, 3).

FERNANDES, Sílvia R. . (org.) (2006) *Mudança de religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações*. São. Paulo: Palavra e Prece

FINK, R. & STARK, R. 1988. *Religious economies and sacred canopies: Religious mobilizations in American Cities*, 1906, *American Sociological Review* 53:41-49.

FINK, R. & STARK, R. 1992. *The churching of America – 1776 – 1990: Winners and losers in our religion economy*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

FINKE, R. & IANNACCONE, L. R. 1990. *Religious Deregulation: Origins and Consequences*. *Journal of Church and State* 132:609-26.

\_\_\_\_\_. 1993. *Supply-side explanations for religious change in America*. *The Annals*, 527:27-39.

FOX, J. (2001c). "Religious Causes of International Intervention in Ethnic Conflicts." *International politics* 38 (4): 515-31.

FREIRE, Gilberto: *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

GILL, A. (1998). *Rendering Unto Caesar: The Catholic Church and the state in Latin America*. Chicago: University of Chicago Press.

GLENN, Norval and Beth Ann Shelton. 1985. "Regional Differences in Divorce in the United States". *Journal of Marriage and the family* 47:461-52.

GLOCK, G., and Stark, R. "Religion and Society in Tension." Chicago: Rand McNally, 1965.

GOCKEL, G. "Income and Religious Affiliation: A Regression Analysis." *American J. Soc.* 74 (May 1969): 632-47.

GREELEY AM. 2000. *Religion in Europe at the End of the Second Millennium. Book ms in Review.*

IANNACCONI, L. & FINKE, R. 1993. *Supply-side explanations for religious change.* *The Annals* 527:27-39.

IANNACCONI, L. R. 1992. *Religious Markets and the Economics of Religion.* *Social Compass*, 39:123-31. 1992.

\_\_\_\_\_. 1994. *Why strict churches are strong.* *American Journal of Sociology*, 99:1180-1211.

\_\_\_\_\_. 1996. *Reassessing Church Growth: Statistical Pitfalls and their Consequences.* In *Journal for the Scientific Study of Religion*, 35 (3): 197-216.

JACKSON, E.; FOX, W; and CROCKET, H. "Religion and Occupational Achievement." *American Soc. Rev* 35 (February 1970): 48-63.

JACOB, César R. (Org), *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais.* Rio de Janeiro, RJ/ São Paulo. PUC/ RJ/ Loyola, 2003.

JOHNSON CD. 1995. *Supply-side and demand-side revivalism? Evaluating the social influences on New York state evangelism in the 1830s.* *Soc. Sci. Hist.* 19:1-30.

LAZARWITZ, B. "Some Factors Associated with Variations in Church Attendance." *Soc. Forces* 39 (May 1961): 300-309.

LENSKI, G. "Social Correlates of Religious Interest." *American Soc. Rev.* 18 (October 1953): 533-44.

MAFRA, Clara. *Relatos compartilhados: experiência de conversão ap pentecostalismo entre brasileiros e portugueses.* *Mona* 6(1): 57- 86, Rio de Janeiro: PPGAS/ UFRJ, 2000.

MARTIN, R. C. (1989). "The Study of Religions and Violence," in D. C. Rapport and Y. Alexandre (eds.), *The Morality of Terrorism: Religious and Secular Justifications*, 2<sup>nd</sup> edn. New York. Columbia University Press.

MEDEIROS, Kátia M<sup>a</sup>. FERNANDES, Silvia R. A. (Orgs). *Catolicismo e experiência religiosa no Piauí – pesquisa com a população.* Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005. (Coleção CERIS, 3).

NOVAES, Regina, *Os Jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos*. Notas preliminares, Estudos Avançados, volume 18 número 52 setembro/ dezembro 2004, p. 325.

ORO, A. P. 1966. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. 1991. *Mobilidade Religiosa dos católicos no Sul do Brasil*. In Revista Eclesiástica Católica. Vol. 51, Rio de Janeiro, junho: 309-331.

\_\_\_\_\_. *Considerações sobre a liberdade religiosa no Brasil*. Ciências e Letras, Porto Alegre, nº 37, P. 433-447, 2005. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm>>. Acesso em 03/02/2006.

PERL P. Olson DVA. 2000. *Religious market share and intensity of church involvement in five denominations*. J. Sci. Study Relig. 39:12-31

PIERRUCCI, Antonio Flavio. *O retovisor polonês*. IHU on-line, nº 136. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br> Acesso em 20/04/2005.

\_\_\_\_\_. *"Bye, Bye Brasil" – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. Estudos avançados – Religiões no Brasil*. Vol. 18 – nº 52 – São Paulo: USP; 2004. pp.17-28.

\_\_\_\_\_. *O desencantamento do mundo – todos os passos do conceito de Max Weber*. São Paulo: USP, Editora 34, 2003.

SALES, S. "Economic Threat as a Determinant of Conversion Rates in Authoritarian and No authoritarian Churches." J. Personality and Soc. Psychology 23 (1972): 420-48.

SOUZA, Luiz Alberto; FERNANDES, Silvia R. A. (Org). *Desafios do Catolicismo na cidade – pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. *A teologia do pluralismo religiosa em questão*. Disponível em: [http://www.empaz.org/dud/du\\_art04.htm](http://www.empaz.org/dud/du_art04.htm) Acesso em 03/12/2005.

THOMAS, S. M. (2000). "Taking Religious and Cultural Pluralism Seriously: The Global Resurgence of Religion and the Transformation Society," Millennium 29 (3): 815-41.

WARREN, B. "Socioeconomic Achievement an Religion: The American Case." Soc. Inquiry 40 (Spring, 1970): 130-55.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ZALESKI PA, Zech CE. 1995. *The effect of religious market competition on church giving*. Rev. Social econ. 53:350-67.

NOVAIS Regina. Os jovens "sem religião": entre secularização e "espírito de época" e  
nova religiosidade. In: Estudos de Sociologia, volume 18 número 21  
outubro/desembro 2004, p. 122.

ORD, A. E. 1988. Tempo, trabalho e espaço. Campinas: Papirus.

1991. Mobilidade religiosa dos católicos no Rio de Janeiro. In: Revista Brasileira  
de Sociologia, vol. 21, Rio de Janeiro, junho, pp. 201-211.

... Contribuição sobre a liberdade religiosa no Brasil. Ciências e Letras, Porto  
Alegre, n. 77, p. 423-447, 2005. Disponível em:  
<http://www.fundacaoinstitucional.org.br/publicacoes/...> Acesso em 03/02/2007.

PEREIRA, G. O. 2000. Religião e cultura: uma abordagem etnográfica. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

PIERRECCI, Amanda. 2002. O retorno religioso. In: Ciências e Letras, Porto  
Alegre, n. 77, p. 423-447, 2005. Disponível em:  
<http://www.fundacaoinstitucional.org.br/publicacoes/...> Acesso em 20/04/2007.

"The New Brazil" - O declínio da religião brasileira no Brasil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

... O desenvolvimento da religião brasileira no Brasil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

SALES, J. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

SOLTA, J. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

THOMAS, S. M. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

WARREN, B. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

WEISS, M. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

ZALSKI, P. A. 2000. The decline of religion in Brazil. In:  
Religião e Cultura. A. S. de Souza (org.), pp. 12-31.

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getulio Vargas.

Eigene Dateien

FGV Neri 2007

**Economia das Religiões / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. - Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007.**

[51] p.

1. Religiões 2. Economia 3. Mudanças Recentes 4. Revolução Feminina 5. Ciclo de Vida 6. Crise Metropolitana 7. Presença do Estado 8. Violência I. Neri, M.C.; Carvalhaes, L.; Monte, S.R.S.. II. Fundação Getulio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia. Centro de Políticas Sociais.

©CPS/IBRE/FGV 2007

Das richtige Verhalten ist ein...  
die Experten...  
FEB. 1997

REDAKTION

Das richtige Verhalten ist ein...  
die Experten...  
FEB. 1997



# ALLER WELT



Studentinnen der „Elementary Secondary School“ im kanadischen Bountiful. Betrieben wird die Schule von den Mormonen

## Der Sektenchef hat 24 Frauen

Zwangsehen, Missbrauch – in Kanada gehen die Behörden erstmals gegen

Mormonen vor

**D**en abtrünnigen Mormonen der Siedlung Bountiful – einer ländlichen Gegend der Provinz British Columbia, gelegen an den steilen Hängen der Skimmerhorn-Berge – musste ihre Wahlheimat Kanada bislang wie ein Paradies erscheinen sein. Seit mehr als 50 Jahren konnten die Sektenmitglieder dort unbehelligt die Polygamie praktizieren, obwohl die Vielehe eigentlich gegen das Gesetz verstößt.

Nun aber müssen die männlichen Mitglieder der Fundamentalistischen Kirche von Jesu Christi der Heiligen der Letzten Tage wohl umdenken: Die Heirat von so genannten Kinderbräuten, aber auch die angeblich vorherrschende Praxis, Mädchen heimlich für Zwangsehen über die nahe gelegene Grenze in die USA zu schieben, werden zur Anklage gebracht.

Getroffen hat es zunächst Winston Blackmore, den 60-jährigen selbst ernannten „Bischof“ der Gemeinde. Er muss sich demnächst wegen Polygamie vor Gericht verantworten. Blackmores Schwager Jim Oler wird zudem beschuldigt, ein Kind für sexuelle Zwecke aus Kanada in die USA gebracht zu haben.

Lange genug gedauert hat es allemal: Schon vor 25 Jahren hat die Polizei in British Columbia erstmals Polygamievorwürfe gegen Männer in Bountiful untersucht. Bislange erhielten Außenstehen-

den zur Kenntnis, dass dieser Mann trotzdem weiter jahrelang seine 500-Seelen-Sekte dirigieren konnte.

Die abtrünnige Mormonensekte im kanadischen Bountiful folgt der Lehre der Fundamentalist Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, kurz FLDS. Die Hauptkirche der Mormonen jedoch praktiziert die Vielehe schon seit mehr als 100 Jahren nicht mehr. Winston Blackmore wurde deshalb vor zwölf Jahren aus der FLDS ausgestoßen, woraufhin er in Kanada seine eigene „Kirche“ etablierte.

„Ich berührte keine, bevor sie nicht 16 Jahre alt war“

Winston Blackmore, Sektenführer und „Bischof“

Schon lange vorher führten die Männer aus Bountiful einem ihrer „Prophe- ten“, dem in den USA lebenden Warren Jeffs, seit Jahren minderjährige Bräute zu. Manche der Mädchen waren erst elf und zwölf Jahre alt. Das geht aus Jeffs Tagebüchern und Prozessunterlagen in den USA hervor. Jeffs sitzt mittlerweile hinter Gittern, er wurde bereits vor sieben Jahren im US-Staat Utah wegen sexueller Verbrechen an Zwölf- und 15-jäh-

de kaum Eintritt in das idyllisch gelegene Dorf der berüchtigten Polygamisten- sekte. Nur von Weitem konnte man die züchtig gekleideten Mütter in ihren bodenlangen Kleidern die Kinderwagen schieben sehen. Allein 24 von ihnen hatte Sektenchef Winston Blackmore geheiratet – zehn von ihnen noch als Minder- jährige. Mit seinen Frauen hat der Mann angeblich bis zu 135 Kinder gezeugt. Die kanadischen Behörden wussten das, sie haben es toleriert.

In den benachbarten USA sind die Justizbehörden gegen die Männer derselben Glaubensgemeinschaft vorgegan- gen, mit denen minderjährige Mädchen aus Kanada zwangsverheiratet wurden. In Kanada hingegen wurden die Polyga- misten lange toleriert. Selbst die Tatsa- che, dass zehn von Blackmores 24 Ehe- frauen bei der Heirat jünger als 18 Jahre alt waren, wurde von den Behörden nicht gegen den religiösen Führer und Vorsteher zweier Schulen ausgelegt. Da- bei hatte Blackmore vor einigen Mona- ten in einer juristischen Befragung sogar eingeräumt, drei 15-jährige Mädchen ge- heiratet zu haben. Seine Rechtfertigung: „Ich berührte keine, bevor sie nicht 16 Jahre alt war.“

Ohnehin liebt der bullige Serienbräu- tigung das Scheinwerferlicht: Mit US-Mo- derator David Letterman plauderte er vor acht Jahren in dessen Show auf dem TV-Sender CNN freimütig über seine minderjährigen Bräute. Nicht nur die ka- nadischen Bürger nahmen mit Erstaun-

gen Mädchen zu einer lebenslänglichen Gefängnisstrafe verurteilt.

In Kanada arbeitete die Justiz jedoch langsamer. In den neunziger Jahren sah der Justizminister von British Columbia von einer Strafverfolgung der Sekten- männer von Bountiful ab, weil ihm Ex- perten sagten, das ein kanadisches Poly- gamieverbot gegen die in der Verfassung verankerte Religionsfreiheit verstoßen würde. Die Regierung von British Co- lumbia subventionierte sogar die Schu- len in Bountiful, die von Sektenmitglie- dern geführt wurden.

Im Jahr 2009 wurden Blackmore und Oler zwar schon einmal verhaftet, aber wieder freigelassen. Als Folge davon musste das Oberste Gericht der Provinz allerdings auch prüfen, ob das kanadi- sche Polygamieverbot möglicherweise gegen die Verfassung verstoße. Dieses Gericht befand nun, dass Kinder und Frauen in polygamen Gemeinschaften wie Bountiful physisch und seelisch ge- schädigt würden: „Sie erleiden häufiger häusliche Gewalt und Missbrauch, auch sexuellen Missbrauch.“ Das wiege schwerer als die Religionsfreiheit.

Für die Journalistin Daphne Bramham von der Zeitung „Vancouver Sun“, die ein Buch über Bountiful verfasst hat, sind die Anklagen gegen Winston Black- more und zwei weitere Personen schon längst überfällig gewesen. Das jedoch reiche nicht: Gegangen sei bisher nur „ein kleiner Schritt auf dem langen Weg zur Gerechtigkeit“.

## STF autoriza Bispo Rodrigues a retomar trabalho fora da prisão

DE BRASÍLIA - O relator do men- salão petista no STF (Supre- mo Tribunal Federal), Luís Ro- berto Barroso, autorizou o tra- balho externo ao ex-deputado Bispo Rodrigues, condenado no por corrupção e lavagem de dinheiro a seis anos e três me- ses de prisão.

Rodrigues já havia sido au- torizado a trabalhar em janeiro na rádio Antena Nove, ligada à Igreja Universal, mas o benefi- cio foi revogado em maio por decisão do presidente do STF, Joaquim Barbosa.

No entendimento de Barbo- sa, Rodrigues e outros presos do mensalão em regime semia- berto não têm direito ao traba-

lho externo porque ainda não cumpriram um sexto da pena.

Todavia, no caso do ex-mi- nistro José Dirceu, a maioria do STF optou por seguir jurispru- dência consolidada pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça), que desde 1999 autoriza presos do semiaberto a trabalharem fora do presídio antes de cum- prirem um sexto das penas.

Antes de voltar ao trabalho na rádio, Bispo Rodrigues será transferido do Complexo Peni- tenciário da Papuda, em Brasi- lia, para o Centro de Progres- são Penitenciária (CPP), des- tinado a detentos que podem sair para trabalhar durante o dia. (MATHEUS LEITÃO)

# Evangélicos aquecem

Venda de roupas para fiéis tem alta de 20%, enquanto merc

**Para aproveitar avanço do setor, butikues não especializadas também adotam looks austeros para exibir em vitrines**

31.8.14  
7  
JOANA CUNHA  
DE SÃO PAULO

Em tempos de desaquecimento econômico, que trouxe comedimento ao consumo, é o avanço da moda evangélica quem ampara agora os lojistas do Brás. A região é polo importante de concentração do comércio popular paulistano e também de dezenas de templos religiosos.

Enquanto as vendas do bairro em geral registraram uma alta recatada, de apenas 3,5% nos últimos 12 meses, as da linha de vestuário adequado aos fiéis cresceram aproximadamente 20% no mesmo período, segundo Jean Makdissi Junior, conselheiro da Alobrás, a Associação de Lojistas do Brás.

As lojas que oferecem apenas roupas mais comportadas, como saias na altura dos joelhos e blusas sem decote, já representam mais de 5% do comércio do bairro, de acordo com ele.

“Os comerciantes da região

“Comerciantes reclamam muito do movimento fraco. Mas quem tem produtos para o segmento evangélico consegue manter um pouco do ritmo

ALEXANDRE IONES  
gerente de loja

estão reclamando muito do movimento fraco em 2014. Mas nós, que temos produtos especializados para esse segmento, conseguimos manter um pouco do ritmo”, afirma Alexandre Iones, gerente da butikue Monia, que começou no nicho de “roupas para senhoras”, mas passou a vender moda evangélica.

Na tentativa de aproveitar esse avanço, os proprietários de lojas não especializadas também passaram a demandar de seus fornecedores opções de looks mais austeros para exibir em suas vitrines.

A associação de lojistas ressalva que o bairro não pretende abandonar a vocação de comércio de moda generalista para focar os evangélicos. Deve apenas se diversificar

diante do aumento da frequência do público religioso.

A estimativa é que pelo menos 30% das lojas adicionaram peças consideradas conservadoras às suas linhas.

“O Brás concentra muitas igrejas evangélicas. São quase 20 só na região da avenida Rangel Pestana. É um movimento que veio nos últimos anos e foi reforçado pela chegada do Templo de Salomão”, diz Makdissi Junior.

O evangélico Alison Flores, diretor da loja Joyaly, estima que na rua onde fica seu negócio existam outras dez concorrentes que atendem o público religioso.

O comerciante espera a abertura de mais um competidor do outro lado da rua nos próximos meses.

## comércio do Brás

gado geral cresce só 3,5%, diz associação de lojistas

## Bispo Rodrigues é liberado para cumprir pena em casa

Delúbio deverá ser o próximo condenado pelo mensalão a ir para o regime aberto

DE BRASÍLIA

18.9.14  
7

O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), Luís Roberto Barroso, relator do processo do mensalão, liberou o ex-deputado Bispo Rodrigues para cumprir em casa o restante de sua pena de 6 anos e 3 meses por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Rodrigues, que estava em regime semiaberto, irá para o regime aberto. O benefício é concedido após o cumprimento de um sexto da pena.

Como Rodrigues trabalhou numa rádio ligada à Igreja Universal, ele conseguiu abater alguns dias de sua pena.

Fora da prisão, Rodrigues

terá que passar todas noites em casa e não poderá ir a bares, se relacionar com outros condenados e portar armas. De acordo com a Vara de Execuções Penais, no regime aberto, o preso precisa ter um comportamento exemplar.

Ele é o terceiro condenado pelo mensalão a ir para o regime aberto. Já estão em casa o ex-presidente do PT José Genoíno e o ex-tesoureiro do PL, atual PR, Jacinto Lamas.

O ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares também ficou tempo suficiente preso para ir para o regime aberto. Ele deve ser autorizado por Barroso a cumprir a punição em casa nos próximos dias.



Reprodução/Facebook



O bispo Edir Macedo, da Universal, que conta com 22 horas de programação na rede CNT

DOMINGO, 18 DE JANEIRO DE 2015 ★ ★ ★ poder A9

# Governo começa a fiscalizar aluguel de TV para a Universal

Por ordem da Justiça, ministério vai verificar legalidade de acordo firmado entre a igreja evangélica a Rede CNT

Denominação de Edir Macedo ocupa 22 horas por dia da grade da emissora, o que é ilegal, segundo Procuradoria

x.php?ctl=write\_email

24.11.2008

CED

Por determinação da Justiça Federal, o Ministério das Comunicações instaurou quatro procedimentos administrativos para fiscalizar programas da Igreja Universal do Reino de Deus em emissoras de televisão da Rede CNT.

Controlada por familiares do ex-presidente do PTB José Carlos Martinez, morto em 2003, os canais da rede transmitem programas da denominação do bispo Edir Macedo 22 horas por dia, conforme contrato firmado em 2014 e válido por oito anos.

O Ministério das Comunicações confirmou que estão sendo fiscalizadas as quatro concessões da Rede CNT: TV OM de Curitiba; TV OM de Londrina (PR); TV Corcovado, do Rio de Janeiro; e TV Carioba, de Americana (SP).

Embora o governo fale na necessidade de regulação da mídia — causa defendida há anos pelo PT — a ordem de fiscalização partiu do juiz federal Djalma Moreira Gomes, da 25ª Vara de São Paulo.

Em decisão liminar, ele concordou com o Ministério Público Federal, que, numa ação civil pública, acusou o governo de omissão em relação às normas já existentes.

Apoiada em pareceres dos juristas Celso Antônio Bandeira de Mello e Fábio Konder Comparato, a Procuradoria questiona a legalidade do contrato CNT-Universal alegando que o acordo caracteriza alienação da concessão.

Ainda que seja interpretado como publicidade, o negócio é irregular, dizem os procuradores, pois extrapola o limite legal para propaganda, de 25% da programação.

Na ação contra o governo, a CNT, a Universal e seus respectivos representantes legais, a Procuradoria pediu uma liminar (decisão provisória) estabelecendo bloqueio dos bens dos envolvidos e suspensão imediata das concessões, entre outras medidas.

Foi na resposta a esse pedido de liminar que o juiz determinou a instauração da fiscalização. A ordem é extensiva à Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações).

Apesar de ter negado os demais pedidos, o magistrado, em diversos trechos da deci-

são, sugeriu concordar com os argumentos da acusação.

Afirmou que os fatos narrados na peça inicial da ação já estão "suficientemente comprovados" e que "é robusta a plausibilidade dos argumentos no sentido de que houve a transferência [da concessão] para terceiros".

O juiz refutou a expressão "puxadinho hermenêutico", usada por advogados da TV OM de Curitiba para desqualificar a tese da acusação em uma defesa prévia.

E disse ainda que "faz sentido" a alegação de que o governo federal tem permanecido "inerte" nessa área.

Em sua primeira manifestação jurídica sobre o caso, o governo afirmou que não sabia dos problemas listados pelos procuradores. Em manifestações anteriores, como uma entrevista do ex-ministro Paulo Bernardo à **Folha**, o governo já disse que, do seu ponto de vista, não há lei específica que vete acordos como o da CNT com a Universal.

#### CONCORRÊNCIA

O milionário mercado de aluguel de horários da programação de rádios e TVs é alimentado por empresas de tevê, entidades de representação de classe e, principalmente, igrejas evangélicas neopentecostais.

Entre as concorrentes da Universal buscam expansão disputando púlpitos eletrônicos estão a Igreja Internacional da Graça, do missionário R. R. Soares, e a Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago.

A própria CNT já alugava nacos de sua grade para Santiago e para o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, antes de fechar o acordo que entrega 22 horas diárias à Universal.

Bandeirantes, Rede TV! e Gazeta são algumas das emissoras que fazem esse tipo de negócio. Globo e SBT não alugam pedaços da programação, mas algumas de suas retransmissoras já fizeram isso.

Além da CNT, o Ministério Público faz acusações semelhantes contra a Rede 21 (do grupo Band), que também fechou acordo de 22 horas diárias com a Universal. Neste caso, porém, o juiz federal da 11ª vara negou todos os pedidos de liminar.

Marlene Bergamo/Folhapress



EDUCAÇÃO NA RUA Em assembleia no vão livre do Masp, professores da rede estadual paulista decidiram manter greve iniciada na segunda (16); participaram do ato 5.000 pessoas, segundo a PM, e 40 mil, de acordo com o sindicato

## Lei exige Bíblia em escolas de Florianópolis

Prefeitura diz que vai à Justiça contra a exigência, que abrange redes pública e privada

LUCAS REIS  
DE SÃO PAULO

A exemplo de ao menos cinco Estados, a capital de Santa Catarina criou sua própria lei que obriga as escolas públicas e particulares a manterem cópias da Bíblia em suas bibliotecas. A prefeitura diz que vai à Justiça.

A lei é de autoria do vereador Jerônimo Alves (PRB), 51, bispo da Igreja Universal. O texto, já publicado no "Diário Oficial" do município,

obriga todas as escolas, inclusive privadas, a ter três exemplares da Bíblia nas bibliotecas, em texto, áudio e braile, "em local de destaque".

"O Estado é laico, mas não ateu. Estou apenas atendendo a uma demanda da sociedade, incluindo deficientes", afirmou à **Folha** o vereador.

"Algumas pessoas alegam até que é uma ofensa. Ofensa ao Estado laico é proibir uma demanda da sociedade de ter Bíblia em escolas públicas", completou.

A ideia causou reações imediatas. O prefeito Cesar Souza Jr. (PSD), cujo veto ao projeto foi derrubado pela Câmara, pretende ir à Justiça.

"Vamos ingressar com uma Adin [Ação Direta de Inconstitucionalidade]. Sou católico, mas é um aspecto meramente constitucional", disse Alessandro Abreu, procurador da prefeitura.

O Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina também pensa em acionar a Justiça para vetar a ideia.

O texto define que as despesas ocorrerão por dotações orçamentárias. "Mas colocamos no projeto a possibilidade de doação das Bíblias", afirma Alves.

Na semana passada, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, ajuizou no STF (Supremo Tribunal Federal) ações diretas de inconstitucionalidade questionando leis estaduais similares em Rio, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Rondônia.



Pimenta e Cavalcante na reunião da comissão na Câmara

## Sem rivais, PT presidirá grupo alvo de evangélicos

### Governo negociou retirada de candidatos a presidir a Comissão de Direitos Humanos

DE BRASÍLIA

13.3.15#

Em sessão marcada por embates e sem adversário da bancada evangélica, o deputado Paulo Pimenta (PT-RS) foi eleito nesta quinta (12) presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara com 14 votos (3 em branco).

Em seu discurso, Pimenta acenou aos grupos antagônicos. "Não podemos admitir a fragilização da cultura dos direitos humanos", disse ele, o único a se candidatar.

Para evitar que Pimenta enfrentasse a bancada religiosa, o PT agiu e conseguiu que líderes partidários trocassem três deputados que articulavam candidaturas: Sôstenes Cavalcante (PSD-RJ), aliado do pastor Silas Malafaia, Anderson Ferreira (PR-PE) e Pastor Eurico (PR-PE).

Cavalcante acusou o PT de "estuprar partidos" e de ter preconceito com evangélicos. Os colegas no PT negaram.

O colegiado tem sido cobinado por religiosos por tratar de temas progressistas, como aborto e orientação sexual.

A outra disputa, na próxima semana, será pelas três vice-presidências. Na ausência do presidente, os vices podem ditar o ritmo da sessão e até por propostas em votação.

A discussão divide os evangélicos. Uma ala propõe lançar nomes e a outra acha melhor não comandar do grupo.

A sessão teve provocações. Após intervenção de Jean Wyllys (PSOL-RJ), Pastor Eurico disse que "discordar não faz eu querer odiar ou matar."

Erika Kokay (PT-DF) retrucou. "[A homofobia] também é construída nas tribunas. O discurso não é inocente."

O pastor Marco Feliciano (PSC-SP) disse que os evangélicos sofrem preconceito e reclamou dos colegas. "A comissão tem que ser de direitos humanos, não dos maninhos". (MÁRCIO FALCÃO)

Seite:.....

CED

## MORTES

14.4.2017 F

MARIA DIAS SCHWANTES (1921-2015)

# Mariinha, a embaixadora da igreja adventista

PEDRO IVO TOMÉ  
DE SÃO PAULO

Durante parte da Guerra Civil do Líbano (1975-1990), os mísseis que passavam por cima da escola adventista em Beirute, capital do país, causaram imensa preocupação a Maria Dias Schwantes.

Enquanto ela morava na França, seu marido, o missionário, teólogo e arqueólogo Siegfried Schwantes, lecionou na escola até o local ser fecha-

do por causa dos conflitos.

No início da década de 1970, Mariinha chegou a acompanhar o marido em Beirute. Ali, ela trabalhou no consulado brasileiro, ajudando no processo de refugiados durante o período pré-guerra.

Nascida em São Paulo, concluiu o ensino médio no colégio Mackenzie. Na escola, começou os estudos em inglês, cujo domínio garantiu emprego nos consulados de Baltimore e Chicago, nos EUA,

anos depois.

Casou-se em 1941, pouco após conhecer o marido no Colégio Adventista Brasileiro (hoje Unasp-SP), no Capão Redondo, zona sul de São Paulo, onde fez magistério.

Depois de 1958, quando ele concluiu o doutorado, acompanhou-o nos períodos em que Siegfried lecionou nos EUA, França, Líbano, Austrália e México, onde Mariinha organizou campanhas para doação de roupas a crianças.

Em meados dos anos 1980, o casal se estabeleceu nos EUA para ficar perto das filhas. Após a morte do marido, em 2008, morou com a filha mais nova até 2013, quando escolheu morar em uma pensão.

Tinha apenas um rim, que começou a fraquejar no final de março. Morreu em Chicago, por falência de múltiplos órgãos, no dia 7 deste mês, aos 93 anos. Deixa duas filhas, netos e bisnetos.

coluna.obituário@uol.com.br

CEED



LUCRECIA ZAPPI

12.4.15  
F

O PREFEITO Bill de Blasio decidiu adicionar ao calendário letivo das escolas públicas dois feriados consagrados ao islamismo. Católico não praticante, De Blasio disse que a medida é uma maneira de “honrar a contribuição” da comunidade islâmica de Nova York.

Segundo a Universidade Columbia, cerca de 10% do total de 1 milhão de estudantes da cidade são muçulmanos.

Os feriados são o Eid al-Adha ou Grande Festa, em que Abraão oferece o filho em sacrifício a Deus, em vigor a partir de setembro em Nova York, e o Eid al-Fitr, celebração do último dia do Ramadã, que estreará em agosto de 2016.

O novo calendário pode ser visto como uma marca do pluralismo americano em defesa das minorias —alguns distritos nos Estados de Nova Jersey, Vermont e Massachusetts também têm seus feriados muçulmanos. Ou como evidência de que Nova York superou o trauma do ataque às Torres Gêmeas em 2001. No entanto, a decisão contraria o caráter laico da educação na cidade, um dos pilares ideológicos do partido do prefeito democrata. Quem comemora são as crianças, com menos dias de aula.

MACCHIATO

“Race together” não durou uma semana. A grande campanha do Starbucks lançada no mês passado para promover a discussão sobre o racismo provocou uma avalanche de irritação nas redes sociais.



6

# O calendário islâmico

Goles de preconceito, sem açúcar e sem afeto

ORK

As críticas iam do despreparo dos baristas para falar do tema até a hipocrisia da própria empresa. Segundo os internautas, o alto escalão da maior rede de cafeterias do mundo está composto de brancos, enquanto quem serve as bebidas é negro. Outros diziam que o assunto era indigesto.

Segundo o chefe executivo da Starbucks, Howard Schultz, a ideia surgiu das tensões raciais pelo país, agravadas nos últimos meses com mortes de negros desarmados por policiais brancos, como Eric Garner em Staten Island em julho do ano passado e, no mês seguinte, o jovem Michael Brown, em Ferguson, no Estado de Missouri.

Bem antes da iniciativa do Starbucks no mês passado, a Mix Coffeehaus, um café temporário no bairro do Bronx, questionava a identidade racial dos clientes.

Em lugar de perguntar o nome do cliente, como na rede mundial de cafés, os baristas perguntavam como ele se definia racialmente. A resposta, além da escolha do grão, que podia ser "Uma gota", "Mulato" e "Vira-lata", abria debates sobre o tema. Tudo fazia parte de um projeto da estudante Vernicia Colon para a Parsons the New School for Design. A cafeteria funcionou em abril e em dezembro de 2014.

## MACCHIATO 2

Depois do fracasso da campanha de interação do Departamento de Polícia de Nova York com as comunidades da cidade por fotos no Twitter, em que #myNYPD virou palco de imagens violentas da polícia contra o povo, o departamento estreia o IdeaScale.

O software já adotado por diversos órgãos federais, como a Agência de Proteção Ambiental e até mesmo a Casa Branca, lança nova possibilidade de diálogo entre policiais e moradores por meio de debates e votação anônima em ideias e projetos. O recurso talvez gere mais indagações do que respostas, mas já é uma abertura para temas difíceis e seus diagnósticos.

## PLUMAS

Mais empolgante do que a exposição de Björk no MoMA é deixar-se absorver pelos cadernos inéditos de Jean-Michel Basquiat no Museu do Brooklyn.

Enquanto a islandesa é decifrada por meio de seus álbuns em um clima encantado de faz de conta, a mostra de Basquiat não precisa de muitos artifícios para firmar sua linguagem irreverente e grafiteira.

O artista que nasceu no Brooklyn e morreu aos 27 anos é uma das vozes mais originais da arte contemporânea. Descobrir esses cadernos é, em si, pura poesia.

No Museu Metropolitan, "The Plains Indians", que vai até maio, é outra mostra imperdível sobre a arte indígena na América do Norte, com belas vestimentas e pinturas sobre couro que retratam danças vitoriosas e animais míticos, oriundas de grandes coleções como a do museu parisiense Quai Branly.

Para quem viu Björk e Basquiat (que terminam, respectivamente, em junho e agosto), a mostra dos indígenas é uma lembrança da sua forte influência sobre a imagética de Basquiat, ou da fascinação pelos rituais tribais de Björk, a serpente emplumada do rock. ←

CRÍTICA

ENSAIOS

4

## A condição humana

Duas visões do que é ser judeu

**RESUMO** Dois livros abordam, segundo vias diferentes, a definição da identidade judaica. "Ser Judeu" reúne textos de Vilém Flusser, que destaca a gratuidade e o absurdo como traços comuns. Já "Os Judeus e as Palavras", de Amós Oz e de sua filha Fania-Oz Salzberger, considera a leitura aspecto essencial dessa identidade.



NOEMI JAFFE

"SER JUDEU", de Vilém Flusser (1920-91) e "Os Judeus e as Palavras", de Amós Oz e Fania-Oz Salzberger, são livros semelhantes em suas diferenças e diferentes em suas semelhanças.

O parágrafo acima, em seu aparente absurdo e controvérsia gratuita, já é bem judaico. Afinal, sou judia e, segundo os autores de "Os Judeus e as Palavras" [trad. George Schlesinger, Companhia das Letras, 256 págs., R\$ 39,90; e-book R\$ 27,90], judeu é qualquer um que goste de polemizar.

Já que ser judeu não é uma religião, nem um povo, nem uma raça, nem uma cultura, talvez a compulsão pela controvérsia seja uma síntese possível do perfil judaico.

Vilém Flusser era um pensador ligado ao existencialismo, com uma linguagem e uma interpretação do real poeticamente abstratas e metafísicas.

"Ser Judeu" [trad. Murilo Jardimino e Marcelo Rouanet, Anablume, 246 págs., R\$ 55] é uma coletânea de vários ensaios produzidos ao longo dos anos que o autor tcheco naturalizado brasileiro viveu no país (numa edição que, diga-se, tem o maior número de erros que já encontrei num mesmo livro) e é possível dizer, de forma breve, que Flusser lamenta, em sua condição incontornavelmente racionalista, não ser um simples "chassid", cumpridor feliz e sabiamente tolo dos rituais judaicos.

Sua leitura do real e do judaísmo é complexamente apegada a uma simplicidade impossível para um filósofo que já não pode mais

sentir "a alegria espontânea de viver o absurdo". Absurdo que, segundo ele, é um dos fundamentos do judaísmo (inclusive em sua interpretação definitiva de Kafka).

Amós Oz e sua filha, a historiadora Fania Oz-Salzberger, ambos declaradamente ateus e seculares, identificam como traço definidor do judaísmo, só e simplesmente, a leitura. "Não é preciso ser arqueólogo, antropólogo, geneticista para traçar um continuum judaico. Não é preciso ser um judeu praticante. Não é preciso ser judeu. Ou, quanto a isso, ser antisemita. Basta ser um leitor." Para os dois, o lugar do judeu é o livro, e se você, leitor que se considera não judeu, for um leitor ativo e crítico, um comentarista da leitura, sinto dizer, mas, para os Oz, você é judeu.

Ocorre que essa defesa do livro como o espaço perene do judaísmo é narrada de forma simples e pé no chão, carregada de anedotas, piadas, casos talmúdicos e uma abordagem da realidade que, de tão prática (o judaísmo é também uma práxis), é quase pragmática.

Ou seja, o livro complexo se apegua à gratuidade absurda do simples e o livro simples defende a elevação espiritual pela leitura.

**PARADOXOS** Nada mais judaico do que esses paradoxos complementares, ambos corretos, mas, referindo-se, talvez, a dois tipos diferentes de judeus —para Oz, a palavra "judeus", porque parte de indivíduos, é muito mais interessante como nomenclatura do que "judaísmo", um termo recente na história e que, atualmente, serve até a propósitos segregadores.

Flusser, a partir da observação de um de seus melhores amigos, Romy, estranha continuamente a alegria serena e inexplicável daqueles que, como esse amigo, são cumpridores rigorosos das festividades e dos rituais judaicos.

Como Romy, homem estudioso, racional, amante das artes seculares, pode seguir as cerimônias e regras com tanto fervor, sem se questionar e, ainda assim, permanecer em estado de contínua alegria?

*Um judaísmo que ama e respeita as possibilidades infundas das palavras é, afinal, um judaísmo que ama e respeita quem as cria e quem as pronuncia. Ou seja, todos*

A resposta de Flusser é só aparentemente simples.

Essas limitações seriam justamente a razão pela qual Romy podia atingir o êxtase impossível —ao menos para a maioria dos intelectuais cuja palavra de ordem é, quase sempre, a melancolia. "Compreendi que os inúmeros mandamentos e proibições do judaísmo não são limitações, mas aberturas para uma vida santificada, festiva. Pois isto é o ritual judaico: formalismo como abertura para o existencialismo verdadeiro."

Flusser compreende, na festividade, o que chama de "acte gratuit", a prática da existência, ou a existência prática, sem finalismos ou utilitarismos que a assombrem; gestos sem esperança de recompensa —e, o que é mais revolucionário, sem noção de sacrifício. A má ação é evitada não porque será punida, mas por ser ruim em si.

Nesse sentido, a visão flusseriana do judaísmo lembra alguns comentários de outro filósofo judeu, Lévinas, que, por sua vez, pensa o "eu" não em termos do Ser (como fazia Heidegger), mas em termos de bondade e gratuidade.

É principalmente na "finalidade sem fim" das festas e no bem desmesurado e desnecessário de sua prática que Flusser enxerga a condição alegremente absurda da vivência judaica. (Oz, aqui, poderia tranquilamente intervir com suas piadas ou histórias em que o próprio Deus discute com alguns rabinos e, para espanto do leitor crédulo, sai perdendo).

Já em "Os Judeus e as Palavras", pai e filha veem na combinação "pão e palavras", ou "pão e livros", a explicação para a sobrevivência tão longa e marginal dos judeus na diáspora, desde sua expulsão para a Babilônia. Foi em torno da mesa, comendo, lendo, estudando e discutindo a Torá (e assim, criando o Talmud) que os judeus mantiveram sua condição, mesmo que sempre instável (e por causa dela).

Discordar, obedecer compreendendo —por oposição à gratuidade do "chassid" de Flusser— e mesmo, por que não, desobedecer respeitando são os caminhos que definem o ser judaico. Deus, para os autores, é mais uma das palavras criadas pelos judeus para compor sua história —embora, claro, seja uma das mais importantes.

Numa das parábolas contadas no livro um rabino chega aos céus para encontrar Deus, não em contemplação ou êxtase, mas estudando. "Por que Deus haveria de estar estudando? Bem, por que não? Não é ele a 'yid'? É isso o que faz um judeu. Estuda!"

Entretanto, é nas semelhanças

expressam aquilo em que se unem e a inter-relação de verdades que de tão se aceita.

Copyright © 2004 Editora de Anápolis. Todos os direitos reservados.

entre os dois livros, embora tratem de dois tipos judaicos diferentes, que se perfaz mais profundamente a dialética que mais os une do que os separa e que, por sua vez, legitima a visão de ambos sobre o judaísmo como um conhecimento de alcance e interesse universais.

Para Flusser, a festa gratuita do judeu acontece na relação intersubjetiva de cada pessoa com seu semelhante e na aceitação do mistério e da impossibilidade de conhecer o outro.

"O rosto humano é a única imagem de Deus que conhecemos" e é eternamente impossível compreendê-lo. Por isso é preciso abrir-se a esse desconhecido e, segundo o autor, só há duas maneiras de assumir-se judeu: "para os outros judeus ou para o mundo".

É claro que Flusser recomenda a segunda alternativa: "O que nos faz falta é o movimento diastólico que abre o judaísmo para os outros, ao se abrir para eles". Mas essa atitude de abertura para o outro, não só para os judeus, pode se conciliar com o cumprimento gratuito das regras judaicas? Para Flusser, sim. Aliás, do modo como ele interpreta as limitações, essa seria uma das formas mais poéticas de abrir-se, como conseguia fazer seu grande amigo Romy.

"O judaísmo pode reduzir-se a um mero gozo da sacralidade ou a uma vida que assume a responsabilidade da existência em mundo absurdo pelo reconhecimento do sacro em outro homem". No caso, qualquer outro homem, não só qualquer outro homem judeu.

Já Amós Oz e sua filha, ao depositarem nas palavras e na leitura o eixo da continuidade judaica (afinal, o judaísmo pode ser isso —nem religião, nem povo, nem cultura, mas uma continuidade), universalizam a ideia do judeu para qualquer pessoa que se dedique a comentar os textos sagrados e, ainda mais longe, os textos em geral.

Se a interpretação, para os Oz, é a palavra-chave do judaísmo, é na leitura que os autores fazem de al-

guns trechos da Torá e da Mishná que se revelam as afinidades fundadas entre sua visão e a de Flusser: se "toda alma é um mundo inteiro" (...) "cada um de nós deve ser infinitamente importante para os outros e para o coletivo, porque cada um é uma variante única da imagem de Deus".

Um judaísmo que ama e respeita as possibilidades infundas das palavras é, afinal, um judaísmo que ama e respeita quem as cria e quem as pronuncia. Ou seja, todos. Se as histórias bíblicas são fatos ou parábolas, se foram escritas por homens ou por Deus, não diz tanto respeito aos autores. O que importa é que elas existem, são belas, construtivas e pedagógicas.

"Enquanto numerosas gerações de judeus devotamente acreditaram que sem Deus não haveria netos, no fundo de seus corações também sabiam que sem netos não haveria nenhum Deus." O tempo judaico, dizem os Oz, é tão importante quanto seu espaço. O tempo, aliás, pode ser a morada do judeu.

Se Flusser pede a abertura do ser judeu para o outro, também Oz relembra que quem quer que, como os judeus, tenha tido seu mundo desfeito não pode ser estranho aos judeus. "O lancinante sentimento de um mundo desfeito —não apenas perdido, desfeito— permeia igualmente as calamidades palestina e judaica."

Termino a leitura dos dois livros, assim como este breve ensaio, ainda me perguntando: mas por que sou judia? Por que qualquer pessoa é um judeu?

Não tenho a resposta definitiva, embora essas leituras tenham me ajudado a esclarecer algumas coisas. Mantendo vivos o desejo e a prática de continuamente me abrir para o desconhecido, de me compadecer da dor alheia, de praticar gestos absurdos e gratuitos com quem quer que seja e de sempre respeitar a ambiguidade das palavras e das leituras, terei a bênção de dois dos judeus que mais respeito e admiro. ◀

T-Online

# Richard Dawkins diz que reli

ge 1 of 1

Em palestra no Fronteiras do Pensamento, zoólogo afirmou que cren

GABRIEL ALVES  
DE SÃO PAULO

Desde 1976, quando lançou o livro "O Gene Egoísta", sabe-se que o zoólogo Richard Dawkins, 74, tem talento para metáforas.

Na última quarta-feira (27), no ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento, em São Paulo, ele provou isso mais uma vez ao dizer que a religião é como um vírus de computador que se instala no cérebro com a instrução de se replicar com o passar das gerações.

Para o zoólogo de Oxford, a religião, ao longo de eras, aproveitou-se de boas características da psicologia humana como a obediência, a confiança e a disciplina para continuar existindo.

A religião seria um efeito colateral do desenvolvimento da cultura: ao mesmo tempo que os homens adquiriram sabedoria com os pais e anciãos (conseguir alimentos e ser manter saudável), também aprenderam coisas sem sentido como "você deve sacrificar uma cabra na lua cheia" ou seguir um livro sagrado.

"Não digo com certeza absoluta que Deus não existe, mas ele está na mesma categoria de fadas, goblins e do Monstro de Espaguete Voador", diz. "Se houvesse boas evidências da existência de Deus, eu mudaria de opinião."

Uma das grandes preocupações que Dawkins mostrou



O biólogo Richard Dawkins, que inaugurou a edição de 2015

é com relação ao grande espaço ocupado (principalmente nos EUA) pelo criacionismo e o design inteligente — hipótese que diz que um arquiteto criou a vida na Terra de uma vez, tal como existe hoje.

Para ele, religião deve ser estudada com distanciamento e não como alternativa de explicação para o mundo.

Para o zoólogo, há duas maneiras de encontrar o sentido da vida: reproduzindo-se e perpetuando seus genes ou em algo ligado ao passado ou ao talento das pessoas, como esportes ou música. "E nenhuma delas precisa de religião", afirma.

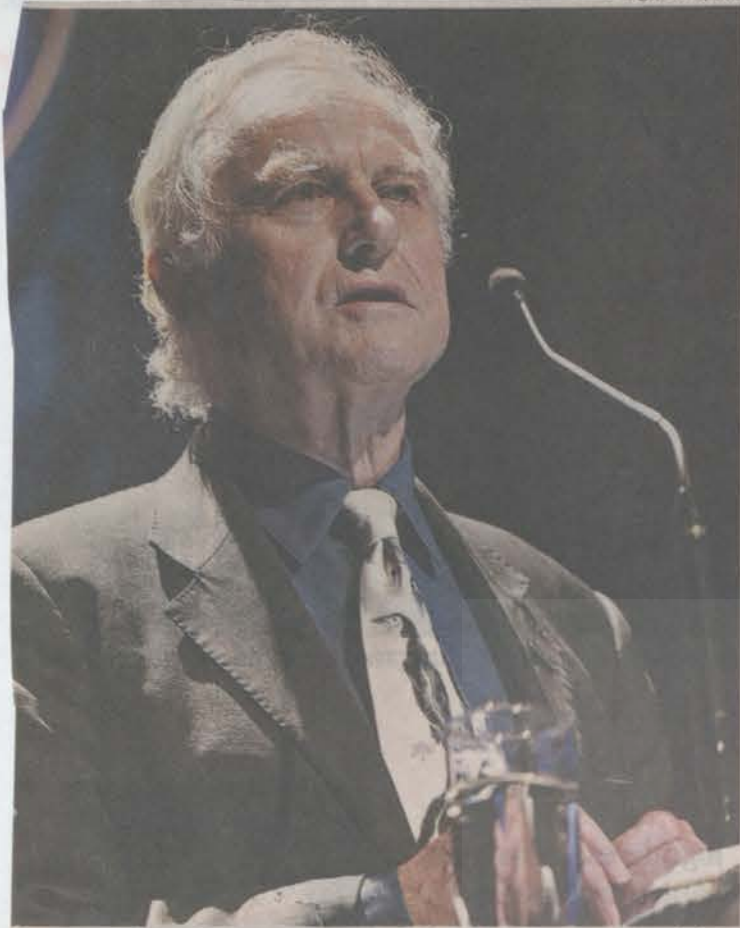
Antes de falar de religião, porém, Dawkins deu uma au-

## gião é 'vírus' para a mente

ças se aproveitaram de bons traços humanos para se perpetuarem

CED





do Fronteiras do Pensamento e falou em SP na quarta (7)

la sobre evolução. A principal comparação que ele usou foi a de uma corrida: ao mesmo tempo que o leão se adaptou para capturar a gazela, a gazela teve de se aperfeiçoar para fugir.

As espécies de hoje em dia seriam o resultado de uma "equação econômica", cujo resultado depende de onde

“ Não digo com certeza absoluta que Deus não existe, mas ele está na mesma categoria de fadas, goblins e do Monstro de Espaguete Voador

os bichos investem energia – recurso escasso na natureza.

Os animais e organismos investem energia para que possam se reproduzir e passar seus genes adiante. É justamente no gene, potencialmente imortal, que Dawkins vê a teoria da seleção natural fazer sentido. O gene tem a tendência a se perpetuar e isso transcende tanto o bem-estar do indivíduo e do grupo.

Mesmo assim, segundo o cientista, é possível haver colaboração entre indivíduos: quando se compartilha características genéticas (família) ou quando o altruísmo beneficia ambos (“eu coço suas costas e você coça as minhas”). O tema dessa edição do Fronteiras do Pensamento é “Como viver juntos”.

Outro assunto discutido foi o possível surgimento de humanos transgênicos. Dawkins diz que por milênios a espécie humana selecionou artificialmente outras espécies, como cães e cavalos, além de plantas, mas esse conhecimento nunca foi aplicado em seres humanos para construir pessoas mais altas, fortes ou inteligentes.

Ele disse que torce para que a mesma “barreira moral” impeça que a manipulação genética seja empregada na nossa espécie.

PLANTÃO MÉDICO

Excepcionalmente hoje não serão publicadas a coluna e a sessão “Saúde Responde”.

em Fronteiras do Pensamento em Porto Alegre, na segunda (25)



ENTREVISTA RICHARD DAWKINS 27. 5. 15

# Por mera covardia, Ocidente ataca mais o cristianismo do que o islã

PARA BIÓLOGO, QUE FALA HOJE NO FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, VIOLÊNCIA MAIOR DE EXTREMISTAS MUÇULMANOS E MEDO DE PARECER RACISTA CONTRIBUEM PARA TABU

**RAIO-X**  
**RICHARD DAWKINS**

**Idade**  
74

**Formação**  
Doutor em zoologia pela Universidade de Oxford

**Cargo**  
Professor emérito da Universidade de Oxford

**Livros**  
O mais recente é a autobiografia "Fome de saber". Seus títulos mais conhecidos são "O Gene Egoísta" e "Deus, um Delírio", todos editados no Brasil pela Companhia das Letras

**REINALDO JOSÉ LOPES**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

**GABRIEL ALVES**  
DE SÃO PAULO  
**RICARDO MIOTO**  
EDITOR-ADJUNTO DE "COTIDIANO"

O biólogo britânico Richard Dawkins, 74, participa, nesta quarta (27), do ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento em São Paulo, cujo tema é como promover a tolerância e a cooperação no mundo de hoje.

Fiel à sua verve polêmica, porém, Dawkins faz questão de ressaltar que, sob seu ponto de vista, não há lugar para a religião nesse projeto.

Autor do clássico de divulgação científica "O Gene Egoísta", Dawkins é capaz de explicar a teoria da evolução com clareza ímpar. No entanto, sua cruzada contra as religiões é que realmente o catapultou para o estrelato.

Em entrevista por e-mail, ele fala sobre seleção natural e lamenta o fato de que muitos intelectuais do Ocidente temem criticar o islã ou se envolver com outros temas politicamente incorretos.

**É importante incentivar o altruísmo, mas a melhor forma de fazer isso não é pela religião**

**Folha** – O tema deste ano do Fronteiras do Pensamento é "Como Viver Juntos". As religiões, das quais o sr. é um grande crítico, não teriam um papel nesse objetivo, desde que seus aspectos violentos sejam rejeitados?

É importante incentivar a cooperação e o altruísmo, mas creio que a melhor maneira de fazer isso é pelo ensino de princípios morais, e não pela religião.

As partes boas da religião podem ser justificadas por outros meios, enquanto as ruins têm de ser rejeitadas. Os critérios para decidir que partes aceitar e rejeitar só podem ser critérios não religiosos, então o mais lógico é remover a religião do cenário de uma vez. Mas não por meios violentos ou ditatoriais, claro.

**O sr. está cansado de responder a perguntas sobre religião?**

De fato, fico um pouco impaciente quando jornalistas só me fazem perguntas sobre religião. A maioria dos meus livros é sobre ciência.

Por outro lado, acho que é um dever dedicar algum tempo para debater como achar uma cura para esse mal.

**Em 2013, o sr. foi criticado por dizer no Twitter que havia mais ganhadores do Nobel do Trinity College, da Universidade de Cambridge, do que entre todos os muçulmanos do mundo. O sr. acha que certos temas são tacitamente proibidos nas universidades? E por que é tão fácil para pen-**

**sadores ocidentais criticarem o cristianismo, mas não o islã?**

Foi um erro. A versão original da minha postagem comparava todos os muçulmanos do mundo com todos os judeus do mundo. Achei que isso poderia ser ofensivo por causa do problema Israel/Palestina, e troquei "judeus" por "Trinity College". O que soou ainda mais ofensivo!

Sim, acho que existem esses assuntos tabus, e é algo que lamento, porque as universidades deveriam ser refúgios da liberdade de ter pensamentos novos e potencialmente impopulares.

pendido de algo, sua resposta imediata e sem hesitação foi "não fiz sexo o suficiente".

**Como as forças da seleção natural atuam sobre a espécie humana hoje? É possível dizer que a evolução humana, em certo sentido, chegou ao fim?**

É verdade que muitas das pressões da seleção natural que levaram à nossa evolução hoje são menos "afiadas": a medicina moderna faz com que hoje seja difícil morrer sem se reproduzir antes, caso você queira.

As diferenças em relação a esse fator — a vontade de se reproduzir — são hoje mais importantes do que diferenças na capacidade de sobreviver para se reproduzir. Se existir um componente genético por trás dessas diferenças, temos seleção natural, por definição.

Mas as pressões seletivas que surgem daí provavelmente são transitórias demais para terem significado evolutivo. Não acho que a evolução humana chegou ao fim, mas as forças que a propõem hoje são menos fáceis de entender.

**Por que é mais aceitável criticar o cristianismo do que o islã? Uma razão pode ser a mera covardia física: hoje, extremistas muçulmanos são mais violentos do que extremistas cristãos. Mas acho que outra razão é o medo liberal de ser considerado racista. É preciso, porém, repetir que o islã não é uma raça.**

**Seu livro mais recente é uma autobiografia. Ele mudou de alguma forma a maneira como o sr. vê sua vida? O que faria de diferente?**

Foi interessante ter esse olhar sobre o passado e conversar com minha mãe, que tem 96 anos, sobre memórias da minha infância.

Não tenho certeza sobre o que faria de diferente, mas acho divertido citar o poeta John Betjeman. Quando perguntaram a ele se estava arre-

★ ★ TERÇA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 2015

# 'Matador' nos ringues da luta livre agora é evangélico e cantor gospel

Aquiles, 77, foi um dos ícones dos programas de TV entre as décadas de 1960 e 1980

Pierre Duarte/Folhapress



Aquiles, atualmente cantor gospel, diante de fotos de sua época de astro da luta livre, onde ganhou o aposto de 'Matador'

ço", e ganhou muito dinheiro, de acordo com ele. Tudo gasto com carros de luxo.

Viajou pelo país, liderando o time de vilões dos ringues, em programas como o "Gigantes do Ringue" ou "Reis do Ringue". Ao seu lado estavam personagens como Múmia, Caveirinha, Ho-

mem Montanha e Belo, o Carasco Português. No time dos mocinhos, Michel Serdan, Mister Argentina e Neves eram os destaques.

Chegava para a luta de nariz empinado, sem sorrir e provocando o público. Fez duas lutas consideradas históricas por fãs: acorrentado,

contra o Mister Argentina, e dentro de uma jaula, contra Michel Serdan.

Além da trupe do programa televisivo, enfrentou Ted Boy Marino, adversário que criticava por ser "bonitinho" e atrair os olhares femininos.

Aquiles admite a teatralidade das lutas, que mistura-

vam atos circenses aos combates, e que podia haver acordos para definir os vitoriosos —mas não em suas lutas.

"A gente exagerava nas expressões, dramatizava um pouco, mas eu não entrava sabendo quem venceria, entrava para quebrar o cara. Sou crente, não posso mentir."

MARCELO TOLEDO  
ENVIADO ESPECIAL A TABATINGA (SP)

Do "monstro" que mordia os oponentes, adorava sangue e levou um rival à morte após um combate não existe mais nada. Líder dos vilões, odiado pelo público que lotava ginásios país a fora ou acompanhava a transmissão pela TV, o ex-lutador Aquiles, o Matador, 77, mudou.

Aposentado há quase duas décadas dos ringues, ele virou evangélico e cantor gospel e vive na pequena Tabatinga, cidade de 15 mil habitantes a 331 km de São Paulo.

Aquiles, batizado como Vespaciano Félix de Oliveira, foi um dos ícones de programas de luta livre exibidos em emissoras como Excelsior, Globo, Gazeta e Record entre as décadas de 1960 e 80, numa época em que nem se sonhava com o UFC.

Começou no boxe em 1960, em São Paulo. Passou para a luta livre como amador, ainda conhecido só por Aquiles. Após alguns anos, surgiu a oportunidade de ir à TV participar de um programa com outros lutadores. Daí em diante a carreira deslançou.

Com caretas e expressões malévolas, Aquiles ganhou o aposto de "matador" quando um lutador morreu depois de lutar contra ele, nos anos 60.

Participou de programas de TV, como o extinto "Balança Mas Não Cai", da Globo, de um filme de Dedé Santana, "Deu a Louca no Canga-

Exibe marcas de pontos na perna, na boca e na cabeça, "conquistados" em ringues, segundo ele.

A mudança em sua vida ocorreu após se aposentar dos ringues, em 1994, quando foi visitar um amigo em Tabatinga. Resolveu ficar um ano, mas está lá até hoje.

Aposentado, nem de longe se parece com o "sanguinário" lutador das fotos que ilustram as paredes e mesas de um cômodo em sua casa.

Mora com a terceira mulher há oito anos —tem cinco filhos, de outros dois casamentos— e sua rotina inclui nadar num centro esportivo e cantar na igreja Assembleia de Deus Aliança.

Gravou um CD, com mil cópias, por conta própria, que distribuiu a amigos e a membros da igreja. Suas canções são tocadas numa rádio local e ele se apresenta em igrejas da região.

"Não ligo de ter gastado o que gastei, porque a melhor riqueza que tenho hoje é Jesus. Era fechado, carrancudo, hoje sou alegre", disse.

Em uma rede social, trocou o "matador" por "lutador". Questionado se isso teve relação com a conversão religiosa, Aquiles afirma que sim, mas que não pode esconder seu passado.

"Deixei de lado [o 'matador'], mas é indiferente. Não posso negar o que fui", afirma ele, antes de se despedir do repórter interpretando um hino gospel.

A16 mundo ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 2015

## Judeus ultraortodoxos

Alta tecnologia é opção para religiosos que querem trabalhar

**Ultrarreligiosos, 10% da população de Israel, tiveram seus benefícios reduzidos por pressão da opinião pública**

DANIELA KRESCH  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,  
DE TEL AVIV

Escrituras sagradas numa mão, mouse de computador na outra: levados pela necessidade de sustentar grandes famílias com cada vez menos subsídios do governo, judeus ultraortodoxos (os haredim, "tementes a Deus") buscam o sustento na alta tecnologia.

"Estamos fazendo a mesma coisa que fazem em Tel Aviv", diz Yitzik Crombie, 34, fundador do Fórum Haredi de High Tech, incubadora para empreendedores ultraortodoxos que fica em Bnei Brak, maior cidade religiosa de Israel, a 6 km da capital.

Para ele, a alta tecnologia pode ser a solução para famílias em Israel que precisam de sustento e não querem deixar de lado seu estilo de vida, que segue à risca preceitos judaicos como comida "kosher" (sem mistura entre queijos e carnes, por exem-

plo), separação de homens e mulheres e descanso total no "shabat" (o sábado judaico).

Os ultrarreligiosos (10% da população) formam a camada mais pobre de Israel. Para essa comunidade, o mais importante é estudar a Torá. Só 40% dos homens trabalham. Em geral, são as mulheres que sustentam famílias com, às vezes, mais de dez filhos.

Os ultraortodoxos são alvo de críticas de judeus seculares por usufruírem de serviços de saúde e educação gratuitos contribuindo menos para a economia e, muitas vezes, recusando-se ao serviço militar obrigatório de três anos.

A tensão com os seculares cresce à medida que a comunidade haredi se multiplica —a previsão é que chegue a 25% da população de Israel em duas décadas. Nos últimos anos, além de o custo de vida ter subido, o valor dos benefícios do governo caiu diante da pressão pela inserção dos ultraortodoxos na economia.

### CONTEÚDO 'IMORAL'

As mulheres foram as primeiras a buscar os salários da alta tecnologia. Foi o caso de Racheli Ganot, 38, fundadora da Rachip, com cem empregados, a maioria mulheres.



Racheli Ganot, da Rachip, em

Aos 16 anos, Ganot entrou no primeiro curso de computação para mulheres da cidade. "Na vizinhança, ninguém entendia o que era", diz. Hoje, mais de 500 mulheres ultraortodoxas se formam todo ano nos cursos do setor.

Elas enfrentam um "choque cultural", já que a maioria delas não tem computador em casa e, quando tem,

FOLHA DE S. PAULO

## aderem a high-tech

sem deixar de seguir à risca os preceitos do judaísmo



Daniela Kresch/Folhapress

presa de alta tecnologia que emprega judias ultraortodoxas

não usa a internet, para não lidar com conteúdo "imoral".

Para aproveitar a oferta, Ganot criou uma empresa com ambiente haredi. Ela ensina aos clientes do sexo masculino como lidar com suas programadoras, em geral casadas, que usam roupas "modestas" (sem mostrar braços e pernas) e perucas (cabelo só pode ser exposto ao marido).

Em reuniões, por exemplo, é mais aceitável que os homens se sentem em frente às funcionárias, não ao lado. Não devem cumprimentá-las com apertos de mão ou beijos, elogiar o seu físico, combinar almoços de trabalho ou convidar para festas.

"As programadoras estão aqui para trabalhar, não para se socializar. No escritório,

não têm Facebook ou outras redes sociais. É pela manutenção de nossos valores que a high-tech floresce no mundo haredi", explica Ganot.

Nos últimos dois anos, os homens também começam a aderir ao setor. Yitzik Crombie conta que eles têm dificuldade para serem contratados. "Há muito preconceito. Às vezes é difícil para um empregador nos entender. Mas somos leais e dedicados."

Segundo o brasileiro Décio Segal, 34, casado e com sete filhos, os haredim se destacam em cursos de análises de sistemas, apesar de não terem estudado matemática ou inglês nas escolas religiosas. "Aprender a Torá desenvolver o raciocínio e a capacidade de estudar. E isso é a base da alta tecnologia", explica.

Para Segal, que é diretor de vendas da empresa iSale e vive em Israel há 15 anos, a high-tech permite conciliar o estudo das escrituras com o trabalho. "Do sofá de sua casa, comendo pipoca, você pode produzir algo rentável."

Mas ele admite que o mundo haredi ainda se ajusta à modernidade. "Há quem suspeite —nem todos acreditam que se possa manter a 'modéstia' no mundo corporativo."

FOLHA DE S. PAULO

# Vítimas de ataques incluem religiões afro e evangélicas

Intolerância envolve até violência física —como caso de menina atingida com pedra ao sair de terreiro no Rio

**Governo admite que problema, que não poupa nenhum tipo de fé, tende a ser pior do que volume de queixas**

EMÍLIO SANT'ANNA  
DE SÃO PAULO

A cada três dias, em média, uma denúncia de intolerância religiosa chega à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Entre 2011 e 2014, 504 queixas desse tipo foram relatadas à pasta pelo Disque 100 —canal de denúncias para violações dos direitos humanos, que são repassadas à polícia e ao Ministério Público.

O governo reconhece que a intolerância religiosa, na prática, tende a ser maior do que a denunciada —e que cenas como a da menina de 11 anos agredida na última semana com uma pedrada na cabeça ao sair de um terreiro de candomblé na Vila da Penha, zona norte do Rio, estão longe de ser casos isolados.

Em 2013, 45 episódios relatados de intolerância religiosa envolveram violência física (20% dos casos do ano). Até julho de 2014, outros 18 haviam sido registrados (12%).

## INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Fiéis de religiões afro-brasileiras são as principais vítimas de discriminação

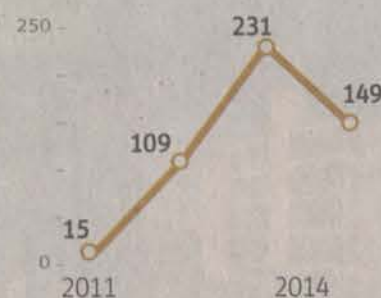
Número de denúncias por religião (2011 a 2014\*)



1  
denúncia a cada 3 dias

213  
denúncias com religião não informada

## Denúncias de intolerância religiosa



20%  
dos episódios relatados em 2013 envolveram violência física

12%  
dos episódios relatados até jul. 2014 envolveram violência física

\*Até jul. 2014

Fonte: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Fieis de religiões de matriz africana (candomblé e umbanda) são os alvos mais comuns dos relatos de intolerância recebidos pelo serviço — um terço dos episódios em que há esse detalhamento.

A garota atingida com uma pedra na cabeça ao sair de um terreiro no Rio foi atacada por dois homens que gritavam “Sai demônio, vão queimar no inferno, macumbeiros”.

Segundo a avó da menina, os autores da agressão (não identificados) eram evangélicos. E são justamente os evangélicos que aparecem em segundo lugar entre as vítimas de intolerância — mais de um quarto dos casos detalhados.

A lista de atingidos não poupa nenhum tipo de fé. Embora em menor número, espíritas, católicos, judeus, muçulmanos e até rastafáris constam dos dados da secretaria, obtidos pela **Folha**. Nos últimos quatro anos, nem os ateus ficaram de fora.

“Queremos entender melhor o fenômeno, mas é preciso ter cuidado para que não se gere mais intolerância”, diz o ministro-chefe da Secretaria de Direitos Humanos da ges-

tão Dilma (PT), Pepe Vargas.

Atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas podem render pena de um a três anos de prisão — que pode ser agravada se o alvo for uma criança ou um adolescente.

Entre esses casos, alguns tiveram maior repercussão — como o chute que Sérgio Von Helder, então bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, deu em uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, em 1995, no dia da padroeira.

#### AUTORITARISMO

O governo instituiu em 2014 o Comitê Nacional de Diversidade Religiosa. Até o começo do próximo ano, um relatório sobre essa situação deverá ser apresentado.

Segundo a diretora da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, Irina Bacci, o fenômeno não é novo, mas passa por uma exacerbação.

“Não dá para desvincular intolerâncias de todos os tipos com a intolerância religiosa”, diz. “Talvez, por um discurso autoritário de determinados

grupos da sociedade, outros sofram cada vez mais com maior requinte de crueldade.”

Irina afirma haver relatos de evangélicos que se dizem vítimas de intolerância de pastores de outras igrejas.

Para a secretária-geral do Conic (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil), a pastora luterana Romi Márcia Bencke, apesar de estarem entre os atingidos, os evangélicos não são o principal alvo. “Muitos se sentem estigmatizados, mas as perseguições que relatam são referentes ao uso dos símbolos do cristianismo, como a transexual crucificada na Parada LGBT.”

Segundo o diretor da Associação dos Pastores e Ministros Evangélicos do Brasil, pastor Carlos de Oliveira, da Assembleia de Deus, há exageros da mídia, mas também dos evangélicos. “Quando se vê o alarde que a mídia faz e for a um culto dessas igrejas verá que não há intolerância. Nunca assisti um pastor dizer, por exemplo, que um pai de santo deve morrer.”

SÁBADO, 27 DE JUNHO DE 2015

★ ★ ★ cotidiano B3

Moacyr Lopes Junior/Folhapress



Caio Marcelo Affonso, 42, em terreiro de umbanda em SP

## Terreiro de SP é alvo de pedradas e xingamentos

DE SÃO PAULO

“Macumbeiro desgraçado! Povo do diabo!” A relação com os vizinhos que já não era boa, com o tempo, só fez piorar — a ponto de as ofensas começarem a ser ouvidas na rua, afirma Caio Marcelo Affonso, 42, dirigente espiritual do terreiro de umbanda Pena Vermelha, na zona-leste de São Paulo.

“Todos nós que vivemos o Orixá já passamos por algo constrangedor”, afirma o religioso, que levou mais de um ano para conseguir alugar um local para o terreiro. “Quando falava para o que era, não alugavam em lugar nenhum.”

As ofensas verbais não são a única manifestação de intolerância por ali. Pedras e pedaços de paus já foram atirados contra o local, afirma.

Comerciante, Affonso conta que o perfil dos praticantes de umbanda vem mudando. Hoje, 70% dos frequentadores dos trabalhos em seu terreiro têm nível superior e chegam de carro. “Dizem coisas como: ‘Por isso que têm dinheiro, ficam fazendo mal para os outros’”, conta.

Situações como essas fazem parte da trajetória das religiões de matriz africana no Brasil. Uma delas deu origem ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, lembrado todo 21 de janeiro.

Em outubro de 1999, um jornal ligado à Igreja Universal publicou uma foto de Mãe Gilda, uma ialorixá (mãe de santo), com o título “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”.

O terreiro da religiosa, em Salvador, foi invadido e seu marido foi agredido. Ela morreu de infarto em janeiro do ano seguinte.

# Marcha de evangélicos pede

Nenhum partido foi criticado diretamente; segundo a Polícia Militar, cerca de

**Politização da manifestação foi defendida pelo apóstolo Estevam Hernandes, presidente da marcha**

DE SÃO PAULO

A Marcha para Jesus promovida por igrejas evangélicas neopentecostais nesta quinta-feira (4) em São Paulo foi palco para uma série de apelos pelo "fim da corrupção" e por uma "faxina ética" no Brasil.

O tema apareceu em faixas e cartazes espalhados pelo evento, ao lado de dizeres contra o aborto, a prostituição e o uso de drogas.

Em cima dos carros de som, líderes de diversas denominações condenaram o desvio de dinheiro público em suas orações e pediram "a libertação do Brasil".

Nenhum político ou partido foi criticado diretamente. Durante uma pregação, um dos pastores disse que os fiéis deveriam orar pela presidente Dilma Rousseff (PT) e pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB).

Segundo a Polícia Militar, cerca de 340 mil pessoas acompanharam a marcha. "Essas imagens vão correr 170 países. Eles não vão conhecer o Brasil como o país da prostituição, da miséria e da corrupção. Nem um Brasil de senhores e senhoras, mas o país de um senhor só", dis-



Evangélicos de igrejas neopentecostais participam da 23ª edição da Marcha para Jesus, nes

se o apóstolo Estevam Hernandes, da Igreja Renascer, presidente da marcha.

Hernandes dividiu o principal carro de som da marcha com sua mulher, a bispa Sônia. Em 2008, ela foi presa nos Estados Unidos ao entrar com dinheiro não declarado no país. Líderes de outras igrejas, como o apóstolo Valdemiro Santiago, também passaram pelo local.

Apenas políticos evangélicos, como o senador Magno Malta (PR-ES), usaram o microfone. "A pauta aqui é con-

tra o aborto, contra as drogas, contra a prostituição e contra a corrupção. O povo foi por muito tempo massa de manobra, mas acordou. O Brasil está em queda livre", disse o parlamentar à reportagem.

A politização do ato foi defendida por Hernandes. Segundo ele, a Bíblia orienta o cristão a "orar para que a nação seja sarada".

As orações ainda incluíram pedidos pela formação de "uma geração de líderes em todas as esferas de poder que temam" o nome de Deus.

A marcha começou às 10h em frente à estação da Luz, na região central da capital paulista e saiu em direção ao Campo de Marte, quase cinco quilômetros depois.

Os organizadores trataram a marcha como histórica, mas não quiseram estimar público. Em 2012, o evento reuniu, segundo o Datafolha, cerca de 335 mil.

No ano seguinte, a apuração contou 200 mil participantes. Desde 2014 o instituto não calcula a adesão ao evento. (DANIELA LIMA)

EXTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 2015 ★ ★ ★ poder A5

## 'faxina ética'

340 mil pessoas acompanharam o ato

Uraensc  
Schenke  
gute Hir  
beistehs  
der imm

-Stille-

Herr Jes  
Mache s  
damit dir  
die unse

-Stille-



Moacyr Lopes Júnior/Folhapress

na quinta-feira (4), na avenida Tiradentes, no centro de SP

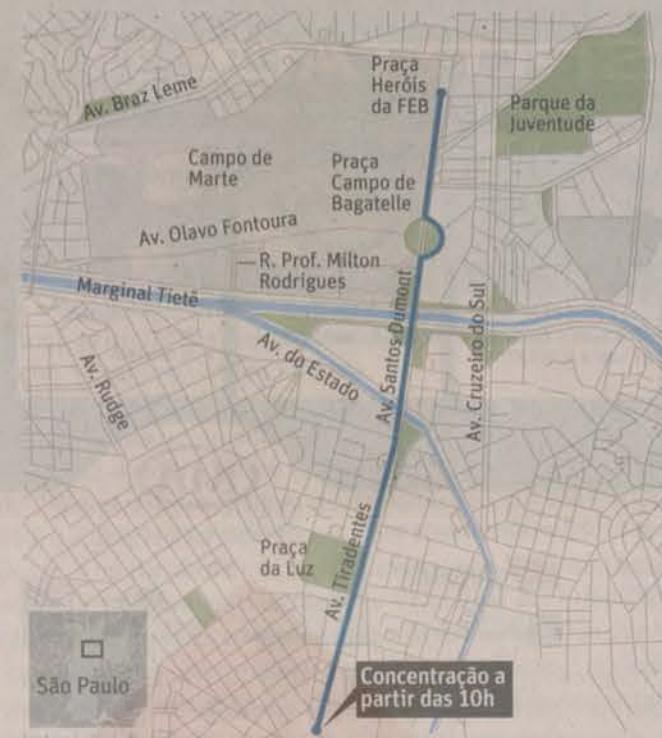


Moacyr Lopes Júnior/Folhapress

A bispa Sônia Hernandez (de marrom) junto a evangélicos

## O TRAJETO

Marcha para Jesus irá da estação Luz até a zona norte de São Paulo



**QUANDO**  
Quinta (4), a partir das 10h

**ONDE**  
Concentração em frente à estação Luz do metrô, no centro. Segue até a praça Heróis da FEB (zona norte)

**BLOQUEIOS**  
Pça. Heróis da FEB e av. Santos Dumont, entre as av. Braz Leme e Pedro Leon Schneider, até as 4h desta sexta (5). A partir das 9h desta quinta (4), inclui trecho até a pça. Campo de Bagatelle  
Av. Tiradentes, parcialmente, a partir das 5h  
Av. Olavo Fontoura, entre a pça. Campo de Bagatelle e a r. Prof. Milton Rodrigues, das 9h30 às 14h

## Evangélicos esperam público maior na Marcha para Jesus deste ano

Evento começa às 10h desta quinta, no centro da capital paulista

DE SÃO PAULO

Algumas das principais denominações evangélicas neopentecostais do país participam nesta quarta (4) da 23ª Marcha para Jesus na capital paulista. A expectativa dos organizadores é mobilizar um público maior que os registrados nas edições anteriores.

Considerada pelos organizadores o maior evento popular cristão do mundo, o evento reuniu, segundo o Datafolha, cerca de 335 mil em 2012. No ano seguinte, em medição científica feita com os mesmos critérios, a apuração contou 200 mil participantes.

O instituto de pesquisa não

fez contagem em 2014 e nem fará neste ano.

Com o tema "Exaltando o Rei dos Reis", o evento, liderado pela Igreja Renascer em Cristo, terá como principal bandeira neste ano a defesa da união das diferentes denominações evangélicas em torno da crença em Jesus Cristo.

O presidente da denominação, bispo Geraldo Tenuta Filho, avalia como positivo o aumento da bancada evangélica no Congresso na última eleição, mas observa que a marcha não deverá ter "a mínima conotação política".

"Os evangélicos são hoje por volta de 25% [da população], mas nós não alcançamos

ainda esse percentual [no Congresso]", disse.

Além da Renascer, devem participar da marcha grupos da Assembleia de Deus, a Igreja Mundial e a Igreja Quadrangular, entre outras.

O evento começa às 10h na Estação da Luz, região central, e seguirá em direção à praça Heróis da Força Expedicionária Brasileira, zona norte, onde serão promovidos shows gospel. O trajeto será acompanhado por trios elétricos.

"A verdade da marcha é que ela representa a união, a comunhão de todos aqueles que acreditam em Jesus", diz apóstolo Estevam Hernandez, fundador da Renascer.

CED

# Blickdicht vor dem Herrn

Brasilianische Unternehmer entdecken einen krisenfesten Wachstumsmarkt: Produkte für evangelikale Kirchgänger in ganz Lateinamerika

VON THOMAS FISCHERMANN

3.9.15 für

**S**chwer zu sagen, wie der liebe Gott sich auf Erden die Jeansröcke wünscht. Alison Flores zieht ein indigoblaues Modell aus dem Regal, legt es auf die Verkaufstheke und streicht es sorgfältig glatt. Dieser Rock, sagt er, komme den Idealvorstellungen seiner frommen Kundinnen schon sehr nahe und koste 50 Euro. »Sehen Sie hier? Alles ein wenig länger gearbeitet. Dieser Rock verdeckt eine Menge Bein.«

Was ist mit den großen Zierlöchern im Stoff? Triumphierend dreht Flores das Kleidungsstück auf links. »Innenfutter«, bemerkt er, »blickdicht.« Und was sind das für komische Ausbeulungen am Hinterteil? »Gesäßpolster«, antwortet der Mann, und dann grinst er und prustet los. »Man kann sie auch rausnehmen. Aber auch unsere Kundinnen setzen sich hintenrum gerne etwas in Szene.«

Willkommen in der verwirrenden Welt eines exotischen Wachstumsmarktes: Produkte für fromme Kirchgänger in Lateinamerika. Der 38-jährige Flores ist Geschäftsführer bei einem Pionierbetrieb dieser Branche: Das Modelabel Joyaly aus São Paulo kleidet seit 1990 Frauen aus evangelikalen Freikirchen ein. Joyaly-Blusen sind hochgeschlossen und häufig engelsweiß, Joyaly-Kleider geben auch dominanten Hüften noch Spielraum. »Unsere Mode erlaubt keine Vulgarisierung der Frau«, erläutert der Chef und fügt hinzu, dass seine Mutter die Modelinie einst ins Leben gerufen habe. »In der Kirche wird sehr auf die richtige Kleidung geachtet!«

Dann dreht er sich um und brüllt in den hinteren Teil des Ladengeschäfts. Die Leute mit der Bohrmaschine sollten doch bitte einmal Ruhe geben! Flores lässt gerade ausbauen. Die Anproberäume reichen nicht mehr aus. Der Kundenverkehr reißt nicht ab, nicht einmal jetzt, der Umsatz seines Unternehmens wächst um fünf Prozent im Jahr. Brasilien steckt zwar in einer schweren Konjunkturlaute – die Wirtschaft schrumpft seit Ende 2014 –, aber Produkte für die Anhänger evangelikaler Freikirchen gehen weg wie frisches Brot. Nach einer Schätzung der ESPM-Universität in São Paulo wird sich der Markt für solche Produkte zwischen 2012 und 2015 verdoppeln, auf drei Milliarden Euro im Jahr.

Die Zahl der Anhänger von Pfingstkirchen und evangelikalen Glaubensgemeinschaften wächst seit Jahrzehnten in Lateinamerika. In Brasilien zählt sich heute knapp ein Viertel der Bevölkerung dazu; »katholisch« nennen sich noch 65 Prozent. Vor allem aber ist die Kaufkraft der Evangelikalen rasch gewachsen. In den neunziger Jahren fanden solche Kirchen ihre Anhänger in den Armenvierteln der Städte, im Boom des vergangenen Jahrzehnts stiegen dann 40 Millionen Arme in einen bescheidenen Wohlstand auf. Viele Kirchen predigen eine Theologie des Wohlstands: Gott will, dass du möglichst viel Geld verdienst und der Kirche zehn Prozent davon abgibst!

Manche evangelikale Superkirche ist auf diese Weise zu einem Milliardenkonzern geworden – allen voran die brasilianische, aber inzwischen weltweit operierende »Universal-Kirche«. Sie unterhält Zehntausende Glaubensstätten, darunter den megalomaneischen Salomons-Tempel in São Paulo mit 10 000

Welt lamentieren, ist aber der falsche Weg. Also weiter kämpfen – mit Power und Phantasie, auch wenn es schon mal leichter fiel.





Sitzplätzen. Sie betreibt auch den zweitgrößten Fernsehkanal Brasiliens. Im Gefolge solcher Riesenkirchen stiegen Gospel-Musiklabel und Bibel-Verlage auf, auch sie ein Multi-Millionengeschäft.

Joyal und Co. sind der nächste Schritt. Solche Unternehmen beweisen, dass sich mit dem Wörtchen »evangelikal« selbst für kirchenferne Produkte eine enorme Kaufkraft mobilisieren lässt: für Badelatschen nach Art von Genezareth, Kreditkarten der Marke Missionar, Erfrischungsdrinks namens Judaskuss. Jedoch läuft das Geschäft nur dann, wenn man die Zielgruppe mit einem speziellen Marketing erreicht – und um diese Aufgabe kümmert sich nun eine weitere, vierte Welle von Unternehmern. Kirchenkundige Werber und Berater drängen in den Markt. In São Paulo findet nun einmal im Jahr die Spezialmesse ExpoCristá statt. Eine Unternehmensgruppe namens Clube Ovelhas (Club der Schäfchen) bringt Hersteller von Produkten mit Werbe- und Eventagenturen zusammen.

Das ambitionierteste Projekt in dieser Richtung ist wohl das Soziale Netzwerk Facegloria: ein kompletter Ersatz für Facebook. Das Unternehmen aus São Paulo verbietet in seinem Netzwerk Pornografie, Gewalt und vieles mehr, etwa Homosexualität, und statt auf Like klickt man dort auf Amen. Allein im ersten Betriebsmonat, das war im Mai, meldeten sich bei Facegloria 100 000 Benutzer an. »Bis Ende dieses Jahres wollen wir die erste Million geknackt haben«, sagt Firmengründer Acir Filló dos Santos.

Der 43-Jährige (»verheiratet, drei Kinder, Jurist«) ist ein hektischer Schnellredner, der über einer Tasse Espresso an der Hauptgeschäftsstraße von São Paulo

sitzt und den Firmenplan für sein Start-up erläutert. »Später wollen wir systematisch Werbung verkaufen – Google hat bei uns schon angerufen!«, sagt er. »Wenn wir eine gemeinsame Plattform für diesen zersplitterten Markt der vielen evangelikalen Kirchen schaffen – dann wird es kein Unternehmen mehr geben, das bei uns nicht inserieren will!«

Filló hat bereits seine hervorragenden Beziehungen in die Szene spielen lassen. Seither empfehlen große Kirchenfürsten von der Kanzel herab die Mitgliedschaft bei Facegloria. Gospelsänger werben für das Netzwerk bei ihren Auftritten, und im Gegenzug bekommen Facegloria-Besucher deren neueste Lieder zwangsweise vorgespielt. Beim Original in Kalifornien, bei Facebook, sieht man die frommen Latinos offenbar als Bedrohung an. »Facebook hat uns rechtliche Schritte angedroht«, berichtet Filló, »aber wir werden kämpfen.« Brasiliens Kirchenfürsten hätten beste Verbindungen in die Politik, die würden niemals zulassen, dass ein brasilianisches Unternehmen mit kirchlichem Hintergrund geschlossen wird.

Bei dem Thema wird Filló richtig wütend. Mark Zuckerberg, der Facebook-Gründer? »Wer ist dieser Mann? Ist er der Herr des Internets?«, ereifert sich der Brasilianer und sagt noch ein paar andere Dinge, die gar nicht fromm klingen. Außerdem wolle er, Filló, mal wissen, was an dem Begriff Facebook schützenswert sei. Er habe ein bisschen gegoogelt. Da sei er ganz schnell auf eine Webseite gestoßen, die »Facegirl« heißt, voller nackter Frauen. Filló hat bei den Kollegen gleich angerufen. »Und wissen Sie was? Die haben nie ein Protestschreiben von Facebook bekommen!« Jetzt fühlt Filló sich diskriminiert.

Salomons Tempel und eine Filiale der auf züchtige Kleidung spezialisierten Modekette Joyaly in São Paulo (oben), ein evangelikaler Prediger mit Gläubigen in Rio de Janeiro

Fotos

Alison Flores, der Modeunternehmer vom frommen Label Joyaly, kann die Logik hinter Facegloria gut verstehen: »Das Marketing gegenüber Evangelikalen ist sehr schwierig«, sagt er. »Soziale Netzwerke im Internet funktionieren super«, denn Gemeinschaft sei Evangelikalen wichtig. Außerdem unterhalte Joyaly eine Armee von mehr als 10 000 Vertriebspartnerinnen in den Gemeinden, eine Art Avon-Ladys für reizmindernde Oberkleider. »Mit Werbung durch bekannte Prediger hingegen haben wir gar keine guten Erfahrungen gemacht«, berichtet Flores. »Wenn Sie einer bestimmten Kirche zu nahe kommen, wird es schwieriger mit allen anderen.«

Die eigentlichen Herausforderungen sieht Flores aber auf Dauer anderswo. »In den neunziger Jahren, als Evangelikale arm waren, hatten wir ein sehr treues Publikum«, sagt er. Doch mit dem sozialen Aufstieg wandelten sich auch die modischen Vorstellungen. »In manchen Kirchen werden die Kleiderordnungen immer lockerer, da geht es fast schon wie bei den Katholiken zu«, sagt Flores.

Der Unternehmer bietet jetzt Damenkleidung an, wie sie früher undenkbar in den Kirchen war: Blusen ohne Ärmel beispielsweise. »Die evangelikale Frau zieht einen Blazer drüber«, wiegelt er ab. Doch sicher ist sicher: Flores hat diese neuen, gewagteren Kreationen in ein neues Label aufgegliedert. »Linda Valentina« ist seit sechs Monaten am Markt. »Damit man nicht zugleich die Stammkundschaft verschreckt«, sagt der Modeunternehmer. »Diese neuen Kleider sind eher etwas für ihre Töchter.«

Mitarbeit: SHANNA HANBURY

CRÍTICA ENSAIO

# Livro coloca em perspe

Coletânea de textos sobre milenarismo e messianismo tr

REGINALDO PRANDI  
RENAN WILLIAM DOS SANTOS  
ESPECIAL PARA A FOLHA

O medo do fim do mundo nasce com a religião, que na ausência da ciência tratou de explicar como tudo começou e terminará. Esse medo persiste, mas os desígnios divinos foram substituídos pelas estripulias humanas como causas do fim do mundo. Mesmo a religião hoje aponta a ação do homem contra o planeta como razão do apocalipse.

A crença sobre o fim do mundo de cada religião forma sua escatologia. Na esca-

tologia bíblica, que envolve a luta do bem contra o mal, nos últimos tempos o diabo ficará preso por mil anos, período em que os merecedores viverão de novo o paraíso na Terra. Após esse milênio de paz e prosperidade, o diabo será solto e derrotado, acontecendo então o Juízo Final. Isso é milenarismo.

Em certos casos, pode-se esperar a intervenção nesse episódio de um enviado divino, o messias, que deve guiar o povo para que o bem vença de uma vez o mal, promovendo o advento do paraíso terrestre. Isso é messianismo.

Interpretações dessas crenças têm sido fonte de movimentos milenaristas e messiânicos. Tanto no milenarismo como no messianismo, a religião orienta completamente a vida dos fiéis e suas coletividades. Mas essa é uma modalidade de religião extra cotidiana, excepcional. Não é para durar, não pode durar. Daí, costumeiramente, ser chamada de surto.

No livro "Messianismo e milenarismo no Brasil", organizado por João Baptista Borges Pereira e Renato da Silva Queiroz, os surtos mais famosos são tratados em ensaios

SÁBADO, 19 DE SETEMBRO DE 2015 ★ ★ ★ **Ilustrada C5**

## pectiva religião no Brasil

aça rico panorama dos movimentos que marcaram o país

de diferentes autores, de diversas áreas, muitos publicados anteriormente em veículos hoje de difícil acesso.

Do antigo sebastianismo português, passando por Canudos, até casos mais recentes, como os do Contestado e de Catulé, entre outros, o livro traça um rico panorama dos movimentos que marcaram um Brasil de religiosidade tradicional, buscando as origens conceituais do tema no judaísmo antigo e avançando na direção de movimentos brasileiros de raízes católicas, evangélicas e indígenas.

Todos esses casos têm em

comum um estilo de religião hoje esvaziada em nossa sociedade, mas os milenarismos e messianismos continuam a se reproduzir, em geral, independentemente da religião. A ideia do apocalipse sobrevive ao fim das profecias religiosas. Veja-se o midiático caso do fim do mundo anunciado para 2012.

A força da religiosidade brasileira de hoje, pintada com cores generosas por analistas que se rejubilam com um improvável retorno do antigo poder da religião, não chega aos pés da intensidade dos movimentos messiânicos

e milenaristas brasileiros nessa coletânea. Até por isso, uma das contribuições do livro é ajudar a pôr em perspectiva o cenário religioso atual.

REGINALDO PRANDI  
é professor de sociologia da USP

RENAN WILLIAM DOS SANTOS  
é mestrando em sociologia da USP/FAPESP

**MILENARISMO E  
MESSIANISMO NO BRASIL**

ORGANIZADORES João Baptista  
Borges Pereira e Renato da Silva  
Queiroz

EDITORA Edusp

QUANTO R\$ 52,00 (280 págs.)

CLASSIFICAÇÃO muito bom ★★

# Porto Alegre tem único templo de 'igreja da ciência'

Centro positivista foi construído a partir da doutrina do francês Augusto Comte

**Filosofia era popular no século 19 e inspirou movimentos políticos, inclusive a proclamação da República do Brasil**

PAULA SPERB  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,  
EM PORTO ALEGRE (RS)

O único templo da Igreja Positivista em funcionamento no mundo abre suas portas de madeira pintadas de verde todos os domingos, das 10h às 13h, em Porto Alegre.

Um mestre guardião é responsável pelas chaves do lugar, que é mantido com o apoio de sete apóstolos e cerca de 30 confrades assíduos —os simpatizantes chegam a centenas, segundo ele.

No Rio de Janeiro há um templo semelhante mais antigo, fechado. Em Curitiba, positivistas se reúnem numa sala comercial. Mas é o templo de Porto Alegre o único ativo e que tem fama internacional: o sociólogo Michel Maffesoli, conhecido por tratados sobre a pós-modernidade, esteve ali três vezes.

O prédio foi inaugurado em 1928 e tombado pelo patrimônio estadual em 2010. A planta arquitetônica segue o projeto do filósofo francês Augusto Comte (1798-1857), propagador do positivismo.

A doutrina inspirou movimentos políticos no mundo todo e, no Brasil, a proclamação da República é o principal fruto. A bandeira nacional sintetiza o positivismo com os dizeres "ordem e progresso". Na fachada do prédio gaúcho lê-se o lema original de Comte: "O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim".

O positivismo é uma filosofia, mas gerou uma religião elaborada por Comte.

"Ele concluiu que toda filosofia e sociologia à disposição do homem não bastavam pa-

ra mudar a sociedade, e viu que a religião tinha esse poder. É utópica a nossa doutrina", afirma Erlon Jacques de Oliveira, que é o atual guardião do templo.

Oliveira adotou o positivismo há 15 anos e assumiu o posto depois que o antigo guardião, o empresário Afrânio Capelli, se "transformou", em 2013.

"Os positivistas não usam a palavra morte. Usamos a palavra 'transformação'", diz Oliveira. Depois vem a "incorporação", um ritual póstumo realizado após sete anos em que as cinzas do positivista são jogadas no "bosque sagrado", uma incorporação simbólica à humanidade.

"Avaliamos em uma cerimônia se a vida do confrade foi convergente ou divergente", diz Oliveira. Os convergentes tiveram vida exemplar, enquanto os divergentes podem ter cometido atos de corrupção, por exemplo,

e não são incorporados.

## RITUAIS E SÍMBOLOS

Na infância, Oliveira passava diante do templo quando ia ao parque da Redenção, a poucos metros dali, com o pai. O portão de ferro com a inscrição "Os vivos são sempre e cada vez mais necessariamente governados pelos mortos" assustava o garoto.

"Pensava que era coisa de fantasma. Hoje entendo que serve até como filtro, para afastar místicos", afirma.

**Comte concluiu que toda filosofia e sociologia à disposição do homem não bastavam para mudar a sociedade**

ERLON JACQUES DE OLIVEIRA  
guardião do templo positivista

O positivismo tem como dogma a ciência. Nada que não possa ser "comprovado", como espíritos, por exemplo, é propagado.

Os degraus da escada do templo têm inscrições que simbolizam a evolução da humanidade. O altar é adornado com bustos de "grandes homens" que representam áreas do conhecimento, como Gutenberg (indústria) e Arquimedes (ciência antiga).

O positivismo tem calendário próprio, com 13 meses. O marco zero é o ano de 1789, da Revolução Francesa.

Em cultos deste mês, que para os positivistas é o mês de Descartes, do ano 226, Oliveira falou sobre o "poder da internet, tanto para a informação como para a alienação".

Para o futuro, os planos são realizar os ritos estabelecidos por Comte. "Já realizamos o fúnebre, agora vamos celebrar casamentos e batizados", revela Oliveira.

Henrique Amaral, Aero Studio/Divulgação



Interior do templo positivista é decorado com bustos de grandes personagens da história

15.11.15

2

# A política evangélica

## Em que temas ela é mais conservadora



**RESUMO** Com base em dados apurados pelo Datafolha, os autores procuram situar as posições de políticos evangélicos em relação às dos parlamentares e dos eleitores. Tais posições variam a depender do tema e é nas questões ligadas à sexualidade que o conservadorismo da bancada evangélica aparece com mais ênfase.

REGINALDO PRANDI  
MAURO PAULINO

**A ELEIÇÃO DA** Assembleia Constituinte, em 1986, marcou o ingresso dos evangélicos na política partidária brasileira. Entraram na disputa eleitoral temerosos de que a Constituição devolvesse à Igreja Católica antigos e exclusivos privilégios. Temiam também que a nova carta incluísse a defesa dos homossexuais, dos comunistas, das feministas, da liberalização do aborto, do uso de drogas, e de outros temas contrários à moral pregada por suas igrejas.

De lá para cá, essa participação só fez crescer. Para a atual legislatura, os evangélicos elegeram 75 deputados federais e três senadores. Reunidos na chamada bancada evangélica, costumam votar coesos desde o início.

Força crescente na política nacional, a bancada evangélica leva adiante suas bandeiras moralizantes, procurando influir nas votações no Congresso e assumindo cargos decisivos no Legislativo e no Executivo. Mas também tem que lidar com projetos de leis que regulam a economia e outros campos da vida do país, sobre os quais os diferentes partidos a que seus membros estão filiados certamente têm mais a dizer que suas igrejas.

A **Folha**, em texto publicado em 13/10/2015, baseado em pesquisa do Datafolha que ouviu 289 deputados e 51 senadores, e uma amostra nacional de 10.059 eleitores, mostrou que os parlamentares, tomados em conjunto, são menos conservadores que a população que representam quando se trata de temas comportamentais, como homossexualidade e migração.

Isso significa que leis que legitimem novos costumes e mudanças comportamentais em curso no mundo moderno podem ser aprovadas no Congresso e derrotadas num plebiscito. Não deixa de ser verdade também que o Supremo Tribunal Federal tem se mostrado ainda mais à frente em termos de liberalização dos costumes, deixando para trás o Congresso e ainda mais distante a população.

Em temas ligados à regulação da economia, a coisa se inverte. A população concorda mais com posições usualmente defendidas pela tradição das esquerdas do que os parlamentares.

Incluindo agora na comparação a bancada evangélica, pode-se ter uma boa ideia do significado político desse grupo religioso, que tem assustado políticos e analistas.

A bancada evangélica e os congressistas endossam menos que o eleitorado as ideias segundo as quais a pobreza tem como causa a preguiça, os migrantes são responsáveis por problemas sociais, a maldade da pessoa explica o crime, e acreditar em Deus torna as pessoas melhores. O eleitorado é igualmente campeão na defesa da pena de morte como punição ideal, assumindo também que adolescentes criminosos devam ser punidos como adultos.

No campo da sexualidade, porém, a bancada evangélica realmente se destaca como fração contrária à modernização dos costumes: seu apoio à ideia de que a homossexualidade deva ser desencorajada por toda a socieda-



de é marcada pela taxa de 46%, bem atrás dos 27% observados para o eleitorado e muito distante dos 14% do conjunto do Congresso. Sem dúvida, parece ser essa a coroa que encima seu brasão moral, entre outras notórias rejeições antimodernas de caráter moralista. Mesmo com assento na mais importante assembleia do país, a maioria dos representantes evangélicos mantém seu foco nos costumes que a sociedade, cada vez mais, transforma em marcas do passado. Em outras pautas, parece aprender com a Casa e seus partidos.

**ECONOMIA** No campo da economia, os deputados e senadores, bem como a bancada evangélica, se alinham mais a posições tradicionalmente identificadas como de direita, ou mais próprias do liberalismo econômico, ao contrário do pensamento do eleitorado. Congressistas, evangélicos ou não, rejeitam mais que os eleitores a intervenção do Estado nas empresas, apostam menos nos programas sociais para melhorar a vida da população e defendem mais a ideia de que cabe às empresas privadas conduzir o crescimento econômico.

Quando se trata de posição mais afinada com o pensamento de direita ou com certo liberalismo econômico, mesmo se pondo mais perto do Congresso e mais longe do povo, a bancada evangélica tende a se mostrar algo mais radical que os parlamentares em seu conjunto, como é próprio das minorias, sobretudo as religiosas.

Reunidas as questões apresentadas em um índice que situa os grupos pesquisados num gradiente esquerda-direita, constatou-se que a bancada evangélica se posiciona bem mais à direita (64%) que o Congresso como um todo (47%) e a população de eleitores (45%). Mas a coisa muda de figura quando separamos os temas comportamentais dos econômicos.

*Ao passar do comportamento para a economia, o povo vai mais para a esquerda, o Congresso se desloca para a direita, e a bancada evangélica se mantém conservadora*

No que diz respeito ao comportamento, a bancada evangélica se mostra à direita (com 42%), perto do eleitorado (55%), e em largo contraste com o Congresso, com seus 17% de escolhas. Quanto à economia, a bancada evangélica, com 43% dos casos dados às alternativas de direita, se aproxima do Congresso, que marca essa posição com 46% e se afasta do povo, que prefere este lado em 30% dos casos.

**TROCAS** Ao passar do comportamento para a economia, o povo muda da direita para a esquerda, o Congresso se desloca da esquerda

para a direita, e a bancada evangélica se mantém na mesma posição de direita, embora menos extremista.

A bancada evangélica, senta-se à direita com o povo brasileiro quando o assunto é comportamento, e se senta também à direita, mas agora na companhia dos seus pares no Congresso, quando preferencialmente se trata de assuntos econômicos. Muda de parceiros conforme olha ou para o indivíduo e sua intimidade ou para o Estado e seus problemas econômicos. Mas não muda de gosto, nem de lado. ←

## POLÍTICA

ESTATÍSTICA

### LADO A LADO

Posições sobre questões de comportamento e de economia assumidas pela população de eleitores brasileiros, conjunto dos parlamentares do Congresso Nacional e membros da bancada evangélica, em %



Bancada evangélica



Parlamentares



Eleitorado

Tendência à esquerda

Tendência à direita

#### USO DE ARMAS

A posse de armas deve ser proibida, pois representa ameaça à vida de outras pessoas



Possuir uma arma legalizada deveria ser um direito do cidadão para se defender

#### ORIGEM DA POBREZA

Boa parte da pobreza está ligada à falta de oportunidades iguais para que todos possam subir na vida



Boa parte da pobreza está ligada à preguiça de pessoas que não querem trabalhar

#### CAUSA DA CRIMINALIDADE

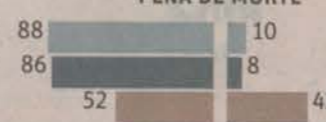
A maior causa da criminalidade é a falta de oportunidades iguais para todos



A maior causa da criminalidade é a maldade das pessoas

#### PENA DE MORTE

Não cabe à Justiça matar uma pessoa, mesmo que ela tenha cometido um crime grave



A pena de morte é a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves

#### USO DE DROGAS

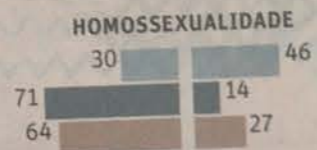
O uso de drogas não deve ser proibido, porque é o usuário que sofre com as consequências



O uso de drogas deve ser proibido porque toda a sociedade sofre com as consequências

Glitzern kommt in seine Augen, und er sagt: „Mein lieber Kånsterle, ist das alles? Eilend hockt der Weihnachtsmann im Sessel, während Paul und Konradie unter dem Sofa hervor kuecheln. Ein kalter Wind zieht durch die Stube.“

A homossexualidade deve ser aceita por toda a sociedade



A homossexualidade deve ser desencorajada por toda a sociedade

Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor



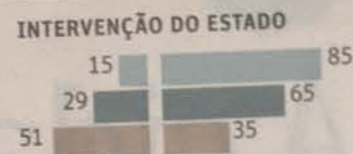
Acreditar em Deus torna as pessoas melhores

Adolescentes que cometem crimes devem ser reeducados



Adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos

É bom que o governo atue com força na economia para evitar abusos das empresas



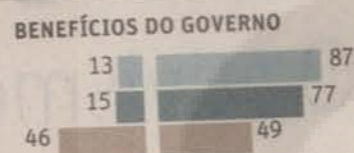
Quanto menos o governo atrapalhar a competição entre as empresas, melhor

É preferível pagar mais impostos ao governo e receber serviços gratuitos de educação e saúde



É preferível pagar menos impostos ao governo e contratar serviços particulares de educação e saúde

Quanto mais benefícios do governo eu tiver, melhor estará minha vida



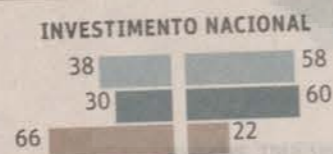
Quanto menos eu depender do governo, melhor estará minha vida

O governo tem o dever de ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência



O governo não deve ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência

O governo deve ser o maior responsável por investir no país e fazer a economia crescer



As empresas privadas devem ser as maiores responsáveis por investir no país e fazer a economia crescer

Institut für Brasilienkunde

